

TELMA MACIEL DA SILVA

POSTA-RESTANTE: um estudo sobre a correspondência do
escritor João Antônio

(Volume II)

ASSIS
2009

TELMA MACIEL DA SILVA

POSTA-RESTANTE: um estudo sobre a correspondência do
escritor João Antônio

(Volume II)

Tese apresentada à Faculdade de Ciências
e Letras de Assis – UNESP –
Universidade Estadual Paulista para a
obtenção do título de Doutor em Letras
(Área de conhecimento: Literatura e Vida
Social).

Professora Orientadora: Prof. Doutora
Ana Maria Domingues de Oliveira

ASSIS
2009

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
PARTE I: “É vida. E por isso mesmo, muita literatura”	27
1.1 As cartas não mentem jamais?	28
1.2 Apenas fontes primárias?	36
1.3 Meu nome não é João	50
1.4 João Antônio: escritor x mercado	60
1.4.1 Anos sessenta: “um laureado e estrepado autor”	61
1.4.2 Anos setenta: Retorno “em estilo grosso, transado e enlouquecido”	73
1.4.3 Anos oitenta: “O empurrão deverá ser dado pelo público estudantil”	89
1.4.4 Anos noventa: “Este é o país que maltrata e mata seus filhos talentosos antes do tempo”	108
1.5 O escritor e a crítica	112
1.5.1 João Antônio crítico	117
1.5.2 João Antônio crítico da crítica	125
1.5.3 A crítica e o canto da sereia	137
1.5.4 João Antônio ensaísta – intersecções entre teoria e literatura	143
PARTE II: Memórias sentimentais	150
2. 1 Uma poética do presente	159
2.2 Carta: performance e literatura	167
2.3 Da sinuca ao carteadado: a jogo ou a passeio?	190
2.4 Do começo ao fim: saudações e despedidas – componentes de um universo ficcionalizado	210
2.5 Falso Mirante: miragens da elaboração do espaço joãoantoniano	217
2.6 Do livro para o mundo: percurso das personagens afamadas de João Antônio	233
2.7 “Uma força”: carta ou conto? Conto-carta?	250
2.8 “Pula o sapo não por boniteza, mas por precisão”: um olhar acerca dos ditos populares utilizados e recriados pelo autor	259
CONSIDERAÇÕES FINAIS	265
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	279
APÊNDICE A – Descrição detalhada de todas as missivas enviadas por João Antônio....	296
ANEXO A: Artigos de Jácomo Mandatto sobre João Antônio encontrados na Coleção de artigos	364
ANEXO B: Longa entrevista (inérita) de João Antônio cedida a Ary Quintella.	390

Nota: resolvi anexar os textos a seguir por um desejo de torná-los mais acessíveis aos pesquisadores da obra de João Antônio. A escolha destes se deu por serem inéditos – como é o caso da entrevista cedida por João Antônio a Ary Quintella, e das cartas, das quais apresento apenas um resumo, uma vez que seria inviável reproduzi-las na íntegra. No que diz respeito aos artigos de jornal, considereirei que era importante fazer uma antologia com as críticas feitas por Jácomo Mandatto acerca da obra do escritor, mais uma vez, com o intuito de facilitar o trabalho de pesquisas futuras. Nesse sentido, a série intitulada “João Antônio: aberto para balanço” merece atenção especial, pois transcrevi os originais datilografados, mantendo a ordem dada pelo jornalista (nas versões publicadas houve cortes). Importa ressaltar que nem todos os artigos a que Mandatto se refere nas cartas aparecem aqui transcritos, uma vez que não foram encontrados na Coleção.

APÊNDICE A: Descrição detalhada de todas as missivas enviadas por João Antônio a Jácomo Mandatto¹.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **15/10/1962** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia agradecendo aos organizadores do “Prêmio Menotti del Picchia”, do qual participou com o conto “Meninão do Caixote”, ficando em segundo lugar, com a primeira menção honrosa. O escritor informa que teria o maior prazer em comparecer à solenidade de entrega do prêmio e aproveita para tecer uma série de elogios aos organizadores. Sobre o texto ganhador, “Dentro do balaio e outras histórias”, João Antônio diz que “deve ser obra de um escritor de verdade”.

Em seguida, ele conta que tinha ganho o Concurso de Contos Alvorada, promovido pela Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo e que recebera menção honrosa no concurso de crônicas da Academia de Letras de Teresópolis. O contista informa, ainda, que a União Brasileira de Escritores tinha lhe dado o Prêmio Fábio Prado e que acabara de assinar contrato com a editora Civilização Brasileira, que lançaria seu livro no primeiro semestre de 1963.

Para encerrar, João Antônio reitera os agradecimentos à Comissão Julgadora e reafirma que estaria presente na solenidade de entrega dos prêmios.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **29/10/1962** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia informando os motivos que o teriam impossibilitado de ir à Itapira para a cerimônia de entrega do “Prêmio Menotti del Picchia”. Segundo diz, teve um compromisso de última hora: o poeta Paulo Bonfim necessitava de sua presença na gravação de um programa televisivo.

Em seguida, o escritor conta que tinha recebido um telefonema de José Paschoal Rossetti, ganhador do prêmio, em que este lamentava a sua ausência na cerimônia e tecia-lhe uma série de elogios. João Antônio diz, então, que a carta não era apenas um pedido de desculpas, pois enviava em anexo uma cópia de carta que lhe fora enviada por Paulo Rónai.

¹ Trata-se de um breve resumo de cada carta enviada por João Antônio a Jácomo Mandatto. Neste apêndice, o leitor encontrará uma relação das missivas, seus conteúdos e alguns comentários que buscam esclarecer trechos obscuros.

Este informava ao escritor paulista que o conto “Malagueta, Perus e Bacanaço” tinha sido entregue à *Revista Sr*, que se mostrava disposta a publicá-lo.

Para encerrar, o contista pede de volta as cópias de “Meninão do caixote” que foram enviadas por ocasião do concurso de contos promovido pelo Centro Itapireense de Cultura e Arte.

Obs – a carta de Paulo Rónai encontra-se anexada à de J. A. enviada a Mandatto.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **06/12/1962** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio, nesta carta, pede que Mandatto lhe devolva as três vias do conto “Meninão do caixote”, que foram enviadas na ocasião do concurso de conto “Menotti del Picchia”, promovido pelo Centro Itapireense de Cultura e Arte. Em tom bastante formal, o escritor informa que precisava das cópias, pois pretendia participar de um concurso a ser promovido pela Academia Brasileira de Letras e não dispunha de nenhum original.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **17/12/1962** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio, de início, agradece a Mandatto por sua última carta. Em seguida, ele informa que José Armando [Pereira da Silva] lhe havia devolvido os originais do conto “Meninão do caixote”. O escritor conta, então, que tinha lido os contos de José Paschoal Rossetti e tece algumas considerações a respeito: “Gostei e não gostei dos contos de José Paschoal. Há, a meu ver, certo desequilíbrio comprometedor entre forma e conteúdo. Acho, para ser mais simples: o conteúdo não merece forma tão boa”.

Mais adiante, João Antônio conta que “Meninão do caixote” acabara de ser premiado em um concurso de contos do jornal *A tribuna da Imprensa* e que o texto comporia uma antologia com os melhores contos premiados. O contista informa, ainda, que o concurso era coordenado por Esdras do Nascimento e Luiz Lôbo.

A seguir, o escritor faz alguns comentários a respeito da literatura de vanguarda: “Gosto da turma de vanguarda. A maioria, entretanto, na prosa, me parece inculta demais. Não sei se conseguirão fazer alguma coisa mais do que já fizeram Joyce e Faulkner”.

João Antônio trata, em seguida, das condições precárias da vida cultural brasileira. Para o escritor, nos países subdesenvolvidos ou, em suas palavras, “super-explorados”, as únicas culturas que se sobressaem são as poligâmicas e etílicas: “Aliás, considero-me cultor das duas, que as considero da maior nobreza. E as prezo com a maior das reverências. Arruaceiros e polígamos e alcoólatras são criaturas excelentes, de um grande amor à vida, aos cachorros, às crianças, às madrugadas”. Logo em seguida, o contista fala sobre a doença do papa, que segundo diz estava com câncer no estômago. O escritor diz que isto era “uma pena”, pois “na história do catolicismo era o único que sempre me foi simpático e sensato”.

Para encerrar, João Antônio diz não ter idéia do significado do período natalino para Mandatto. Para ele, no entanto seria “apenas uma temporada em que os preços dobram-se nas lojas porque Jesus vai nascer”. E ainda: “É também a temporada em que os meus porres e cópulas costumam se duplicar”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **21/01/1963** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia falando de José Armando Pereira da Silva, que, segundo diz, trata-se de “rapaz inteligente de verdade” e com muita visão crítica. Mais à frente, o escritor agradece a Mandatto por ter votado em sua crônica, num concurso de crônicas realizado em Jundiaí. Lamenta, no entanto, não ter ganhado o prêmio, pois precisava de dinheiro: “Vou a concursos literários, honestamente, visando dinheiro. Também cultivo as relações poligâmicas, donde se poderá concluir facilmente que necessito de vários vencimentos. Um para comer, beber, vestir, morar. Outro para as mulatas”.

Em seguida, João Antônio reclama com Mandatto por não ter recebido a sua medalha pela primeira menção honrosa do prêmio “Menotti del Picchia”, de Itapira.

Para encerrar, o contista informa que enviava em anexo o seu “auto-retrato”, para o qual pedia a opinião de Mandatto. Além disso, ele diz que, caso o jornalista quisesse publicá-lo em algum suplemento literário ou de artes, tinha a sua autorização, e que se esta publicação rendesse algum dinheiro, que lhe enviasse.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **29/01/1963** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia fazendo algumas considerações a respeito do dinheiro e diz que Mandatto estava certo quando, em carta anterior, o tinha chamado de “merda”. Em seguida, o escritor comenta a entrega do prêmio Renata Crespi, dado pela União Brasileira de Escritores. Ele reclama do ambiente e da falta de publicidade dada ao evento: “*Entregaram a merda de Cr\$50 mil em círculo fechado, à praça Antônio Prado, num salão da sede do Jockey Clube. Merda, merdíssima. Ambiente rococó com velhotes, pederastas e velhotas gagás. Filhos da puta*”. E mais à frente: “*Não se deu uma nota nos jornais. Não me fotografaram nem por reza brava*”. O escritor informa, também, que o Prêmio Fábio Prado não seria mais dado, se encerraria com ele.

João Antônio trata, ainda, da premiação da UBE e diz que se vingara tomando dez doses de uísques caros: “*Entretanto, bebi como um Rasputin. Disse palavras às senhoras presentes, disse-lhes placidamente que liberdade eu só tenho no seio da malandragem. Disse-lhes também que prefiro as negras. Minha alma é africana*”. O escritor conta que, além disso, tinha bebido ainda mais na festa em homenagem a Mário da Silva Brito, pela sua partida para o Rio de Janeiro, onde comporia a direção da *Civilização Brasileira*.

Para encerrar, o contista informa que enviava em anexo o seu “auto-retrato” e um exemplar do livro *Cemitério dos elefantes*, de Dalton Trevisan. Ele diz, também, que precisava ir a Itapira e que José Armando o teria visitado. Este, segundo João Antônio, andava “*enojado com a condição de doutor...*”. Para o contista, “*Doutor é uma forma de xingamento*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **30/01/1963** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio fala nesta carta sobre o escritor gaúcho Dalton Trevisan. Ele pede que Mandatto leia o livro *Cemitério dos elefantes* e lhe mande a sua opinião. Para João Antônio, os contos “Os botequins”, “A armadilha”, “Beto” e “Roupão” mereciam maior atenção. O escritor termina afirmando: “*A meu ver e sentir, tirante Clarice Lispector (quando contista) Dalton está a muitos furos acima do resto da cambada. Bem acima*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **15/02/1963** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia dizendo-se irritado com a possibilidade de extravio de um material (seu “*auto-retrato*” e a coletânea *Cemitério dos elefantes*, de Dalton Trevisan) que teria enviado a Mandatto e a José Armando.

Em seguida, o escritor informa que acabara de fazer a revisão das primeiras provas de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e, ainda, que este deveria seguir para o Rio de Janeiro pelas mãos de Guido Wilmar Sassi.

Mais adiante, João Antônio fala de um projeto para o segundo livro, no qual já havia começado a trabalhar. O título provisório era, até o momento, *Recado de Drácula*: “... *será um caderno de aforismos. Mistura de humor negro com aquilo que penso da vida e das cachorradas que tenho recebido*”. E mais à frente: “*Reergo nele a figura mal entendida do triste e solitário vampiro. Eu o redescubro e lhe confiro dimensões de solidão e tragédia na horrível condição de morto-vivo. Entretanto, esta condição é apenas parecida com a pobre condição humana. Então, amorosamente, meu Drácula pensa, sente, ama, humilha, reclama, através de aforismos e insolência*”.

Para encerrar, o contista pede a opinião de Mandatto a respeito do projeto de seu segundo livro e faz comentários sobre a vida boêmia do amigo José Armando.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **05/03/1963** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia dizendo-se contente com o fato de Mandatto ter recebido e lido *Cemitério de elefantes*, de Dalton Trevisan. O escritor fala rapidamente sobre o que chama de “*a merda em que se encontra atolado o escritor brasileiro*”. Em seguida, ele pede que Mandatto busque espaço em veículos jornalísticos da região para publicar o seu “*auto-retrato*”.

Mais adiante, o escritor conta que vivia um momento de muitas brigas: “*Estou atravessando uma fase profusa, crítica. Brigas em tudo quanto é canto. Brigas comigo mesmo também*”. O autor, então, volta-se para o projeto em que trabalhava no momento, a escrita do livro *Drácula, Draculorum, amém!* João Antônio diz que o livro seria um *Maldito* e que, provavelmente, nem a Editora Civilização Brasileira aceitaria editá-lo, por isso, pensava em conseguir algum dinheiro e publicá-lo numa edição de cordel. O contista afirma que aquele era “*um negócio para valer*” e, ainda, que só o mandaria ao jornalista quando estivesse pronto: “*O livro só vale inteiro. Tem umas sutilezas na estrutura, uma frase contradiz a outra e isto fazendo constrói um reforço para a que a contradisse*”. Além disso, o autor diz que há no livro o seu testamento misturado ao de Drácula.

João Antônio conta que passara todo o carnaval trabalhando em *Drácula, Draculorum, amém!*, mas o amor que sentia por ele compensava tudo o trabalho “*cavalar*” que vinha tendo.

A seguir, o contista refere-se a um recorte do jornal *Folha de São Paulo*, que trazia matéria sobre ele e Dalton Trevisan. João Antônio comenta, então, a escolha do *orgulho* para o escritor gaúcho como tema para a antologia dos sete pecados capitais: “*Acho, como leitor de Dalton, que a luxúria lhe iria melhor. Que acha?*”.

O escritor refere-se rapidamente a um artigo publicado sobre ele, do qual não dá referências de órgão e data, do autor diz apenas o sobrenome: “*E o Arroyo me joga umas lantejoulas dizendo-me médico radiografista do submundo paulistano. Besteiras do Arroyo*”. Logo a seguir, João Antônio conta que andava “*brigado no emprego, meio brigado em casa,*

brigado com a mentalidade mais-sacana-que-já-vi da polícia do senhor Adhemar de Barros...”.

Mais à frente, o contista volta-se para o amigo José Armando, que segundo afirma seria “*outro infeliz com a mania péssima: honestidade*”. João Antônio diz ainda: “*Esta porra não se usa mais, Jácomo. A falência agora é total e não admite nuanças. Há que se ser filhoda-puta legítimo.(...). Tudo que o homem pode fazer de bom não deixam. (...). Montar um negócio, fazer especulação, explorar os infelizes seus semelhantes deixam*”.

O escritor enumera uma série de órgãos que lhe estariam devendo dinheiro ou que tinham artigos seus e não tinham publicado até aquele momento, entre eles o *Jornal do Comércio*, a *Tribuna da Imprensa* e o *Estado de São Paulo*. Para encerrar, fala sobre o lançamento de *Malagueta, Perus e Bacanaço*: “*Ênio Silveira e Mário da Silva Brito botam fé no meu livro de estréia. Fala-se em 10.000 (dez mil) exemplares. Mas temo que não se venda um mil. A Civilização Brasileira muito provavelmente vai levar na cabeça por minha causa*”. *Bem... êles sabem o que fazem. Eu vou fazer um barulho dos diabos para ver se consigo vender o maior número de exemplares. Partirei para uma porrada das grandes ignorâncias*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **21/03/1963** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia dizendo-se muito atarefado com as provas de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, que já estavam nas mãos de Ênio Silveira e Mário da Silva Brito. Segundo o escritor, estes estavam sendo perseguidos pela polícia: “*cidadãos mal comportados, no encalço dos quais anda a polícia do Lacerda e os outros filhos da puta da direita*”. A seguir, ele tece comentários a respeito de Prestes Maia, “*Sonâmbulo inveterado e decrepto que tenta imitar aquele personagem de Akira Kurosawa de ‘O homem mau dorme bem’*”; e ainda, sobre Adhemar de Barros, que, na sua opinião, trata-se de um “*doutor professor de rufianismo*”.

Depois de tecer mais alguns comentários a respeito do governo de Adhemar de Barros, o contista volta-se para o amigo José Armando Pereira. Segundo diz, este era o organizador de “*folha literária de um jornal de Santo André, cujo nome é uma gradíssima bosta – News Seller...*”. Para o escritor, esta era uma publicação muito boa, no entanto, o nome não condizia com um centro proletário, como Santo André.

Mais à frente, o contista pergunta a Mandato se este já arrumara lugar em Itapira para seu “*auto-retrato*”. Logo adiante, ele informa que continuava escrevendo *Drácula, Draculorum, Amém!*, livro que não chegou a ser publicado, segundo informações de carta posterior, por decisão dele próprio. Pelo que se pode perceber, o livro estava em estado adiantado, pois João Antônio diz que ainda naquele mês enviaria os originais à Civilização Brasileira. Para encerrar, ele descreve suas impressões sobre a cidade de São Paulo: “*A cidade é envolvida por um bafo inequívoco, um corruscante cheiro de merda sobe dos bueiros*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **25/03/1963** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio fala nesta carta de um cágado que teria encontrado em uma rua da Vila Ipojuca: “*Eu andava e subia uma rua das de Vila Ipojuca quando de repente... me seguia um cágado. Um cágado me seguia sutil e andarilho, com sua cabeçinha e talvez até tivesse sêdes com êste aqui*”.

A história que o escritor conta a Mandatto é muito parecida com o enredo do conto “Uma força”, publicado no livro *Abraçado ao meu rancor*, em 1986: “*Os de casa tiveram*

medo do cágado. Ou quase. Mas quiseram dar-lhe um nome. Disseram muitas bobices e a menor foi esta: que eu o batizasse com o imperial nome de Maximiliano.

Nada disso. Meu cágado é o cágado. O Cágado. Vai nesse nome sofrimento, solidão e anonimato...

João Antônio, para encerrar, fala das providências que tomara para ficar com o cágado, como ligar para o Instituto Butantã, providenciar-lhe uma casa, entre outras coisas e, ainda, do amor que sentia pelo réptil: *“Peço ao Senhor das esferas, não o Deus fantasiado, esculpido ou rezado das igrejas, mas a um Deus de consciência cósmica, eu peço, Jácomo. Só faz um dia... Mas que o cágado não morra antes de mim”*.

Obs: Trata-se de uma das cartas mais explicitamente literárias de todo o conjunto.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **02/05/1963** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio saúda Mandatto e diz que em breve deixaria de ser um autor inédito. A seguir, ele pede ao jornalista para que não lhe envie mais correspondência para a rua Conselheiro Crispiniano, pois este era um endereço *“nauseabundo, pestilento...”*: *“Este é o endereço onde este aqui se prostituiu a troco de nada. Sim, porque alguns dinheirinhos com que pagar comida, apartamento e alcalóides metélicos e etélicos, não passa de MERDA”*. O escritor, então, informa o número de sua caixa postal, para onde deveriam ser enviadas suas correspondências. A seguir, ele pede ao jornalista para que não o chame só de João e sim de João Antônio: *“João só, dá a impressão de João ninguém ou qualquer João. Meu nome é João Antônio, me desculpe”*.

Mais adiante, o contista agradece rapidamente pela lembrança que Mandatto lhe propiciara da poesia de Carlos Cintra. Ele fala, ainda, que tinha gostado de uma crônica intitulada *“O Frango”*, de autoria de Mandatto. Depois, João Antônio volta-se para a figura do amigo José Armando Pereira da Silva, que, segundo diz, estava *“estrepado, funhanhado, englobado”*. Ao que parece, ele se refere à mudança de José Armando para a cidade de Santo André. O escritor fala, então, sobre a visita que recebera de *“Ruy Apocalipse”*: *“A cidade ficou-me mais profusa e mais intensa com o seu aparecimento. Insistia por um centro espírita, por um médium, por um passo ou pelo menos, por uma tenda de umbanda. Queria um Deus, queria um Deus na noite paulistana”*. O escritor conta que saíra na companhia de Zé Armando e Ruy e que este último os teria deixado num bar da rua Marquês de Itu.

Mais à frente, João Antônio volta-se para *Malagueta, Perus e Bacanaço*, que tinha lançamento agendado para a segunda quinzena daquele mês. Ele informa que Mário da Silva Brito escrevera o texto para a orelha do livro e, ainda, um artigo crítico para o Suplemento Literário do jornal *O Estado de São Paulo*. O contista expressa a sua vontade de que Jácomo comparecesse ao lançamento, para que pudessem se conhecer pessoalmente.

João Antônio fala, então, de seus costumes boêmios: *“Nasci para vegabundear, beber e pernoitar por aí, como qualquer um dos meus personagens”*. E mais adiante: *“Sim, Jácomo, além das rosadas bocetinhas em flôr, pouca coisa se salvará deste mundo infeliz em que nascemos”*. Segundo diz, no reino dos céus só haveria lugar para os *“muito ricos”*, por isso, era necessário transformar este mundo em um céu, *“Com mulatas e todo o resto”*.

Para encerrar, o contista trata da sua vida profissional. Diz que já havia três anos que não tirava férias e que a Agência Pettinati sequer tinha lhe pago em dinheiro. Como recusaram seu último pedido, ele conta que fora ao Ministério do Trabalho dar entrada em um processo trabalhista.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **07/05/1963** DATA DA POSTAGEM: **07/05/1963**
 LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia tecendo considerações a respeito da aparência física de Mandatto. Segundo afirma, considerava a própria “cara” menos feia que a do amigo. O escritor, então, explica que o fato de andar “descabelado e barbado e sem gravata o tempo todo” era uma forma de livrar-se “dos frescos e imbecis (...), que certamente me têm como louco ou anarquista. O que me agrada divertidamente”.

Em seguida, ele fala sobre a ação judicial que movia contra o grupo “Pettinati”, que, segundo afirma, estava devendo direitos trabalhistas para várias pessoas. João Antônio informa que pretendia fazer uma denúncia por escrito sobre tais irregularidades: “*Em suma, os Pettinati fo-der-se-ão. Nas totalidades da cívica e muito amada a bandeira nacional: verde, amarelo, azul e branco. Por Drácula, que se foderão*”.

Mais adiante, o escritor conta que soubera que Mandatto tinha ficado de “pileque” na festa de casamento da irmã de José Armando Pereira da Silva. Ele comenta então os palavrões que teriam sido ditos pelo amigo na referida festa e o convida a aparecer um dia na Pettinati para que, bêbados, possam insultar os donos da empresa.

A seguir, João Antônio diz que aguardava a resposta de Mário da Silva Brito sobre o dia do lançamento de *Malagueta, Perus e Bacanaço* para que pudesse “aparecer na televisão, visitar os jornais e distribuir convites para Deus e todo o resto da curriola”. Ele conta, também, que no dia anterior tinha tomado um porre na companhia de José Armando Pereira: “*Salve a cultura etílica e também a metílica*”.

Para encerrar, o contista informa que receberia ainda naquele mês, ou início do outro, algum dinheiro extra, referente aos direitos que os Pettinati lhe deviam. Ele conta, então, que pretendia gastá-lo “entre mulatas, morenas, negras e o mais geral das bucetas”. João Antônio diz ainda: “*Viva a vagina! Viva a onírica vagina, pois, que de uma também fomos saídos. Viva o canaculinguismo, salvo os grandes minetis e as delirantes chupações! À merda todos os falsos moralistas e os brochas em geral (os Pettinati velhos, especialmente) e todos os preconceitos e frescuras! Partamos, unidos e convictos, língua em riste, para o meio das pernas das mulheres, onde, entre pelos e calor, repousam as vaginas em flor! Partamos também para o amor anal e para todas as posições do sagrado coito, façamo-lo sem restrições*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **08/05/1963** DATA DA POSTAGEM: **08/05/1963**
 LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Trata-se de uma dedicatória escrita na parte dentro da capa do volume *Homenagem à ternura*, publicada por ocasião do dia das mães, que traz textos de Renata Pallottini, Hilda Hilst, Pedro Bloch, Jorge Medauar, De Castro e Silva, Décio Bittencourt e Fernandes Soares.

Por tratar-se de uma dedicatória, consideramos mais adequado transcrevê-la inteira:

“Para

Jácomo Mandatto, um Drácula em Itapira.

Apesar das pixotadas gerais e das sentimentaladas especiais, especialmente dos senhores e senhoras poetas (as poetisas ultimamente exigem que as chamemos de POETAS). Poesia é assexuada – dizem aquelas donas. Quando nós, paupérrimos mortais e matusalênicos pecadores, talvez apenas – quiséssemos possuí-las.

Entretanto, há trechos bons. Leia Pedro Bloch, por exemplo.

Um abraço de seu dracular irmão dentuço

João Antônio”

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **24/05/1963** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 3

João Antônio inicia dizendo-se “*intranqüilizado*” com alguns desentendimentos profissionais. Ele diz que tinha motivo para estar “*arrasado por dentro*”, no entanto, a literatura tinha nele o poder terapêutico: “*Terapêutica, forma estranha de vingança e reconstrução, cópula mental, namoro comigo mesmo, luz, fonte, martírio e insatisfação também. Seriam necessários muitos adjetivos, advérbios, substantivos e verbos para esclarecer o que se passa comigo diante da literatura. Jácomo, ela me arranca do caos. Puxa-me pelos cabelos, pelas pernas, pelas ventas. Como naquele diário imenso (e de tão poucas palavras) que Emanuelle Riva repete: ‘Tu me matas. Tu me consolas’. Assim. Como em ‘Hiroshima, mon amour’*”.

Em seguida, o escritor conta que já tinha as notas necessárias para escrever o seu romance sobre a publicidade e seus “*fétidos padrões e exploradores*”. Ele informa, ainda, que resolvera intitulá-lo como *Irmãos Raccatti LTDA*. O contista volta-se, então, para a linguagem e soluções técnicas que pretendia aplicar no texto. Deste assunto ele trata demoradamente. Fala de sua pesquisa com relação ao linguajar utilizado pelos publicitários, a quem chama de “*malandros engomados*”, e do porquê do nome *Raccatti*. Segundo João Antônio, a escolha deste nome teria sido por conta de sua aparência com o verbo *raccattare*, que em latim significa tomar, pegar: “*Logo, irmãos que tomam, que pegam, que tomam o que não lhes pertence. Irmãos que RAPAM tudo*”.

O escritor, a seguir, faz uma rápida descrição do início da história de *Irmãos Raccatti LTDA*. Ele fala, também, da “*arraia miúda da propaganda*”, a que se misturam os ricos e vitoriosos: “*A miséria humana, a incomunicação, a solidão de um artista, as bandas dos diretores, a verminose eloqüente que anda na cara dos meninos estragadores de coisas, as briguinhas por causa de cinquenta mil réis. A exdruxularia passeando. Os melhores cobradores são sempre péssimos pagadores. O sentimento de menos valia que envolve o artista, sua errada verificação de uma falência que nada tem a ver com ele mesmo. O homem torcido, os canalhas sempre marchando para uma vitória. A modelo prostituída, os homens, as máquinas de escrever, o telefone. A menina do telefone. O pintor de painéis lá está no ar, pendurado a uma corda, dando a vida a troco de... De pão. São homens sem direito, sem eira nem beira. Um malandro diria: - Êsses caras aí estão numa merda que faz gôsto*”.

João Antônio fala, ainda, do enredo e de alguns “*tipos bons*” que pretendia inserir no romance. Para encerrar, ele transcreve um trecho da história e pede que Mandatto lhe dê sua opinião a respeito.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **27/05/1963** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio fala sobre a nota, anexada à carta, “*Os russos negam aplausos à obra de Shostakovitch*”, publicada pelo jornal *Estado de São Paulo* em 25/05/1963. Segundo ela, o compositor teria recebido fortes críticas de cunho ideológico com relação à sua terceira sinfonia. Para João Antônio, isto era uma “*prova de que nas esquerdas como nas direitas (...), o que não falta é a limitação*”. O escritor diz duvidar de que os críticos soviéticos, bem como os americanos, fossem capazes de uma única composição.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **31/05/1963** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia informando sobre o envio de uma foto para que Mandatto publicasse. Ele diz que não possuía uma única foto boa, pois fazia uns dois anos que não ia ao fotógrafo. Em seguida, ele se refere ao cágado que tinha achado pelos lados da Vila Ipojuca, segundo carta anterior, e diz que este estava bem. Mais adiante, o escritor fala de sua solidão: “*Eu é que estou só cá (dizem que só cá dá cacofonia) na minha vida. Uma solidão bêsta, Jácomo*”. Ele descreve o apartamento na avenida Rio Branco, em que se encontra sozinho, e diz: “*Eu bem que podia descer e para cá carregar uma fêmea*”. E, mais adiante: “*E daí? Hoje a fêmea viria, amanhã restaria um silêncio e um vazio dos infernos. E as paredes. (ando numa depressão danada)*”. Para encerrar o assunto, ele afirma que o jeito seria agüentar.

Por fim, o contista agradece ao jornalista por sua última carta e informa que no dia seguinte partiria para o Rio de Janeiro, onde ia resolver questões relacionadas a *Malagueta, Perus e Bacanaço* e tentar receber algum dinheiro de direito autoral.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **05/06/1963** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia informando que havia uns “*dez-doze*” dias que *Malagueta, Perus e Bacanaço* estava nas livrarias do Rio de Janeiro e que naquele dia aparecia nas de São Paulo. Em seguida, ele se refere a algumas notícias dadas pela Civilização Brasileira, as quais enviava a Mandatto para que ajudasse na divulgação da obra: *Utilize a fotografia que lhe enviei, dê por mim uma penada aí nos jornais de Itapira, de Campinas, etc*”. Para encerrar, ele informa o local do coquetel de lançamento do livro, que seria na Livraria Teixeira, no dia 21 de junho. O escritor informa, ainda, que teria ficado contente com a aparição, no escritório da Agência Pettinati, de Herman José Reipert, “*prefeito de ‘travessa do elefante, Sem número*”, que trazia o exemplar de *Malagueta, Perus e Bacanaço* de número “*sete mil trezentos e poucos*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **10/07/1963** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia informando que alguns volumes de *Malagueta, Perus e Bacanaço* que enviara pelo correio teriam se extraviado. Entre estes, estava o de Mandatto, que deveria esperar mais uns dez dias e, se não chegasse, o escritor enviaria outro.

Mais adiante, ele agradece pelo envio do recorte do artigo do jornalista, intitulado “*São Paulo desconhecido contado por João Antônio*” e pede que todas as vezes envie duas cópias, pois tem o compromisso de encaminhar sempre uma delas a Mário da Silva Brito.

João Antônio pergunta, então, se Mandatto tinha recebido sua foto para divulgação e, ainda, se os jornais de Campinas teriam se interessado por seus “*vagabundos unidos pela fome e desunidos pela gana de ganhar*”. O contista reclama do andamento das vendas de seu livro. Segundo afirma, todos dizem que *Malagueta, Perus e Bacanaço* estava indo bem, no entanto, ele tinha que andar muito para divulgá-lo e, até mesmo, vendê-lo.

Para encerrar, o escritor diz que enquanto não encerrasse integralmente a primeira edição, não sossegaria: “*Meti isto na cabeça e vou lutar contra todos os fatores adversos...*”. O autor reclama, ainda: “*Nos bordéis o meu livro é vendido, num salão de barbeiro também. Porque é que nas livrarias não se vende mais? Façam barulho, porra!*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **06/11/1963** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia justificando o fato de ter ficado sem dar notícias por um tempo: *“Acontece que me meti em trezentas e sessenta e oito atrapalhadas”*. Segundo afirma, teria abandonado a publicidade, o que significava um *“buracão”* do ponto de vista econômico. Outro motivo que dá para a sua ausência de notícias é o silêncio de José Armando Pereira da Silva e de José Paschoal Rossetti.

Em seguida, o escritor fala sobre as suas dificuldades pessoais, que estariam lhe afastando da literatura: *“Bem. As complicações de ordem financeira, sentimental e putanheira, têm-me afastado da única fonte na qual acredito. A literatura está, pois, a um canto. Quieta”*. No entanto, a vontade de escrever estava novamente *“apertando”*.

Mais adiante, ele fala sobre as vendas de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, que, em São Paulo, *“pingavam”*. O escritor conta, então, alguns episódios de sua vida pessoal: *“Crônica de minha vida: tive mais duas intoxicações bravas, uma infecção nos intestinos, uma semi-amante na cadeia por exploração ao lenocínio e artigos de jornal falando bem de mim”*.

Para encerrar, João Antônio volta a tratar de sua situação financeira. Segundo diz, *“um vendedor de pentes ou de gravatas”* da avenida São João ganhava mais que ele. Ele indica, ainda, que Mandatto leia um artigo seu publicado pelo *Última Hora*, *“sobre as atividades de Itapira no meio da malemolência geral”* (Trata-se do artigo *“Itapira, um esforço”*, publicado no jornal *Última Hora*, de 16 de novembro de 1963 – uma cópia deste texto compõe a *Coleção*).

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **03/04/1964** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 3

João Antônio inicia falando de suas impressões a respeito das conturbações políticas do momento: *“A revolução não veio. Inda bem – embora eu ache que ande tudo torto nestes brasis, uma coisa é líquida: Revolução civil seria uma estupidez”*. Em seguida, ele descreve os fatos, os quais, segundo diz, o povo teria ficado só olhando: *“As rádios ficaram uma só: Rêde da democracia. As rádios faziam tocar marchas patrióticas, mas o povo não queria saber de nada”*.

O escritor, mais adiante, fala a respeito das cassações promovidas contra estudantes, sindicalistas, comunistas, intelectuais, etc: *“Comunistas, civis e militares; estudantes e líderes sindicais, todos na cadeia”*. E em tom de ironia: *“Lacerda, Adhemar e Magalhães Pinto são os grandes campeões da democracia e da liberdade”*.

A seguir, João Antônio conta que ouvira tudo pelo rádio e que depois fora ler *O vampiro de Curitiba*, de Dalton Trevisan. Ele fala, então, que enviara uma carta *“esculhambando”* o autor, pois este, na sua opinião, devia ter publicado pela *“única editôra digna do país”*, a editora Civilização Brasileira.

O contista informa que já há algum tempo não encontrava o amigo José Armando. Ele informa, ainda, que o jornal *A nação*, onde trabalhara, tinha fechado: *“Fiquei na merda profissional. Mas não me apavorei não. Tenho muita concha nesta coisa de falência”*. João Antônio diz que pegou o dinheiro que lhe deviam e fora para Vitória – ES, onde encontrou Manoel Lobato: *“E fui pra Vitória (...). Caí nos bordeis”*.

Para encerrar, o escritor informa que quando o dinheiro acabou, pegara ônibus para o Rio de Janeiro e depois para São Paulo. Ele termina dizendo: *“Hoje estou aqui. Prostituo-me novamente. Em publicidade”*.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **25/04/1964** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia questionando o silêncio de Mandatto, José Armando Pereira e José Pashoal Rossetti: “*Estão com medo da polícia? Não sei porque: vocês não eram de porra nenhuma, politicamente falando...*”. O escritor, mais adiante, fala a respeito da ditadura militar e da devassa promovida em São Paulo pela “*Delegacia de Costumes*” sobre as “*prostitutas, vagabundos e viradores*”.

O contista parodia um trecho bíblico, para mostrar a sua indignação: “*Bemaventurados sejam os padres, os políticos, os capitães da indústria e do comércio, do atacado e do varejo, dos transportes e das especulações! Porque só deles será o reino dos céus. Viva eles!*”. Ele fala, então, que não se enquadra em nenhuma orientação política de direita, esquerda ou centro.

Mais à frente, ele trata da “*Marcha da Família com Deus pela Liberdade*”, promovida pela igreja católica: “*Gordas matronas. Cinquentões. Beatas e beatos de todas as idades, vinde! Alcemos vôo à conquista da democracia com terço na mão*”. Ainda em tom irônico, João Antônio cita o nome de vários artistas e intelectuais que tiveram seus direitos políticos cassados e diz: “*imbecis que andam por aí, falando em cultura, arte, fome, sociologia política, música, arte, arquitetura, livros e outras porcarias. Vamos aniquilar essa gentinha tôda*”.

Para encerrar, ele pede que Mandatto lhe escreva para tranquilizá-lo, além do que diz que estava se sentindo muito sozinho no meio da confusão, precisando conversar com amigos.

Obs – Em anexo, há um artigo, intitulado “*Querem desvirtuar a revolução, afirma D. Jaime Câmara*” – *O Estado de São Paulo*, 25/04/1964 – no qual o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro defende as ações da ditadura militar.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **20/11/1964** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia falando que naquele dia deveria ter recebido um certo pagamento e que não o recebera. Em seguida, ele diz que em sete dias completaria vinte e sete anos, o que provavelmente iria acontecer “*numa merda e bebedeira terríveis*”.

Mais adiante, informa que no final daquela semana ia ao Rio de Janeiro cobrar os direitos autorais em alguns veículos de imprensa. O contista afirma que muita gente estava lhe devendo: “*Todo mundo me deve, Jácomo*”. E ainda: “*Donde se conclui, sem muito esforço intelectual que, escrever é mero exercício de masoquismo no país*”.

Logo a seguir, João Antônio diz que tinha algumas coisas escritas, mas que elas ainda não tinham a “*dignidade necessária*”. Segundo diz, teria abandonado, desde o lançamento de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, os coquetéis, tardes de autógrafos e “*todo e qualquer tipo de fofocas literárias*”.

Para encerrar, o escritor informa que terminara alguns relacionamentos e, com isso, dedicava-se à leitura de alguns autores. João Antônio destaca os escritores norte-americanos: “*Gente que escreve com os colhões e não fica a fazer hora com probleminhas de forma, como fazem os nossos idiotas aborígenes, em sua grande maioria*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **25/05/1965** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia dizendo que enquanto Mandatto e José Armando Pereira da Silva tomavam porres em Itapira, ele “*escrevia como um danado mal dormido, para atender a um convite de um editor*”. Em seguida, ele fala sobre uma carta de Ênio Silveira – enviada ao jornalista em anexo – na qual o editor o convida para participar da coletânea *Os dez mandamentos*, a ser publicada pela editora Civilização Brasileira. Segundo o autor, este era um convite que deixaria honrado “*qualquer grande escritor brasileiro de todos os tempos*”.

Mais adiante, João Antônio conta que havia terminado a novela “Paulinho Perna Torta”, que entraria na coletânea e, ainda, que Mário da Silva Brito teria lido alguns trechos, dos quais gostou muito. Segundo o escritor, Herman J. Reipert e Maria Geralda do Amaral Mello, após ouvir a leitura da novela, disseram que ele tinha superado *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

O contista, para encerrar, intercede em favor de José Simon, um pintor amigo seu que tinha enviado ilustrações para um concurso em Itapira e queria seus originais de volta. Ele fala, ainda, sobre a ausência de José Armando, a quem não visitava por falta de tempo.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **08/06/1964** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia aconselhando Mandatto a se curar de seu resfriado com o uso de bebidas alcoólicas: “... *só existe uma saída digna. Alcalóides. Etilícos ou metilícos. Tanto faz e quanto mais, melhor para o resfriado*”. Em seguida, ele informa que tinha conversado com o pintor José Simón a respeito das “*cláusulas e coisinhas do itapirense concurso*” e ele as teria aceito.

Mais adiante, o escritor fala sobre seu projeto de escrever um livro denominado “*Drácula, draculorum, amém*”: “*acho que aquilo não é livro. É uma tolice igual a tantas outras e não se faz carreira literária com espécimens tais*”. Segundo diz, estava preocupado e ocupado com outras coisas.

João Antônio conta, a seguir, que sua novela “Paulinho Perna Torta” tinha sido aprovada pelo conselho da editora Civilização Brasileira e muito elogiada. No entanto, o escritor se diz insatisfeito com o texto: “*Tive muito pouco tempo para apresentar uma novela decente. Passei dois meses atordoados e, bem dizendo, meu método de trabalho literário não é aquele de trabalhar feito um afobado*”. E mais adiante: “*Sou um esquizofrênico da forma. A palavra me aporrinha e só me sossego, quando encontro a expressão verdadeira*”. O escritor afirma que voltaria a mexer em “Paulinho Perna Torta” depois, com mais calma, pois tinha muito ainda o que melhorá-lo para que pudesse “*agüentar certas porradas do tempo*”. Ele se detém ainda por um tempo no assunto e faz referência ao fato de a novela ter saído do país. Ao que parece, teria sido veiculada por uma rádio holandesa. João Antônio diz, ainda, que há um outro aspecto tratado em “Paulinho Perna torta”, que seria uma retomada da história de alguns malandros de uma fase anterior a 1953. “*É também um retrato documental e sociológico de certas partes escuras da cidade, é a acusação de coisas que ninguém sabe, que a polícia e os jornais praticaram e já se esqueceram*”.

Em seguida, o contista fala sobre a coletânea *Os dez mandamentos*, a ser editada pela Civilização Brasileira com os seguintes autores: Marques Rebelo, Jorge Amado, Guilherme de Figueiredo, Carlos Heitor Cony, Campos de Carvalho, Moacir C. Lopes, Helena Silveira, Orígenes Lessa, João Antônio e José Conde. Ele considera uma perda o fato de Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade e Dalton Trevisan terem ficado de fora.

A seguir, João Antônio refere-se ao cágado que achara há um tempo atrás na vila Ipojuca. Este, segundo o escritor, teria fugido.

O contista, mais adiante, diz que tinha dado um “cano” no amigo José Armando Pereira da Silva. Um contratempo o tinha impedido de comparecer ao encontro marcado. Para encerrar, João Antônio conta que na sexta feira – ao que parece, a anterior – estivera com três mulheres diferentes: “*uma negra, uma mestiça nisei e uma loira oxigenada*”. E, ainda: “*A cama, Jácomo, é sem dúvida alguma, uma grande descoberta estética e confraternizadora dos países*”. Ele informa, ainda, que “*José Simon consentia em continuar no concurso de ilustrações*” e que mandaria, assim que possível, uma cópia de “Paulinho Perna Torta” a Mandatto.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **13/10/1964** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia questionando se Mandatto o teria esquecido. Logo em seguida, ele diz continuar “*vivo e na merda*”. Isto, segundo afirma, era explicado pelo astrólogo, como “destino” e pelo psiquiatra, como fruto da “*natureza insólita*”. Já as suas diarreias, para o “*clínico*”, seriam fruto de suas bebedeiras.

Adiante, o escritor fala sobre a situação da cidade de São Paulo: “*São Paulo, para não variar, anda naquela falência costumeira. Muito filho da puta mandando, muito filho da puta querendo mandar, muito infeliz sendo mandado*”. Depois, ele se volta para a própria situação dentro da metrópole: “*Dormindo na gandaia, acordando na gandaia, fiel componente dos puteiros remanescentes da prostituição que em São Paulo já existiu*”. João Antônio fala, então, sobre a RUPA (Rondas Unidas da Primeira Auxiliar), que seria a responsável por “*massacrar a prostituição, o jôgo, as virações e as malandragens em geral*”. Esta história, segundo o autor, era contada em sua última novela “Paulinho Perna Torta”, que seria publicada por Ênio Silveira na coletânea *Os dez mandamentos*.

Para encerrar, o contista informa que seria premiado com dois prêmios “Jabuti”, mas reclama que o fato não alterava a sua condição financeira: “*Continuo o premiado e duro autor, Jácomo. Não é mesmo uma merda? Pois. Companheiro, viva a desgraça total e irrestrita, viva a merda global, geral e inequívoca!!!*”.

Obs – anexada cópia da carta de Ênio Silveira (24 de março de 1964), na qual este convida o escritor a participar da coletânea *Os dez mandamentos*. Ela traz, além de descrição do projeto e nome dos escritores que participariam, as condições e honorários oferecidos.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **15/11/1964** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia parabenizando Mandatto por ter mandado “*à merda*” seu patrão. Em seguida, ele fala sobre a morte da escritora Cecília Meireles, que, segundo diz, receberia, ainda naquele mês, o prêmio *Jabuti* pelo livro *Solombra*.

Adiante, o escritor informa que o conto “Frio” seria publicado na Espanha pela *Revista de Cultura Brasileña*, com tradução de Pilar Gómez Bedate. Ele informa, também, que *Malagueta, Perus e Bacanaço* tinha sido traduzido na Argentina por Vitor Tapahanel e seria publicado, possivelmente, entre março e abril de 1965.

Mais à frente, o contista diz não poder dar um endereço fixo, pois estava desempregado e sem lugar certo. Ele conta que por oito meses havia trabalhado no jornal *A Nação*, que agora estava fechado, e que depois entrara numa sociedade no ramo da publicidade, a qual abandonara. João Antônio pede, então, que Mandatto deixe recados com

Caio Porfírio Carneiro, na União Brasileira de Escritores. Sobre isso, ele diz ainda: *“Lugar mais certo de você me encontrar seria a nunca suficientemente louvada Bôca do Lixo. Entretanto, a barra está pesada demais, a polícia dando muito em cima dos vadios, das mulheres e dos malandros, afora o que sobraram poucos bordeis após o massacre de maio de 1964”*.

Para encerrar, o escritor diz que, apesar de tudo, não estava numa situação muito ruim: *“Caí muitas vezes, velho. Por isso, hoje em dia, sei cair de pé. Caio; porém, caio bem. Meus inimigos e meus desafetos que não se iludam”*. Ele pede, então, que Mandatto não deixe de mandar-lhe notícias.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **03/11/1965** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia reclamando da ausência de notícias por parte de Mandatto. Em seguida, ele diz por que não concorrera ao prêmio *Menotti del Picchia*: *“Após ‘Paulinho Perna Torta’, vivo. Agorinha pouco, não faz ainda uma semana é que voltei à faina literária, lendo e relendo. ‘Malagueta, Perus e Bacanaço’ me desfilou uma série de contos que me parecem uma bela merda, nada escapando ali. Hoje já não escreveria mais aquelas melecas”*. O escritor diz, ainda, que só o conto “Paulinho Perna torta” agüentou uma segunda leitura e que tinha nele *“um feto de romance”* que poderia crescer.

Para encerrar, João Antônio fala sobre o escritor Mário Peixoto, que estaria concorrendo com o livro *Sete contos de Mário Peixoto* ao prêmio *Menotti del Picchia* e pede que o jornalista fique de *“olho firme”* nele, pois, na sua opinião, é *“o único sujeito do Rio de Janeiro que poderá escrever alguma coisa séria sobre favela e suas implicações”*. O escritor se refere, por fim, ao Ato Institucional número dois e, também, ao fato de José Armando não lhe escrever mais.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **13/11/1965** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia informando a Mandatto que se casaria em 11 de dezembro com Marília Andrade: *“Pois é. Enquanto você manda brasa nas suas andanças lindas e extirpa amígdalas, eu nauseado, aborrecido, puto dentro das calças, me caso lúgubrumente a 11 de dezembro próximo”*. O escritor mostra-se bastante contrariado com o fato de ter que se casar oficialmente, o que, segundo ele, também não agradava Marília: *“Farei todo esforço para não vomitar”* e, ainda: *“É pena que a gente sente das duas famílias rezadeiras. No fundo-fundo, merda para elas! Para o padrego e o juiz também: malandrecos!”*.

Em seguida, o escritor se refere à ditadura militar e diz que, *“pelo jeito”*, Ênio Silveira iria *“dar no pé”*. Ele conta, também, que a revista *Reunião* tinha sido suspensa e que, naquele mês, tivera um desconto em seus honorários. João Antônio, então, reclama de ter que gastar com a festa de casamento e, também, do sumiço de José Armando Pereira da Silva.

Para encerrar, o contista pede que Mandatto aguarde, pois em breve lhe enviaria os contos de *Os dez mandamentos* e agradece por sua última remessa.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **05/01/1966** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia contando um boato que ouvira no Rio de Janeiro: *“A última que corre aqui é que Otto Maria Carpeaux não pode mais, no Correio da Manhã, escrever artigo”*

assinado". Mais adiante, ele questiona Mandatto sobre sua saúde e sobre o resultado do concurso de contos promovido pelo Centro Itapireense de Cultura e Arte.

Para encerrar, o escritor fala sobre os percalços sofridos por conta da economia nacional: "*Por menos que sofram, as formiguinhas trabalhadoras sempre levam alguma porrada no raspão das brigas de cúpula*". Ele diz, ainda, que enviava *Paulinho Perna Torta* para que o jornalista emitisse sua opinião.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **22/07/1975** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia informando que estava dirigindo o *Livro de cabeceira do homem* para a editora Civilização Brasileira e, ainda, que iria lançar a segunda edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e a primeira de seu segundo livro, *Leão-de-chácara*. O contista informa, também, que tinha mais três livros inéditos: "*Corpo-a-corpos, Casa de loucos e Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*".

Para encerrar, João Antônio pede que, apesar de seu "*silêncio de anos*", Mandatto lhe ajude com a divulgação de seus livros nos jornais em que escreve. Diz que, caso Mandatto queira lhe enviar um questionário, responderia "*com todo gosto*". De qualquer forma, enviava-lhe *releases* sobre suas atividades.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **06/08/1975** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia dizendo-se contente com o retorno da troca de correspondência entre ele e Mandatto. Em seguida, o escritor responde ao questionamento do jornalista a respeito do que fizera nos últimos dez anos. Diz que, "*além de ter sobrevivido miraculosamente*", escrevera *Leão-de-chácara, Corpo-a-corpos², Casa de loucos e Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Nos três últimos livros citados, aparece uma inscrição de inédito, entre parênteses.

Em seguida, o contista enumera algumas coisas que lhe aconteceram durante o período: "*Não economizei dinheiro, nem esperma. Dei duas entradas em sanatório, remexi muitos empregos e até o momento não peguei cadeia. Trepei o que pude, bebi outro tanto, viajei um pouco (minha grana sempre foi curta) sempre a trabalho. Casado e pai, descasado, casado de novo, hoje tenho uma bandeira: 'Mulher, mulheres'. O resto são mulheres*".

Para encerrar, João Antônio diz que em breve Mandatto receberia um exemplar autografado de *Leão-de-chácara*.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **15/08/1975** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia dizendo que apesar de seu nome estar sendo bastante badalado, por conta do *Livro de cabeceira do homem*, de *Leão-de-chácara* e de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, necessitava ainda de muita divulgação. O escritor informa que enviava uma série de elementos "*de badalação e prestígio*" para que Mandatto utilizasse na divulgação. Em seguida, ele conta que *Leão-de-chácara* vendia muito bem. Para encerrar, João Antônio diz que caso o jornalista precise de algo, inclusive de fotos, é só avisá-lo.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **02/09/1975** DATA DA POSTAGEM: s/i

² O escritor, provavelmente, está se referindo ao livro *Malhação do Judas Carioca*, que traz o polêmico ensaio "*Corpo-a-corpo com a vida*".

LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia dizendo-se preocupado com o andamento das vendas de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, que estagnara, ao contrário de *Leão-de-chácara*, que estava sendo bastante falado. Segundo ele, seria necessário esgotar logo uma edição para que o livro deslanchasse. Por isso, pede que Mandatto utilize o material de divulgação que lhe fora enviado para “badalar” o livro em Itapira, Campinas e região. Ele pede, ainda, que o jornalista o ajude a localizar professores de Letras, a quem gostaria de apresentar seu livro de estréia, pois eles poderiam indicá-lo a seus alunos.

Em seguida, João Antônio indica o *Suplemento Literário Minas Gerais*, caso Mandatto queira publicar algum artigo sobre seus livros. Para encerrar, ele fala de suas preocupações com relação à vendagem destes: “*Tenho de me mexer, rapaz! Caso contrário (se eu não esgotar as edições de ‘Malagueta’ e ‘Leão’) me fodo bem fodido. Caio na câmara de congelamento por mais dez (10) novos anos*”. O contista diz, ainda, que em breve o amigo receberia a segunda edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **03/10/1975** DATA DA POSTAGEM: s/i

LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia falando sobre o excesso de coisas que tinha a fazer. Em seguida, ele agradece a Mandatto pelo envio de um “recorte” a respeito do *Livro de cabeceira* e diz que em breve o amigo receberia o nº2 da coleção.

O escritor, logo a seguir, lamenta o fato de a livraria de Itapira não ter os seus dois primeiros livros. Ele pede que o jornalista converse com o dono e o convença a pedir os dois títulos. Para isso, João Antônio lembra que ambos são livros que estão vendendo bastante e que *Leão-de-chácara* tinha esgotado a primeira edição em menos de um mês. Além disso, ele pede que Mandatto envie uma carta a Ênio Silveira tratando do assunto. Depois, o autor diz ao jornalista para que não empreste mais seus livros a ninguém e pede que lhe envie o nome completo e endereço do promotor da cidade.

Mais adiante, João Antônio informa que fizera o lançamento *clandestino* de seus livros na redação do tablóide *EX*. Segundo afirma, o lançamento teria sido um sucesso: “*Sucesso. Só pintou marginal de alta e baixa categoria*”. Ele fala, então, de seu interesse em fazer palestras e debates para os estudantes e conta que estivera em Campos – RJ e que iria a Belo Horizonte. O escritor agradece, ainda, as correções que Mandatto tinha feito para *Leão-de-chácara*, mas lamenta a falta de tempo para atualizações; as mudanças ficariam para a terceira edição.

O contista, mais à frente, informa que no dia 11 de outubro às 21:30h estaria no programa *De conversa em conversa* veiculado pela TV Cultura e, ainda, que no dia 27 do mesmo mês faria uma noite de autógrafos na Livraria Teixeira. João Antônio se mostra bastante eufórico com tudo isso: “*O diabo está esquentando, Jácomo Mandatto. E meus vagabundos, muito na manha, voltaram arrepiando o pedaço, dando cartas, jogando de mão. E o diabo a quatorze*”. Ele conta, também, que tinha entregue a Ênio Silveira os originais de *Malhação do Judas carioca* – que deveria ficar pronto o mais tardar em dezembro – e que a EX-Editora lançaria *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, com produção gráfica de Elifas Andreato.

Para encerrar, o escritor pede que o amigo faça muita propaganda de seus livros e diz acreditar que até o final do ano *Malagueta, Perus e Bacanaço* alcançaria a 4ª. edição e *Leão-de-chácara*, a 3ª. O escritor diz, ainda, que gostaria que José Armando Pereira da Silva articulasse um debate seu com estudantes na cidade de Santo André.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **13/10/1975** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia agradecendo a Mandatto por sua última remessa. Em seguida, ele informa que a editora Civilização Brasileira queria fazer o lançamento (não informa de qual título) em São Paulo, na Livraria Teixeira, mesmo lugar onde lançara *Malagueta, Perus e Bacanaço*. O escritor diz que enviava convites e pede que o jornalista “*arraste para São Paulo ou Campinas o maior número de gentes que puder*”. Ele se desculpa, ainda, pela brevidade da carta e explica que acabava de chegar de Belo Horizonte, onde estivera em debates e lançamentos.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **03/11/1975** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia dizendo a Mandatto que eles teriam se reencontrado em um péssimo dia, “*antevésperas de dias ainda piores com repressões, prisões, medos, pavores e, culminando, a morte de Wladimir (Wlado) Herzog, o jornalista da TV Cultura. Dias ruços, meu irmão, dias tristes*”. Em seguida, o escritor informa que recebera a remessa de recortes sobre Ouro Preto, enviadas pelo amigo.

Mais adiante, João Antônio fala sobre uma noite de lançamento que havia feito em Campinas, na livraria Nova Teixeira (não informa o título): “*Havia medo tensão em toda a cidade. Inclusive, era péssimo dia para lançamento, considerando que havia dois grandes jogos de futebol...*”.

O contista trata, em seguida, dos livros *Leão-de-chácara* e *Malagueta, Perus e Bacanaço*, respectivamente em 2^a. e 3^a. edição. Ele informa, ainda, que em dezembro daquele ano seu novo livro, *Malhação do Judas carioca*, deveria chegar às livrarias. Para encerrar, João Antônio pede que Mandatto divulgue as informações que ele lhe passa, e diz que está enviando em anexo *release* sobre o *Livro de cabeceira do homem*.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **06/11/1975** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Nesta carta, João Antônio passa um roteiro de suas atividades junto às universidades durante aquele mês.

(OBS: 20/11/1975 debate com estudantes em Assis)

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **25/11/1975** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia falando sobre o fato de *Leão-de-chácara* ter alcançado o primeiro lugar na lista dos mais vendidos da revista *Veja* daquela semana. Adiante, ele informa que em dezembro deveria lançar *Malhação do Judas carioca* e pede que Mandatto se utilize os *releases* que lhe tinha enviado para noticiar o fato: “*E, velho, não se esqueça que o que vende livro neste País das Bruzundangas e Penduricalhos é o boca-a-boca, o diz que me diz, o boato, o falatório. Corre rápido e rasteiro e profundo como intriga e a insídia. Portanto, Jácomo, fale e refale dos meus livros. Quanto maior o falatório, melhor*”.

Em seguida, o escritor informa que partiria no dia seguinte para Teresina – PI, onde participaria de debates com estudantes e abriria um ciclo de cultura promovido pela Fundação Cultural do Piauí. De lá, iria a Passos, Guaxupé e Varginha.

O contista agradece pelas notícias que Mandatto lhe dera de José Armando Pereira da Silva e diz que pretende ler *História social da infâmia*, de Jorge Luís Borges. Segundo afirma, em dezembro aproveitaria as férias escolares para organizar seu quarto livro, *Casa de loucos*, e trabalhar na editoração de *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Ele chama a atenção de Mandatto para os seguintes órgãos de imprensa que trariam colaborações suas no dia 29 de novembro de 1975: revista *Status*, jornal *EX*, jornal *Versus* e *Jornal da Tarde*. O escritor encerra dizendo: “*Conforme se vê, me viro mais do que charuto em boca de bêbado em noite escura de trovoes e temporal. Tiro minhoca do asfalto com luva de Box. Não posso cruzar os braços, se não o jacaré me engole. (O jacaré é o ostracismo, o estado de congelamento em que fiquei durante 12 (doze) anos)*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **09/01/1976** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia dando suas impressões sobre o novo ano que se iniciava: “*O ano aqui amanheceu bem ruço, conforme tenho dito nas minhas matérias do ‘Pasquim’*. Apesar do que, espero que tenhamos um 76 sem hecatombes, cálculos frios e sangue”. Em seguida, ele informa que *Leão-de-chácara* havia terminado o ano como o primeiro da lista dos livros mais vendidos. Mais adiante, o escritor conta que José Armando Pereira da Silva não respondia nenhuma de suas cartas.

O contista fala, então, que andava bastante atarefado e que enviava um *release* para que Mandatto o noticiasse. Para encerrar, ele diz estar lendo quatro livros (não informa os títulos) que lhe conduziram “*ao clima interior*” necessário para que pudesse dar início a um novo livro, cujo título provisório era *Formosura*³. Ele pede, ainda, a opinião do jornalista sobre *Malhação do Judas carioca*.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **26/01/1976** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia agradecendo a Mandatto por sua última remessa. Em seguida, ele fala sobre a necessidade de continuar divulgando as suas “*coisas*” e pede que o jornalista divulgue o *release* que envia em anexo (obs: este não se encontra junto com a carta).

O escritor, a seguir, informa que havia terminado um conto longo, “*para mais de trinta laudas*”, em que estava trabalhando. O título do conto seria “*Cor de cinza*” e o subtítulo “*Visita à cidade natal*”.

Para encerrar, João Antônio diz que o seu livro *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* seria inicialmente editado pela editora EX, que não existia mais. Por isso, ele o passaria a Ênio Silveira, da editora Civilização Brasileira.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **26/04/1976** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia falando de seus trabalhos jornalísticos nos jornais *UH* e *O Dia*, nos quais publica, respectivamente, as colunas *Corpo-a-corpo* e *Feira Livre*: “*já viu que ando numa trabalhadeira dos capetáceos, pois, ainda tenho ‘Pasquim’, ‘Movimento’, Civilização Brasileira, etc. E o que pintar no pedaço*”.

Em seguida, o escritor conta que no final de semana anterior Maurice Capovilla estivera em sua casa e que trabalharam no roteiro para o filme baseado em “*Malagueta, Perus*”.

³ O escritor não publicou nenhuma obra com este título. É possível que se trate do texto “*Abraçado ao meu rancor*”, que só seria levado a público dez anos depois, em 1986.

e Bacanaço”. Segundo afirma, os atores que viveriam o trio no cinema seriam Grande Otelo, Gianfrancesco Guarnieri e Milton Moraes⁴, respectivamente, Malagueta, Perus e Bacanaço. João Antônio se detém em Grande Otelo, que, na sua opinião, tratava-se de “*um homem admirável, inteligente, cheio de bossa e vivência...*”.

Mais adiante, o contista fala das polêmicas provocadas pelo livro *Malhação do Judas carioca*. Segundo João Antônio, uma carta publicada por um leitor chamado Roberto Stuart Dantas, no *Jornal de Debates*, estaria provocando muitas discussões. Para o escritor, no entanto, o referido leitor poderia ser “*algum meu desafeto da semiologia, do estruturalismo ou da semiótica*”. Sobre isso, ele diz ainda: “*Tem nego descendo a madeira em ‘Malhação’ e tem caboclo brigando com ele por causa disso. É, sem dúvida alguma, o livro mais discutido do momento aqui no Rio*”. João Antônio pede, então, que Mandatto responda, via *Jornal de Debates*, à carta de Dantas: “*Seja franco, diga tudo o que achar, não se preocupe em me defender, largue a sua brasa, tenha toda independência de opinião*”.

Para encerrar, o contista diz que havia entregue os originais de *Casa de loucos* a Ênio Silveira e que a publicação do livro estava programada para aquele ano. Ele informa, também, que tinha visto a edição especial de *Leão-de-chácara*, editada pelo Círculo do Livro e, ainda, que assim que as fichas de leituras de seus livros ficassem prontas as enviaria a Mandatto.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **08/04/1976** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia perguntando se Mandatto teria recebido suas remessas, pois andava assustado com o correio, que tinha lhe dado “*mancada*”. Em seguida, ele informa que estava de partida para Teresina, onde participaria, por uma semana, de um ciclo de debates. Segundo afirma, obrigações profissionais com dois jornais cariocas o estariam deixando em um enorme “*corre-corre*”.

Mais adiante, o contista enumera uma série de “*novidades*” para que Mandatto divulgasse: seus livros estavam sendo adotados em diversas escolas do Rio de Janeiro, de São Paulo e Belo Horizonte; participaria de um debate organizado pela Fundação Cultural do Piauí entre os dias 12 e 18 de abril; debate com estudantes de Letras e Comunicação em Varginha – MG; convites para ir a Goiânia, São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte; a primeira edição de *Malhação do Judas carioca* esgotara-se, e a segunda estava prevista para o final de abril ou início de maio e, por fim, o lançamento de *Casa de loucos* estava previsto para junho.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **10/05/1976** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia agradecendo a Mandatto por sua última carta, e informando que não estava muito bem de saúde. No entanto, apesar de estar adoentado, viajava bastante a convite de “*estudantes, escolas de comunicação e institutos de letras*”.

Em seguida, o escritor fala sobre o livro *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*: “*levo fé no projeto de um livro sobre Lima Barreto. Mas a verdade é que até o momento a coisa não ficou pronta, sempre por um motivo ou outro*”.

Para encerrar, João Antônio pede que Mandatto articule uma ida sua à Campinas e região para debates e conferências. Ele informa que cobra um cachê simbólico, mais passagens e estadia.

⁴ O Filme *O jogo da vida*, dirigido por Maurice Capovilla, estreou em 1977 e obteve sucesso de crítica. Contudo, dos três atores indicados na carta, apenas Gianfrancesco Guarnieri permaneceria no elenco, sendo os outros dois substituídos por Lima Duarte e Maurício do Valle.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **26/05/1976** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia informando que as fichas de abordagem de seus livros teriam ficado prontas. Ele pede, então, que Mandatto ajude a divulgá-las entre os professores e, ainda, que lhe arrume uma lista da categoria, na região de Campinas, para que pudesse enviá-lhes o material.

Em seguida, o contista diz que o livro *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* já estava nas mãos de Ênio Silveira, de quem aguardava um retorno.

Para encerrar, ele informa que a publicação de *Casa de loucos* estava prevista ainda para aquele ano, que a Livraria Bertrand publicaria *Malagueta, Perus e Bacanaço* e que a revista *Crisis*, dirigida pelo escritor Eduardo Galeano, estava preparando uma antologia sua, com base em *Malhação do Judas carioca*.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **30/07/1976** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia dizendo que estava já há algum tempo no aguardo de notícias de Mandatto. Ele pergunta, então, se o jornalista tinha recebido as fichas de abordagem literária de seus livros que lhe foram enviadas. Em seguida, o contista fala das viagens que estava fazendo pelo país, indo a encontro com estudantes de Letras e Comunicação: “*Meu velho, vou num corre-corre dos trezentos capetas. A barra está nervosa. De Teresina (Piauí) a Blumenau (SC) tenho viajado, feito um Quixote, sempre a convite de estudantes...*”. Ele fala, ainda, de outras cidades onde estivera e de sua programação para o segundo semestre de 1976. Segundo afirma, estava programado um seminário sobre seus livros em Niterói, na Faculdade Federal Fluminense: “*ando mais requisitado do que bunda de mulher nova no puteiro*”.

Mais adiante, ele informa que a 2ª. edição de *Malhação do Judas carioca* estava pronta e distribuída às livrarias, que *Malagueta Perus e Bacanaço* seguia para a quinta edição e que *Leão-de-chácara* chegava à quarta. João Antônio, então, questiona: “*Que é isso, Jácomo, meu dracular amigo? Este merduncho está chegando aos cabelos brancos com fama nacional? Porra, se Malagueta me via, me lacrava: ‘ – Quem te viu na geladeira e agora te vê quente, não pode imaginar’*”. Em seguida, ele diz que há, também, “*gente lascando o pau*” e pede que Mandatto leia, por exemplo, o número quatro de *Versus*.

O escritor se volta para o livro *Casa de loucos*, que, segundo afirma, estaria terminado em aproximadamente vinte dias. Para o escritor, o livro iria “*mexer com certas sensibilidades*”. João Antônio pede que o jornalista divulgue a obra e, também, que sonde os institutos de letras e comunicação com suas fichas de abordagem literária. O escritor diz, ainda, estar interessado em “*refazer umas conferências e debates*” na região de Campinas e pede que Mandatto faça uma sondagem a respeito das possibilidades.

O contista afirma, logo adiante, que entregara o livro *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* ao editor. Segundo ele, o livro seria estudado e publicado, provavelmente, em 1977, pois o catálogo da Civilização Brasileira estava completo para aquele ano. João Antônio, para encerrar, diz que *Leão-de-chácara* teria uma edição portuguesa – pela Livraria Bertrand – e que a editora Civilização Brasileira estava, segundo lhe dissera Ênio Silveira, articulando seus livros com agentes literários de “*várias partes do mundo*”.

Obs: esta carta foi citada em um dos artigos de Mandatto para a série “João Antônio aberto para balanço”, publicada pelo SLMG no início da década de oitenta.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **29/07/1976** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia agradecendo a Mandatto por sua última carta, e informa que havia chegado no dia anterior da cidade de Ijuí, Rio Grande do Sul. O escritor diz que em seu retorno encontrara o livro *Casa de loucos* pronto, mas que este deveria ser lançado somente depois do dia 20 (ele não informa o mês, mas subentende-se que seria o seguinte – agosto, portanto), pois o lançamento oficial estava previsto para acontecer na Bienal do Livro de São Paulo. Ele pede, então, que Mandatto divulgue seu novo livro.

Em seguida, o contista informa que recebera uma outra boa notícia. O livro *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* tinha sido liberado pelo editor e deveria ser publicado em 1977.

Mais adiante, João Antônio fala sobre o valor do cachê de suas palestras: “*Olhe, quanto a isso de cachê, o preço varia de acordo com a entidade, instituição, etc. A coisa fica entre 2 e 3 mil cruzeiros, mais as despesas de condução e estadia. Mas cá entre nós que não nos ouvem, o que está me interessando é fazer o contacto com estudantes e professores*”. Ele diz, ainda, que não pode “*dar tudo de graça*”, pois sua vida econômica era centrada em sua “*produção escrita e intelectual*”.

Para encerrar, João Antônio informa que fora convidado pelas Faculdades de Filosofia e Administração para ir a Poços de Caldas, onde, “*quem sabe*”, encontrasse José Armando Pereira da Silva.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **08/09/1976** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Pequeno bilhete, no qual João Antônio conta que o livro *Casa de loucos* tinha esgotado a sua primeira edição (cinco mil exemplares) em apenas três dias. O escritor declara-se “*tonto*” com a notícia.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **22/08/1976** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia informando que tinha acabado de chegar de Poços de Caldas, onde fizera uma conferência e debates com estudantes e, ainda, que lá encontrara José Armando Pereira da Silva. Em seguida, ele diz que o livro *Casa de loucos* tinha esgotado sua primeira edição (cinco mil exemplares). Mais adiante, o escritor fala sobre suas viagens: “*Já viajei de Teresina (Piauí) a Ijuí (quase fronteira com a Argentina)*”. Para encerrar, ele pergunta a Mandatto a se estava acertada a sua ida à Campinas.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **08/09/1976** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia informando que tinha acabado de chegar de Porto Alegre e Caxias do Sul, onde estivera em conferências e debates com estudantes, escritores e professores de Letras. Em seguida, ele diz ter recebido todas as cartas de Mandatto e, ainda, que este estava autorizado a publicar o que quisesse de sua autoria. O escritor afirma estar enviando em anexo um artigo de Duílio Gomes, que o jornalista poderia reproduzir, total ou em partes.

Em seguida, o contista diz que o *Livro de cabeceira* estava em “ponto morto”, pois ele queria terminar, mas a editora não. Mais adiante, ele comenta que havia gostado do título “Vamos matar o delegado”, que ao que parece é de autoria de Mandatto.

Logo em seguida, João Antônio passa o endereço da editora Ática, para que o jornalista escrevesse, em seu nome, pedindo livros para escrever sobre. Para encerrar, ele diz que em Porto Alegre teriam lhe dado grande cobertura, “*pagina inteira de todos os jornais e 3 minutos de gravação no Canal de televisão mais importante de toda a região*”. Ele conta, também, que conhecera Moacyr Scliar, Caio Fernando Abreu e Tânia Failace.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **08/11/1976** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia dizendo-se bastante cansado com as viagens que fizera durante o mês anterior. Ele informa que esteve em Vitória, Manaus, Porto Alegre e Juiz de Fora, sempre discutindo literatura. Em seguida, ele fala sobre uns boatos que andava ouvindo a respeito da liberação de verbas para a filmagens da adaptação de *Malagueta, Perus e Bacanaço*: “*Ora, já se viu! Como sempre, o autor como os maridos, estava sendo o último a saber*”. Segundo diz, teria sido procurado por um repórter da revista *Veja*, que buscava novidades. Ao jornalista, teria garantido: “*Ninguém vai filmar o meu Malagueta, o meu Perus, o meu Bacanaço, sem antes me molhar a mão – e bem molhada, que já ando cansado de sofrer – com que é de direito. Afinal, sou o autor da coisa, participei ativamente da elaboração do roteiro e os diálogos são meus*”.

Mais à frente, o contista informa que Capovilla, o diretor do filme, lhe telefonara no início daquela noite para falar sobre a liberação do dinheiro. Ele diz, então, que deveria ir a São Paulo no dia 11 de novembro, para uma entrevista coletiva, bem como para assinar a “*papelada*”.

Para encerrar, João Antônio Mostra-se contente com o desenrolar da história: “*(cá entre nós que ninguém nos ouve: com esse tutu, me meto em cima do papel, mando todos os padrões lamberem sabão e enfiio no papel outro trem aí nas alturas de Malagueta, de Perus e de Bacanaço)*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **17/12/76** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 3

João Antônio inicia agradecendo a Mandatto pela atenção que este tem lhe dado nos últimos quinze anos. Em seguida, ele informa que estava doente, “*com gota ou atrapalhação nas juntas*”, e que, por isso, não estava podendo usar a máquina de escrever: “*Rapaz, a coisa mais trágica que pode acontecer a um escritor é não poder usar a mão para escrever*”. Segundo diz, teria recorrido a vários tipos de medicina, sem sucesso. No momento, tinha esperança na acupuntura. O escritor, mais adiante, mostra-se ansioso por sarar, pois tinha recebido proposta da editora L&PM, de Porto Alegre, para escrever um livro, que seria ilustrado por Edgard Vasques.

O contista, em seguida, pede que Mandatto divulgue a adaptação de *Malagueta, Perus e Bacanaço* para o cinema e, ainda, uma matéria – anexada à carta – publicada pelo jornal *O Globo* de 10 de dezembro de 1976, intitulada “*Mendigos paulistas disputam barracos feitos para filme*”. Trata-se de uma notícia referente à construção de alguns barracões para as filmagens de *O jogo da vida*, que estariam sendo disputados por moradores de rua e “*favelados*”. Para encerrar, ele deseja a Mandatto e família um bom ano de 1977.

Obs: há, ainda, um outro anexo com a lista do elenco e produção do filme.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **20/12/76** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Trata-se de um pequeno bilhete escrito no rodapé de uma cópia xerox de artigo escrito por Assis Brasil a respeito do escritor catarinense Dionísio da Silva. João Antônio pede apenas que Mandatto divulgue-o. Para o contista, o escritor é “*um cara bom*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **28/01/1977** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia agradecendo pelo artigo “João Antônio: i/mortal na casa dos quarenta”, escrito por Mandatto. Em seguida, ele indica o endereço de alguns “*companheiros*” a quem o artigo poderia ser enviado para publicação. Estes são Cora Rónai, Antônio Hohlfeldt, Álvaro Catelan, Norton de Azambuja, José Mário Rodrigues e Everardo Tibiriçá.

Mais adiante, o escritor conta que estivera doente e que tinha muitos trabalhos a serem concluídos. Segundo diz, trabalhava em duas antologias “*de peso*”, estava na comissão julgadora do Concurso Nacional de Contos do Unibanco, entre outras coisas. O escritor refere-se rapidamente ao livro *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*.

Para encerrar, João Antônio informa que *Malagueta, Perus e Bacanaço* chegava a sua 5ª. edição; que tinha assinado contrato com um editor norte americano para a tradução deste e de *Leão-de-chácara* e, ainda, que organizava duas antologias na qual reuniria nomes como Chico Buarque, Wander Piroli, Plínio Marcos, Marcos Rey etc.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **30/01/1977** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia falando da falta de tempo que o teria feito responder parcialmente à última remessa de Mandatto. Em seguida, ele disserta demoradamente sobre os problemas enfrentados pelos escritores brasileiros. O contista aborda a questão dos trabalhos paralelos que a categoria é obrigada a fazer como meio de sobrevivência, bem como de divulgação de sua obra, e afirma “*que tudo aquilo que envolve o escritor e o leva para fora de sua área de criação é prejudicial*”. Para ele, “*o escritor precisa estar só com as suas personagens, seu mundo, suas coisas amadas (...) A produção exige, mais do que isolamento, uma solidão completa, sem retoques e sem refresco. É uma barra pesada*”.

João Antônio enumera uma série de trabalhos paralelos que estava sendo obrigado a desempenhar para tirar o seu sustento: editor do *Livro de cabeceira do homem* (editora Civilização Brasileira), jurado de um concurso nacional de contos promovido pelo Unibanco, entre outras coisas. Ele diz, ainda, que organizava naquele momento duas antologias, uma delas para o “*Extra – realidade brasileira*”. Além disso, havia as contribuições para jornais – principalmente da *imprensa nanica* – que, segundo diz, pagavam pouco.

“*Aqui, o diacho do escritor é como o artista do circo mambembe: vende os bilhetes, depois apresenta o espetáculo, troca de roupa depressinha, faz o número do trapézio, depois o do palhaço, depois doma o leão e, findo o espetáculo, varre o picadeiro. Uma bosta*”.

João Antônio pede, então, para que Mandatto leia o jornal *Folha de São Paulo* de 25 de janeiro. Lá, ele conheceria Jacarandá, que segundo o autor, era o “*mais fecundo*” de seus personagens. O contista diz que Jacarandá ainda precisava ser trabalhado, mas isto demandaria tempo e dinheiro.

Para encerrar, ele enumera uma série de problemas que enfrentava “*Entrei neste ano com o pé meio esquerdo, peguei uma denúncia vazia, estou manobrando em três causas trabalhistas na justiça carioca, fora algumas atrapalhões sérias de saúde e de ordem íntima*”. Ele fala, também, sobre a censura que teria pego Ignácio de Loyola, com o livro *Zero*; José Louzeiro, com *Aracelli, meu amor* e Rubem Fonseca, com *Feliz ano novo*. Por fim, ele pede a opinião de Mandatto a respeito da “*amostra*” de *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **01/02/1977** DATA DA POSTAGEM: **01/02/1977**
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1
(cartão postal)

Trata-se de um cartão postal, no qual João Antônio passa o endereço de Jorge Fischer Nunes e pede que Mandatto lhe envie uma cópia do artigo que escrevera em sua homenagem.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **04/03/1977** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

Neste bilhete João Antônio fala sobre o lançamento, previsto para o dia 14 daquele mês, da coletânea, dirigida por ele, *Malditos escritores!*. Ele conta que o livro teria tiragem de 50 mil exemplares, seria vendido nas bancas de jornal do país inteiro e, ainda, que fora ilustrada por Elifas Andreato. O escritor pede, então, que Mandatto ajude na divulgação do trabalho.

Mais adiante, ele se refere a uma apresentação que teria feito do volume *O buraco é mais embaixo*, a qual Mandatto poderia publicar à vontade. O contista informa, logo em seguida, que havia lido o artigo do jornalista em sua homenagem, publicado pelo *Suplemento Literário Minas Gerais*⁵, do qual teria gostado muito.

Para encerrar, João Antônio pede que Mandatto lhe dê notícias e diz que a equipe que produz *Extra – Realidade Brasileira* era a mesma do *EX*: Narciso Kalili, Hamilton de Almeida Filho, Milton Severiano da Silva “*e outros combatentes*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **07/03/1977** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

Trata-se de um bilhete, no qual João Antônio lamenta que a editora Civilização Brasileira não esteja enviando livros para Mandatto. Ele sugere que o jornalista escreva a Ênio Silveira reclamando e, ainda, que noticie “*amplamente*” o projeto *Malditos escritores* e envie os recortes ao editor, para que este lhe envie livros para a divulgação. Para encerrar, o escritor faz alguns comentários sobre a situação social brasileira.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **19/08/1977** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Trata-se de carta destinada a Jácomo e Angelina Mandatto. João Antônio conta que em breve estaria lançando novo livro, *Lambões de caçarola*. Em seguida, ele fala sobre a antologia *Vida Cachorra*, que seria lançada pela editora Civilização Brasileira e que traria dois contos seus. O autor informa, ainda, que havia sido traduzido no México, que estava

⁵ Trata-se do artigo: “João Antônio: um escritor na casa dos quarenta”.

sendo “cantado” para ser editor-adjunto de uma revista paulista, que escrevia um conto chamado “Tony Roy show”, do qual o escritor Marcos Rey teria gostado muito, e, ainda, que a personagem principal de *Lambões* era Getúlio Vargas.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **04/09/1977** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

Trata-se de uma carta direcionada a Jácomo e Angelina Mandatto. João Antônio inicia dizendo-se com saudade de ambos e fazendo rápida referência à visita que eles lhe fizeram. Em seguida, o contista conta que estava sentindo “dores físicas”, das quais tentava tratar-se com homeopatia. Ele informa, ainda, que seu sexto livro se chamaria *Lambões de caçarola*, do qual enviava cópia xerox, solicitando que ambos lhe enviassem suas opiniões a respeito.

João Antônio afirma que tinha feito o seu primeiro “leilão literário”: “coloquei o livro para 3 editores – um, do Rio; um de Belo Horizonte e outro de Porto Alegre. Ele seria editado por quem me desse as melhores condições”. Deste “leilão”, teriam saído vencedores os gaúchos, que ofereceram uma série de vantagens.

Mais adiante, o escritor conta que havia sido convidado por estudantes de Brasília para um pré-lançamento do livro, do qual encomendaram seiscentos exemplares, e, ainda, que iria também a Ijuí, no Rio Grande do Sul, onde também conversaria com estudantes. Ele diz que o livro era para o público geral, mas que atendia também aos estudantes do “2º ciclo”. O autor pede, então, que Mandatto e Angelina divulguem-no junto aos professores, pois a editora daria descontos de 30% para a categoria.

Para encerrar, João Antônio fala sobre um artigo escrito a respeito de *Lambões de caçarola* por Ary Quintilha, do qual enviava cópia para que o jornalista usasse e depois devolvesse.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **19/10/1977** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Trata-se de um bilhete, no qual João Antônio pede que Mandatto lhe devolva a cópia xerox do livro *Lambões de caçarola*, e, ainda, que expresse sua opinião a respeito. Em seguida, ele conta que o lançamento do livro em Brasília teria sido um sucesso, vendera seiscentos exemplares. Ele informa, também, que a obra estava sendo bem aceita também em São Paulo e Porto Alegre e que ainda não tinha sido distribuída no Rio de Janeiro. Para encerrar, o contista diz estar enviando material de divulgação e pede que Mandatto dê “uma força”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **12/11/1977** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia lamentando o sumiço do xerox de *Lambões de caçarola* que mandara a Mandatto e, ainda, perguntando se este tinha recebido o exemplar autografado do livro que o escritor enviara de Porto Alegre. O escritor informa que *Lambões* fazia sucesso Rio Grande do Sul e que talvez fizesse nova visita ao estado no mês seguinte.

Em seguida, João Antônio fala de suas impressões a respeito do artigo de Mandatto, “Lima Barreto: um porre de Calvários”, publicado pelo *Suplemento Literário Minas Gerais*. O contista, logo adiante, volta-se para o desempenho editorial de *Lambões de caçarola*, que, segundo diz, tinha alcançado a terceira edição. Ele enfatiza que o livro ficara entre os cinco mais vendidos na “feira de Porto Alegre”.

Para encerrar, o escritor pede que Mandatto envie logo suas opiniões sobre a obra e informa que havia conhecido, na capital gaúcha, Antônio Hohlfeldt, do *Correio do povo*, a quem o jornalista poderia enviar cópias de seus artigos.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **16/11/1977** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia informando sobre o recebimento de um artigo sobre o *Lambões de Caçarola* que Mandatto lhe enviara. Segundo diz, o livro estava na lista dos dez mais vendidos da revista *Veja* e, ainda, tinha feito bastante sucesso no Rio Grande do Sul. No entanto, o escritor afirma que seria preciso muito mais divulgação: “*Para que o livro fique realmente de pé é preciso mais e muito mais*”. Em seguida, ele se volta para a sua saúde e diz que andava sentindo muitas dores, mas que sofria calado, pois corria o risco de, além de tudo, ser chamado de hipocondríaco. Diz que os médicos queriam todos os exames e que ele estava disposto a parar tudo a fim de resolver este problema. Para encerrar, o contista refere-se a um depoimento que tinha dado a respeito de Adoniran Barbosa e Paulo Vanzolini, mas reclama do fato de que não foi veiculado na íntegra: “*Claro que eles merecem muito mais. E eu falei mais. A minha fala, no entanto, foi cortada e só foi ao ar aquele pedacinho*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **22/02/1978** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Pequeno bilhete no qual João Antônio diz que há algum tempo não recebia notícias de Mandatto. Ele informa, em seguida, que enviava uma cópia de uma entrevista cedida a Roberto Gomes, “*professor, contista e jornalista de Curitiba*”, da qual o amigo poderia se utilizar, caso quisesse. Para encerrar, o escritor fala do clima do Rio e de seu estado de saúde: “*Aqui, verão. Loucura de sempre. Tenho melhorado de saúde e continuo na briga de sempre*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **25/02/1978** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio fala, nesta carta, sobre uma “*página*” que recebera de Mandatto a respeito do poeta Ruy Apocalipse. Diz que esta lhe enchera de saudade e que sente “*acima de tudo, (...) a perda de um poeta necessário e que seria, fatalmente, uma voz forte contra o absurdo e a estupidez do nosso tempo*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **14/04/1978** DATA DA POSTAGEM: 14/04/1978
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio agradece pela remessa de material feita por Mandatto. Em seguida, ele informa que esteve na Bahia, a trabalho, por vinte dias; diz, ainda, que tinha sido convidado pela equipe da revista *Realidade*, que estava se reunindo novamente, para compor o grupo. Logo adiante, se refere a um artigo do *Jornal da tarde*, escrito por Telmo Martino, no qual o grupo da revista era elogiado. Para encerrar, João Antônio pede que o amigo noticie estes fatos.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **21/07/1978** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia dizendo estar já há algum tempo para escrever a Mandatto, no entanto, reclama da falta de tempo, causada pela escrita de um novo livro e por conta de “calotes imorais” de que vinha sendo vítima. Ele conta, então, que estava movendo uma ação na justiça contra a Editora Três, de São Paulo e que escrevera uma “Carta aberta aos caloteiros”, a qual pede que os amigos divulguem.

Mais adiante, o contista informa que havia escrito um novo livro, *Ô Copacabana*, e que já tinha entregue a Ênio Silveira, da Civilização Brasileira, de quem esperava resposta. Além disso, segundo diz, estava trabalhando em um outro livro, do qual não fala o título.

Para encerrar, João Antônio conta que ganhara uma cadela de uns “camaradinhas” do Morro da Babilônia, a quem chamara, em homenagem a estes, de Babí. Diz, também, para que Mandatto tente publicar a sua “Carta aberta aos caloteiros”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **22/08/1978** DATA DA POSTAGEM: **22/08/1979**
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia falando de sua situação enquanto escritor. Enumera uma série de questões, como calotes e inimizades, que seriam uma constante na vida dos escritores como ele: “*Escritor vive que nem puta: apanha na rua e em casa. Toma porrada do cafetão (empresário) e da polícia (censura). Raça infeliz! Enquanto isso, os escritores oficiais, agarrados ao saco do sistema, faturam alto de um tudo...*”.

Em seguida, o contista pede que Mandatto publique sua “Carta aberta aos caloteiros” e que faça artigos contra os calotes. Diz, então, que apesar de tudo continuaria escrevendo: “*O que essa ratatuia anda querendo é que eu pare de escrever. Mas se enganam muito: vou lhes enfiar dois livros por ano no rabo*”.⁶

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **30/11/1978** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia indicando o recebimento de uma carta de Mandatto. Em seguida, ele fala sobre as vantagens, belezas e “dramas” da cidade do Rio de Janeiro, que tinha sido a grande paixão da sua vida.

Mais à frente, ele diz que o amigo receberia o exemplar de *Ô Copacabana!* e pergunta se ele estava recebendo os livros da editora Civilização Brasileira. O escritor volta-se, então, para a vida pessoal de Mandatto, a quem dá diversos conselhos: “*Nego velho, você precisa imediatamente arrumar mais duas mulheres. (...) A vida é um dia, meu faixa, e Salomão, rei sábio e mulherengo, estava coberto de razões há muitos e muitos anos*”.

João Antônio fala, para encerrar, de sua relação com o bairro de Copacabana: “*Eu encarno o próprio pingenciado vira-lata copacabanense, vivo nesta maravilhosa e mendiga Praça Serzedelo Correia, pátio dos milagres e prisão sem grades, de putas, maconheiros, book makers, expedienteiros (...)*”.

⁶ Trata-se da “Carta aberta aos caloteiros”, enviada a vários amigos para que estes a publicassem. É interessante notar que ela está datada de 22 de agosto de 1978, mas fora enviada a Jácomo Mandatto um mês antes, anexada à carta de 21 de julho.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **04/01/1979** DATA DA POSTAGEM: **05/01/1979**
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia reclamando respostas às suas cartas. Pergunta, então, se o amigo recebera sua última remessa contendo, entre outras coisas, uma cópia xerox de entrevista sobre o livro *Ô Copacabana*. Adiante, ele fala de suas impressões a respeito do novo ano que começava e, ainda, pede que o amigo lhe envie um calendário, caso tenha algum sobrando, pois, segundo diz, não tinha ganhado nenhum. O escritor agradece, também, pelos votos natalinos e de bom ano de 1979 e os retribui: “*Oxalá nossas porradas e murros sejam leves, pois, em 1978 eu pulei feito sapo e até o momento só estou na ingloria desvantagem*”.

João Antônio pergunta se o jornalista havia recebido o exemplar que lhe enviara de *Ô Copacabana*. Diz que o livro estava vendendo bem no Rio de Janeiro, mas que o lançamento pela Civilização Brasileira teria sido “*clandestino*”, pois não havia sido escrita “*uma linha que se prestasse pela divulgação do livro*”. Ele informa, ainda, que talvez aparecesse na TV Globo no dia seguinte, às treze horas.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **28/01/1979** DATA DA POSTAGEM: **28/01/1979**
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia agradecendo a Mandatto por suas duas últimas cartas e *recortes* enviados. Em seguida, ele sugere ao jornalista que ao escrever sobre *Ô Copacabana*, produza um artigo “*mais alentado*”, tratando de todos os seus livros e que, em seguida, o envie para que ele possa tentar publicá-lo “*em alguns cantos do país*”.

Em seguida, o escritor fala do quanto a amizade de Mandatto significa para ele. Relembra uma série de acontecimentos positivos e negativos de sua vida e reitera a importância desta amizade. Em tom de piada, ele diz: “*Mas, você não precisava ser tão filha-da-puta a ponto de me lembrar a todo ano que estou ficando mais velho. Meta-se com a sua vida!*”.

Para encerrar, o contista informa a Mandatto que a divulgadora da editora Civilização Brasileira era Maria Amélia Mello, que, além disso, era também uma das editoras do suplemento literário da *Tribuna da Imprensa*.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **04/02/1979** DATA DA POSTAGEM: **05/02/1979**
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia agradecendo a Mandatto pela sua última remessa. Em seguida, ele aconselha o jornalista a escrever para Maria Amélia Mello, informando-a sobre o que estivesse precisando “*em matéria de livro*” e, ainda, para enviar-lhe seu artigo sobre *Ô Copacabana*, a fim de que fosse publicado no suplemento literário da “*Tribuna da Imprensa*”. Ele informa, também, que enviaria cópia do artigo a Antônio Hohlfeldt. Mais à frente, o contista fala sobre a crise que estava enfrentando o mercado editorial do Rio de Janeiro. Segundo diz, esta seria a responsável pelo fato de *Ô Copacabana* não alcançar índices maiores de vendas.

João Antônio conta que naquele ano se dedicaria à leitura dos autores russos: “*Estou interessado em ler tudo dos russos e até alguns soviéticos. Com eles, Jácomo, eu não aprendo só a escrever. Eles estão me ensinando a olhar a vida*”. Para encerrar, ele agradece ao amigo “*por tudo*” e lembra “*que aquilo que vende o produto cultural entre nós ainda continua sendo o boca-a-boca, o boato, a informação direta (...)*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **17/03/1979** DATA DA POSTAGEM: **20/03/1979**
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia agradecendo pelo esforço do amigo em divulgar sua produção. Em seguida ele fala sobre as dificuldades de venda de livros enfrentadas pelo mercado livreiro carioca. Mas informa que, apesar disso, o seu *Ô Copacabana* estaria na lista dos mais vendidos da revista *Veja*.

Mais adiante, o escritor conta que retomara o trabalho junto às escolas e universidades. Ele diz que estivera naquele dia, juntamente com Mário Lago, Newton Carlos etc, com o pessoal do curso de arquitetura “*na Ilha do Fundão*”, UFRJ. Fala, ainda, de sua viagem a Pernambuco e Paraíba, onde estivera a convite do “Festival de Arte de Areia”: “*Jácomo, o Brasil mesmo, aquele purão, ainda está lá no Nordeste. Por minha vontade eu já estaria morando lá, de velho. O sul deste País está sujo demais. Para o meu gosto, está imundo*”.

Para encerrar, João Antônio informa que havia recebido um convite para dar um curso sobre seu processo de criação literária na PUC de Campinas. Segundo diz, o curso aconteceria provavelmente entre 11, 12 e 13 de maio. Ele pede, então, que Mandatto compareça com sua filha Angelina Maria e indica o Diretório Acadêmico da universidade, caso o jornalista queira entrar em contato.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **20/03/1979** DATA DA POSTAGEM: **20/03/1979**
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio informa nesta carta que nos dias 19 e 20 de maio estaria na PUC Campinas, ministrando um curso “*sobre o processo de criação literária no conto brasileiro de hoje*”. O escritor passa, então, contatos dos quais Mandatto poderia se utilizar, caso quisesse se comunicar com “*o pessoal da PUC*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **26/04/1979** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Pequeno bilhete, anexado à cópia xerox de uma ação judicial movida por João Antônio contra a Bloch Editores por “*violação de direitos autorais*”, no qual o escritor pede que Mandatto noticie o assunto.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **27/06/1979** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia pedindo a Mandatto que lhe envie cópia do artigo “Lima Barreto: um porre de calvários” de autoria do amigo e publicado pelo *Suplemento Literário Minas Gerais*, de número 579, em 15/07/1977. Em seguida, ele pede ao jornalista para que não deixe de responder suas cartas e informa, ainda, que esteve em Campinas, onde ministrou o curso com sucesso. O escritor conta, então, que acabava de retornar ao Rio, depois de uma viagem à Vitória – ES, onde estivera por quinze dias: “*Já me arrependi de ter voltado ao meu Rio de Janeiro, cada vez mais abandonado, aviltado e decadentoso*”.

Mais à frente, o contista fala sobre Lima Barreto e do abandono sofrido por sua obra: “*Muita, muita coisa continua sem exame ou revelação quanto a Lima Barreto e sua época (...). Como você bem sabe, no fundo, no fundo mesmo, o pessoal da semana de arte moderna era muito provinciano, tanto que passaram por cima da obra de Euclídes da Cunha e do cadáver ainda fresco de A. H. de Lima Barreto*”.

João Antônio, adiante, refere-se rapidamente ao governo brasileiro da época, que segundo diz “*é bastante calhorda para não nos dar uma anistia ampla e irrestrita*”. Para encerrar, ele conta a Mandatto que tirara aquele ano para fazer uma série de “*leituras sérias e necessárias*”. O escritor fala dos autores russos, “*mestres de mão cheia*”, e de outros, como Borges e Joyce.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **13/07/1979** DATA DA POSTAGEM: **16/07/1979**
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia a carta com a seguinte frase grafada à caneta: “*Salim Maluf tocou Chopin para o gal Figueiredo ouvir. Uma tetéia!*”. Em seguida, ele informa que recebera a última remessa de Mandatto e agradece pelo xerox a respeito de Lima Barreto, que o amigo lhe enviara.

João Antônio, afirma, então, que lastima e se solidariza com o estado melancólico de Mandatto: “*Não me creia, Jácomo, nem um pouquinho otimista diante da grande farsa sinistra que é o nosso tempo. Eu, caro, apenas me tapeio. Depois, tenho alguns motivos fortes: sensualidade, interesse humano e, principalmente, algumas pessoas boas que me cercam, aqui ou a quatrocentos quilômetros (...)*”. Ele fala, ainda, das maneiras que tem encontrado para lidar com as situações, “*golpes*” e “*quedas*”.

Mais à frente, João Antônio pede a Mandatto que não se mate: “*Não dê esse gosto aos filhos-da-puta gerais. Viva e esqueça*”. Para encerrar, ele fala do livro *O manuscrito de Saragoza*, de Jan Potocki, que segundo diz, tinha procurado por mais de dez anos: “*Um mundo de fantasia e dura realidade dos tempos da inquisição, na Espanha, desfila num clima de exorcistas, fantasmas, ladrões, ceguetas, muita mulher sensual, trepadas monumentais apenas sugeridas. Um clima doido e doído*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **29/12/1979** DATA DA POSTAGEM: **02/01/1980**
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia retribuindo os “*bons votos natalinos, de fim de ano e começo de outro*” enviados por Mandatto. Mais adiante, ele informa que *Malagueta, Perus e Bacanaço* seria traduzido na Tchecoslováquia e teria uma edição especial do Círculo do Livro (SP). Informa, ainda, que em janeiro assinaria contrato com a agente literária Carmen Balcells, para que, segundo diz, pudesse pelo resto de sua vida “*não ver mais o nariz de nenhum editor*”. Para encerrar, o contista informa que estava lendo *O chapéu de três bicos*, de Pedro Antonio Alarcón.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **15/03/1980** DATA DA POSTAGEM: **17/03/1980**
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia chamando Mandatto de “*epistológrafo relapso*”. No entanto diz que isto não seria propriamente um defeito, pois somente “*os solitários mórbidos são epistoleiros fiéis e dedicados*”. Em seguida, ele pede que o amigo não se preocupe com o seu aniversário, porque, segundo afirma, ele próprio vem tentando esquecer já há alguns anos.

Mais adiante, o contista informa que estava bastante envolvido em seu trabalho literário. Porém, não diz do que se trata, pois “*o silêncio fala mais alto que o trabuco*”. Ele volta-se, então, para *Malagueta, Perus e Bacanaço*, que chegava à sua sexta edição, e enumera uma série de traduções de seus contos em outros países. Sobre isso, propõe a Mandatto que escreva um artigo para o *Suplemento Literário Minas Gerais*.

Para encerrar, João Antônio afirma que a morte de José Américo de Almeida fora “sentida” e que, na sua opinião, “o país poderia ser outro se ele tivesse chegado à presidência”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **12/04/1980** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 4

Trata-se de uma carta na qual está colado um bilhete. Neste, João Antônio fala a respeito dos recortes de matérias que envia como subsídios para os artigos de Mandatto.

A carta, o escritor inicia informando do recebimento da última remessa feita por Mandatto. Ele indica que estava enviando em anexo algumas matérias sobre seu livro de estréia e diz, ainda: “*Muita gente escreveu sobre o meu ‘Malagueta’. Acabei virando, por causa do conto título, que de certa forma superou a fama dos demais, uma espécie de poeta dos malandros e dos pobres diabos, como escreveu na ‘orelha’ Mário da Silva Brito. Ora, o livro não é só isso*”. Para João Antônio, a crítica não levava em consideração as diferenças entre os contos de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*. Ele diz que estava relendo o livro “*para efeito de reedição*”, no entanto, não iria mexer nele. Segundo afirma, a obra “*é o que é e se fosse diferente, perderia o frescor, a espontaneidade*”, só iria reeditá-lo porque acreditava nele: “*se não gostasse não o reeditaria, que o mercado já anda cheio de porcarias*”. Em seguida, o contista fala da comparação entre ele e Antônio de Alcântara Machado. Para ele é preciso apenas ler com atenção para descobrir as diferenças.

João Antônio, mais à frente, diz que o livro lhe dera muitas alegrias e, também, tristezas. Fala de sua repercussão nacional e internacional: “*Cheguei ao exterior via ‘Malagueta, Perus e Bacanaço’, como cheguei à televisão, ao rádio e ao cinema graças a seus contos*”; do período no qual esteve “*esquecido totalmente*” e das comparações constantes com as suas outras obras, que nunca teriam superado a primeira. O autor volta-se, então, para o filme *Jogo da vida*, o qual classifica como um “*equivoco*”: “*O desastre ‘universitário’ que foi o filme reside, principalmente, no fato de que não é um trabalho popular; é ‘universitário’, é inteligente, é asséptico e supinamente bem comportado*”.

A respeito das intenções do livro, o escritor diz que é um misto de denúncia, protesto, retrato e “*uma tentativa de revelar um mundo desconhecido em que transitam aquelas gentes das camadas de baixo da sociedade*”. Ele fala, ainda, que algumas pessoas o limitam como escritor da malandragem; no entanto, o conto mais badalado da coletânea seria “*Afinação na Arte de chutar tampinhas*”, que se diferencia do conto título tanto em relação à temática quanto às características gerais.

Para encerrar, João Antônio diz: “*Um escritor escreve para não explodir. E isso é tudo. O mais são firulas e lantejoulas. Um escritor escreve porque não agüenta mais. Quem suporta mais um pouco, não escreve. Simplesmente vai para casa, janta, vê televisão e dorme em paz. Dorme o sono dos justos, dos ignorantes ou dos otários. Não sei. Sei que dorme*”.⁷

⁷ Esta carta foi usada por Mandatto como subsídio para a escrita de um artigo intitulado “*Malagueta, Perus e Bacanaço, um livro insubstituído*”, publicado pela *Folha de Itapira* – 25 de dezembro de 1980. Interessa notar que no artigo, os trechos da carta aparecem como respostas às perguntas de Mandatto. Contudo, não sabemos se a missiva foi, de fato, resposta a questões enviadas pelo jornalista, uma vez que não temos uma carta deste remetida no mesmo período, o que pode ter ocorrido por conta de extravio. Observa-se, todavia, que a carta do escritor apresenta um tom bastante ensaístico, diferente daquelas cuja tônica é mais prosaica. Além disso, o texto da missiva – de duas páginas – é escrito sem um único parágrafo, o que dá um caráter de desabafo.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **26/04/1980** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

Pequeno bilhete no qual João Antônio diz a Mandatto que pressentia que este iria desenvolver um ótimo trabalho a respeito de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Ele aconselha ao jornalista fazer um trabalho “*longo, alentado, coisa grande e vasta para ser publicado, no mínimo, em dois número (sic) do SL de Minas Gerais*”.

Para encerrar, ele informa que anexava à carta uma cópia xerox de uma coluna de Arnaldo Mendes. O escritor afirma, então, que não concordava com muito do que tinha sido dito sobre seus contos.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **13/05/1980** DATA DA POSTAGEM: **14/05/1980**
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia dizendo que tinha gostado da idéia de Mandatto de escrever os artigos. No entanto, informa que não tinha tempo para “*juntar tamanhos documentos*”, pois escrevia coisas novas e estava saindo da editora Civilização Brasileira e procurava uma nova editora, fato que o deixava um tanto tenso. Em seguida, o escritor enumera alguns prêmios que recebera antes da publicação de seu primeiro livro e diz que as informações pretendidas por Mandatto eram tantas que este deveria ir ao Rio para obtê-las. Para encerrar, ele pede ao amigo que avise quando pretendesse ir, para não correr o risco de ele estar viajando e agradece pelo empenho.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **26/05/1980** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia pedindo a Mandatto que lhe enviasse alguns quilos de feijão preto. Ele diz que estava difícil encontrar o produto, pois “*os canalhocratas unidos e conluídos aos tubarões*” estavam estocando a fim de que o governo chegasse ao preço que eles queriam.

Mais adiante, o escritor diz que para “*compensar a amolação*” mandava as respostas que deu a um questionário da FUNARTE – anexadas à coleção de cartas –, publicadas em 1979-1980, do qual o jornalista poderia se utilizar para a escrita de seus artigos a respeito de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Para encerrar, ele informa que a editora Abril iria lançar um volume especial sobre ele⁸, “*para aproveitamento dos vestibulares*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **04/06/1980** DATA DA POSTAGEM: **04/06/1980**
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio informa a Mandatto que estava de volta de uma viagem que fez a Minas Gerais, onde tinha feito parte do comitê de julgamento do Prêmio Cidade de Belo Horizonte. Além de BH, o escritor diz ter estado também em Ouro Preto, de onde havia retornado doente.

Em seguida, o contista afirma que não concorda com tudo do artigo de Mandatto. Ele enumera uma série de pontos positivos de alguns contos de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e diz que este tinha vendido 40 mil exemplares, e não 30 mil. No entanto, termina com a seguinte frase: “*Mas deixa isso pra lá. O artigo é bom e eu é que estou a enxergar picadinhos*”. Ele indica, ainda, a possibilidade de publicá-lo no *Suplemento Literário Minas Gerais*, e, também, por Antônio Hohlfeldt, em Porto Alegre.

⁸ Trata-se do volume: *João Antônio: literatura comentada*, organizado pelo professor João da Silva Ribeiro Neto.

João Antônio volta-se para os problemas sociais e faz críticas à direita, pela sua incompetência, e à esquerda, por tratar-se de “*um festival de farisaísmo e incompetência*”. Para encerrar, ele se diz zangado por não ter recebido o feijão preto e, ainda: “*foda-se com a sua hipocondria! O melhor remédio é cair no trabalho. Ou na gandaia. Eu, safadim, incurável, prefiro a segunda terapia*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **15/06/1980** DATA DA POSTAGEM: **16/06/1980**
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia dizendo que tivera que reler *Malagueta, Perus e Bacanaço*, pois a sua agente literária estava prestes a fechar contrato com uma nova editora, a Record. Segundo afirma, o escritor Manuel Lobato, a quem tinha encontrado em Minas Gerais por conta da participação no comitê de julgamento do Prêmio Cidade de Belo Horizonte, teria lhe dito que a qualidade maior de seu livro de estréia era o “*carisma*”.

O contista passa a Mandatto as impressões que esta nova releitura lhe dera: “*Ficou-me desta releitura a impressão de que ‘Malagueta’ é um livro ‘raro’ e raro pela sua personalidade: aparentemente simples, ele é sofisticado, elegante, classudo, talvez esguio, no sentido da contenção*”. Tudo isso é dito para embasar a escrita dos textos que viriam a compor a série “João Antônio aberto para balanço”, na qual Mandatto trabalharia por cerca de um ano.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **17/06/1980** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia falando sobre o trabalho cansativo que vinha desempenhando para encontrar materiais que pudessem ser úteis a Mandatto em sua pesquisa sobre *Malagueta, Perus e Bacanaço*. O escritor pergunta, então, se o amigo havia recebido as respostas dadas por ele ao questionário da FUNARTE. Adiante, diz que há muita coisa escrita sobre *Malagueta, Perus e Bacanaço* que nem ele tinha lido. O contista enumera uma série de artigos de críticos importantes, entre eles Marques Rebelo, Wilson Martins, Sérgio Milliet, Paulo Rónai, Aurélio Buarque de Holanda etc, dos quais não possui cópia. Depois, ele passa o endereço de Ary Quintella para que Mandatto entre em contato, apesar de considerar remota a possibilidade de Quintella possuir os textos.

João Antônio, logo em seguida, informa que enviava a Mandatto o material encontrado em seu acervo; reafirma o trabalho que tivera para tanto e pede que este lhe devolva após a utilização. Mais à frente, ele fala sobre a existência de um “*estudioso*” de literatura, cujo nome diz desconhecer, que teria “*um arquivo valioso sobre todo mundo*”. Este residia em Brasília e poderia ser encontrado através de Cassiano Nunes. O escritor indica, ainda, o endereço para correspondência de Caio Porfírio Carneiro, como uma pessoa que, em São Paulo, tinha muita coisa acerca de sua obra.

Para encerrar, João Antônio pede que tudo lhe seja devolvido e diz achar que o material enviado já era base para “*um excelente estudo crítico sobre MPB*”. Ele aconselha, então, Mandatto a fazer dois dos cinco artigos planejados, enfocando a visão crítica.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **22/06/1980 e 25/06/1980**

DATA DA POSTAGEM: s/i

LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

Trata-se de duas cartas escritas na mesma folha, mas com datas diferentes.

Na primeira, de 22/06, João Antônio informa que havia descoberto mais material (a respeito de *Malagueta, Perus e Bacanaço*) que poderia servir para o estudo que Mandatto estava fazendo do livro. O escritor pede, então, que o jornalista os utilize e depois devolva.

Na segunda carta, de 25/06, João Antônio diz que ao retornar de Jacarepaguá, onde estivera em um encontro com estudantes, tinha encontrado o envelope da carta que Mandatto lhe enviara parcialmente aberto: “*De duas uma: ou a censura voltou a reprimir violentamente e acham que essa alusão a Drácula é uma frente subversiva, ou estão julgando que mandamos dinheiro nos envelopes*”.

Mais à frente, o contista fala de sua indignação diante da “*corrupção e relapsia que cobre este país*”. Ele conta que falou sobre isso com os estudantes de Jacarepaguá e que esta categoria sempre “*vidrava*” nele.

João Antônio afirma, um pouco adiante, que Mandatto ainda ficaria louco com o levantamento de material sobre *Malagueta, Perus e Bacanaço*, trabalho ao qual ele próprio se dedicava. Ele enumera, em seguida, uma série de artigos dos quais o jornalista não tinha as datas e passa as referências corretas.

Para encerrar, o escritor aconselha Mandatto a não encerrar ainda seus artigos, pois ele ainda lhe enviaria algum material. Ele pede, também, que estes lhes sejam devolvidos à altura que fossem utilizados.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **01/07/1980** DATA DA POSTAGEM: s/i

LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio conta nesta carta o susto que passou em São Paulo por conta de uma ameaça de enfarto que sofrera durante uma noite de autógrafos. Ele diz que fortes dores nos braços, ante-braços e pulsos fizeram com que fosse levado para o hospital, onde ficou internado por algum tempo. Segundo afirma, esperava encontrar neste hospital médicos “*burgueses felizes da vida*”, no entanto tinha entrado em contato com muita insatisfação: “*Um está com o saco mais cheio do que o outro. E se nossos papos fossem gravados, iríamos todos em cana*”.

Mais adiante, o contista informa que se encontrava na casa de seus pais e que ainda não sabia direito o que de fato lhe aconteceu: “*O que sofri, Jácomo? Sei lá. Ninguém sabe. Um aviso do organismo? O coração, o pulmão, o sangue, tudo está bem. Tensões, revoltas internas, nojo, saco cheio com a situação geral, alguma estafa, é isso que tenho: a consciência do fardo pesado que havemos de carregar neste país que não é dirigido nem pela direita*”.

Para encerrar, João Antônio diz que enquanto estava na casa de seus pais, tinha aproveitado para “*revirar papéis*”, tendo encontrado materiais a respeito de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, que anexava à carta. Estes, segundo diz, deveriam ser devolvidos após a utilização.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **04/07/1980 e 06/07/1980**

DATA DA POSTAGEM: s/i

LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 3

Trata-se de duas cartas, uma de 04/07 e a outra de 06/07/1980.

A primeira carta, João Antônio inicia dizendo que estava de volta de São Paulo com uma série de indicações médicas para um regime, segundo o qual não poderia comer ou beber uma porção de coisas. Em seguida, ele informa que recebera a carta de Mandatto e que percebe que lhe falta ainda muita coisa sobre *Malagueta, Perus e Bacanaço*. No entanto, diz acreditar que o jornalista fará um trabalho “*interessante*”. Ele indica, então, o endereço de Fernando Tatagiba, editor “*da parte cultural*” do jornal *A gazeta* do estado do Espírito Santo, para que Mandatto envie seus artigos. O escritor dá também algumas referências de outros artigos sobre seu livro de estréia.

Mais adiante, ele fala sobre a expressão “*clássico velhaco*” criada por Marques Rebelo, da qual não consegue referência exata de quando teria sido escrita pela primeira vez: “*já em torno da famosa frase de Marques Rebelo, a coisa virou meio lenda, pois, Marques era um terrível frasista e epigramista*”.

Em seguida, João Antônio aconselha Mandatto a olhar com calma o material que lhe tem sido enviado sobre *Malagueta, Perus e Bacanaço* a fim de entrar em contato com as diversas opiniões a respeito. Ele pede, então, que o amigo lhe devolva todos depois de usá-los.

João Antônio inicia a segunda carta informando a Mandatto que Ary Quintella lhe enviaria um vasto material. Ele pede que o jornalista lhe dê notícias do recebimento. Em seguida diz ter recebido a devolução de alguns materiais que enviara, mas que, no entanto, faltavam alguns outros. O escritor enumera os artigos dos quais sentia falta e pede que Mandatto veja se não tinham ficado com ele. Ele pede, ainda, que o amigo lhe informe sobre o recebimento de uma carta enviada de São Paulo, em que relata a ameaça de enfarte.

Para encerrar, João Antônio lista os vinte e quatro artigos sobre *Malagueta, Perus e Bacanaço* que seriam anexados à carta e pede que estes lhes sejam devolvidos.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **08/07/1980** DATA DA POSTAGEM: s/i

LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia a carta dizendo que através da releitura das críticas sobre *Malagueta, Perus e Bacanaço* chegou à conclusão de que o crítico Maurício Farias era uma das pessoas que “*melhor viram*” seu trabalho. Mais adiante, diz que foi através de Farias que teria voltado à leitura de Tchecov e James Joyce. A partir daí, o contista tece uma série de comentários sobre os dois escritores, para, em seguida, retornar a Maurício Farias, a quem, segundo diz, “*pouca gente poderá enganar*”. João Antônio encerra indicando a Mandatto a leitura dos artigos de Farias e, ainda, que lhe desse depois a sua opinião.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **14/07/1980** DATA DA POSTAGEM: s/i

LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

Trata-se de um bilhete, no qual João Antônio se refere, sem muitos detalhes, a um susto que tinha levado em São Paulo. Ele indica a Mandatto a leitura dos dois últimos números do jornal *O Pasquim*, coluna de Fausto Wolff, no qual encontraria a história completa. Em seguida, o escritor se diz empenhado em descobrir onde foi que Marques Rebelo teria usado pela primeira vez a expressão “*Clássico velhaco*”, tarefa que até aquele

momento não tinha conseguido levar a cabo. Contudo, havia encontrado, em compensação, uma matéria da revista *Veja*, intitulada “Um clássico velhaco”, de autoria de Benício Neiva de Medeiros, a qual enviava a Mandatto. Para encerrar, João Antônio pede que este lhe diga se recebeu ou não a sua última remessa, contendo vinte e quatro matérias sobre *Malagueta*, *Perus e Bacanaço* e, também, que este lhe seja devolvido. O escritor diz, ainda, que estivera na Fundação Rio, para que o ano seguinte fosse transformado em “ANO DE LIMA BARRETO”, por conta de seu centenário.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: 17/07/1980 e 22/07/1980

DATA DA POSTAGEM: s/i

LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 6

Trata-se de uma carta na qual estão anexados três bilhetes. Faremos a descrição de cada texto seguindo a ordem cronológica indicada.

João Antônio, de início, agradece a Mandatto pela devolução do material que havia lhe enviado. Em seguida, ele fala sobre a coleção *Literatura Comentada*, da qual estava sendo preparado um exemplar a seu respeito e que deveria ser publicado em fevereiro do ano seguinte. O escritor pede, então, que o amigo leia os dois números mais recentes do *Pasquim*, coluna de Fausto Wolff, a fim de entender o que lhe tinha acontecido em São Paulo. Depois ele pergunta se Mandatto recebeu uma cópia de matéria publicada pela revista *Veja*, intitulada “Um clássico velhaco”.

Mais adiante, o contista transcreve a opinião de Aurélio Buarque de Holanda e Paulo Rónai sobre o conto “A visita”, que participou do “Concurso Permanente de Contos” da revista *A cigarra*, de setembro de 1957. A transcrição aponta que o texto de João Antônio teria sido premiado, no entanto, considerado fora dos padrões de publicação da revista em questão. O escritor diz não estar encontrando a opinião sobre “Fujie”, mas afirma que esta seguia a mesma linha da que foi citada anteriormente. Sobre isto, João Antônio dispara: “*Isto é, ‘A Cigarra’ não estava querendo saber de bandalhas e adultérios. E muito menos de histórias velhacas, como viria a dizer depois Marques Rebelo. Sacanagem só entre quatro paredes e com um pano tapando o buraco da fechadura. Em revista marcadamente familiar, não*”.

João Antônio transcreve também a opinião de Fernando Py sobre *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*, publicada em Maio/junho de 1965 nos *Cadernos Brasileiros*, Rio de Janeiro – RJ, sob o título de “Livros do Momento”. São feitos vários elogios ao livro de estréia de João Antônio, bem como ao caráter inovador empregado em sua escrita. Há ainda, a transcrição da opinião de Paulo Rónai e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira para a revista *A Cigarra* (ano 44, nº 4 de 1958 – sem identificação de mês) sobre o conto “Frio”, o que acabou sendo premiado. O contista diz, então, que acredita que tenha sido a premiação deste conto que teria feito chamar a atenção “do mundo literário carioca e, logo, nacional” para o seu nome.

Mais à frente o escritor refere-se à comoção de Mandatto com relação à Vila Anastácio e diz que a releitura de “Dublinenses” e “Retrato do artista quando jovem” o fez recordar “coisas incríveis”. João Antônio, então, fala sobre o texto “Pra lá de Bagdá”⁹ – aponta também “O novo astro da literatura amassada” como título possível – e diz que lhe imprimirá um tom poético: “*Calma. Eu vou transformar aquilo numa ars poética terrível.*

⁹ Este texto compõe a coletânea *Dedo-duro*, lançada em 1982. Contudo, o título não se manteve; em livro, passou a se chamar “Paulo Melado do chapéu mangueira serralha”, sendo que estes títulos possíveis aparecem ora incorporados ao texto, ora como subtítulos.

Você verá. Se eu conseguir pegar o tom do rio Tietê nas manhãzinhas, aquela fumaça se erguendo das águas, fique quieto, meu irmão, eu vou fazer um troço único. Tenho consciência disso”.

Para encerrar, ele conta que tem descoberto muito material a respeito de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Entre as coisas encontradas, estaria uma carta de Cassiano Nunes, a quem sugere que Mandatto escreva. O contista fala, ainda, de um dono de banca de jornal a quem conhecera em Vila Anastácio e com quem muito teria aprendido. Para ele, a Vila Anastácio tinha sido a sua “*Dublin sem porto de mar, só cachaças e gringos, mas com muitas Evelines e muita gente mestiçada, feia, sofrida, e no entanto, cheia de alma*”. O escritor, por fim, pede que Mandatto lhe devolva o material enviado.

O primeiro bilhete colado à carta é de 17/07/1980, está escrito em folha de seda e contém a relação de matérias enviadas a Mandatto sobre *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

O segundo bilhete é de 22/07/1980. No início, João Antônio informa que havia recebido a devolução da cópia xerox da revista *Veja* e, ainda, passa algumas referências sobre o tablóide *Campus*, da Universidade de Brasília. O escritor, então, aconselha Mandatto a enviar seus artigos tanto para Fernando Tatagiba quanto para Antônio Hohfeldt.

Para encerrar, ele diz que “*um dia desses*” faria uma surpresa com o conto “*Pra lá de Bagdá*”, que, segundo diz, poderia ficar melhor do que Mandatto esperava. João Antônio pede também que o amigo lhe devolvesse todo o material enviado nesta remessa.

O terceiro bilhete anexado trata-se de um mapa feito à mão, que segundo indicações do escritor, refere-se à sua localização em meados dos anos cinquenta.

Obs: Os textos dos quais J. A. fala nas cartas e nos bilhetes não se encontram anexados a elas.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **31/07/1980** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 3

João Antônio inicia informando sobre o envio a Mandatto de um exemplar “*do livro publicado pela Funarte, volume que trata da literatura nacional nos anos 70*”, sobre o qual deseja saber a opinião do amigo. Segundo diz, o livro foi feito com o “*espírito ‘universitário’ atual. E há muito equivoco nesse tal espírito*”. Em seguida, ele se refere à troca de correspondência entre Mandatto e Ary Quintella e, ainda, à possibilidade de publicação de artigos em Brasília por meio de Cora Rónai Vieira, de quem disponibiliza o endereço. O escritor fala rapidamente sobre Caio Porfírio Carneiro, “*um bom sujeito*”, além de velho conhecido.

Mais adiante, João Antônio refere-se a uma tentativa que fizera de ampliar o conto “*Frio*”. Esta, segundo afirma, teria sido mal sucedida. Ele informa, também, que o texto, em seu formato original, havia sido traduzido na Califórnia, USA. O contista, em seguida, fala sobre o personagem “*Paraná*”, “*uma figura famosa de [seu] mundo de chamados marginais*”, e explica que é natural que ele apareça em alguns contos.

O escritor, logo a seguir, fala sobre o periódico *A cigarra*, que, segundo diz, foi muito importante no que concerne à revelação e divulgação de muita gente, inclusive àquelas de regiões mais distantes dos grandes centros. Ele volta-se, então, para a editora Civilização Brasileira, que, segundo o contista, estava vivendo “*eternas crises internas*”. João Antônio enumera uma série de problemas na condução da editora, entre eles a péssima qualidade dos assessores e a centralização de poder por parte de Ênio Silveira. Ele lista, também, um número razoável de escritores, entre os quais ele próprio, que estariam deixando “*a casa*” e fala de seus livros esgotados há mais de um ano e não relançado pela editora, o que vinha lhe acarretando prejuízos.

Para encerrar, João Antônio informa que estava enviando a Mandatto a versão mais recente do texto intitulado “Pra lá de Bagdá”. No entanto, diz que este título não lhe agradava mais e que, por isso, anexava também uma lista de sugestões para que o amigo lhe ajudasse a escolher e desse a sua opinião a respeito do texto, pois este seria incluso em seu novo livro¹⁰.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **19/08/1980** DATA DA POSTAGEM: **22/08/1980**
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia falando sobre os artigos que Mandatto vinha escrevendo a respeito de sua obra e das dificuldades para a publicação encontrada por este. Em seguida, ele indica a leitura da revista *Isto É* daquela semana e diz que lá o amigo encontraria uma surpresa.

Mais à frente, o contista informa que aguardava a devolução de um texto enviado junto com carta, afirmando, também, que tinha pensado outras possibilidades de título para ele: “Joãozinho das Candongas”, “Joãozinho das Candongas, das Tretas e das Letras” e “Joãozinho das Candongas, das Tretas nas Letras”.

João Antônio, mais à frente, diz que discorda da opinião de Mandatto a respeito do trabalho de Heloísa Buarque de Holanda e Marcos Augusto Gonçalves: “*De literatura, aqueles entendem bem pouco. É um pessoal que leu pouco e metido a fazer comparações idiotas*”. No entanto, para o autor valeram o espaço e divulgação que lhe deram. Para encerrar, ele informa que recebeu o terceiro artigo de Mandatto sobre *Malagueta, Perus e Bacanaço* e, ainda, que a sétima edição do livro sairia naquele ano pela editora Record.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **22/08/1980** DATA DA POSTAGEM: **22/08/1980**
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio fala nesta carta dos elogios que vinha recebendo na imprensa. Ele se mostra bastante empolgado com o tratamento que a mídia vinha lhe dando: “*Tantos anos depois Malagueta, Perus e Bacanaço ainda levanta grandes entusiasmos rasgados*”. O escritor cita *O Pasquim* e se pergunta se estariam querendo que ele voltasse a escrever para eles. Para João Antônio, é uma pena que seu livro de estréia estivesse já há um ano esgotado, mas mostra-se feliz com a sua possível publicação, ainda em 1980, pela editora Record.

¹⁰ A lista de títulos contém 27 possíveis nomes para o texto, sendo que 5 deles aparecem assinalados com um “x”; provavelmente, são aqueles que mais agradaram ao amigo. Como sabemos, o título que consta em *Dedo-duro*, coletânea que abriga o texto, é “Paulo Melado do chapéu mangueira serralha”, terceiro da lista enviada a Mandatto, mas que não coincide com nenhum dos assinalados por ele.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **25/08/1980** DATA DA POSTAGEM: **25/08/1980**
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia a carta referindo-se a um boato que, segundo afirma, corria no Rio de Janeiro a respeito da Bienal do livro de São Paulo: “*Corre aqui, pelo Rio, um boato dizendo que a grande figura da Bienal do livro de São Paulo acabou sendo o JA que a ela nem foi convidado*”. Em seguida, ele fala sobre suas expectativas com relação aos artigos que começariam a aparecer sobre *Malagueta, Perus e Bacanaço*, indo para a sétima edição pela Record.

O escritor diz ter recebido a devolução de um texto que teria enviado a Mandatto. Ele indica três possíveis títulos para este texto: “Paulo Melado”, “Joãozinho das escritas” e “Joãozinho das Candongas”¹¹. Em seguida, refere-se a algumas sugestões feitas pelo amigo a “Lambões de Caçarola” e informa que está pensando em incluir estes trabalhos num novo livro em que estava trabalhando. Para o contista, este teria que ser um livro “*caudal, longo e grosso*” com muita variedade de histórias, técnica e linguagem. Para encerrar, ele diz que depois de sua internação em São Paulo aprendera a ter mais calma.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **30/08/1980** DATA DA POSTAGEM: **09/09/1980**
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia a carta indignado com os atentados que vinham ocorrendo no Rio de Janeiro, vitimando inocentes¹². Em seguida, informa que na segunda-feira seguinte iria à editora Record resolver questões relacionadas às novas capas de três de seus livros. Ele diz, também, que se desse tudo certo *Malagueta, Perus e Bacanaço* sairia ainda naquele ano. Em seguida, o escritor fala sobre o envio de um tablóide intitulado *Canja*, para o qual teria escrito uma matéria: “*Olha, sem exagero, colaborei nos principais nanicos do país. E, sempre me chamam, quando um novo aparece. É quando cometo algo que não gosto de fazer, trabalhar de graça, ou quase*”. Ele indica a Mandatto o endereço do jornal e pede que este escreva dando sua opinião e perguntando o nome do autor da matéria, que teriam esquecido de colocar. Para encerrar, João Antônio fala novamente sobre a violência que vinha deixando toda a sociedade brasileira amedrontada.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **09/09/1980** DATA DA POSTAGEM: **09/09/1980**
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia a carta se referindo a dois artigos publicados sobre ele no “Pasquim”. Estes provocam uma pequena discussão entre os dois, pois Mandatto, ao que parece, discorda das referências dadas pelo escritor, que afirma que o amigo deve ser “*cegueta dos dois olhos*” e, ainda, que “*precisa aprender a ler jornais*”. Mais adiante, o contista pede a Mandatto que corrija, se puder, seu artigo a respeito de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, no qual afirma que o livro estaria na sexta edição. O correto, segundo João Antônio, seria afirmar que a obra já estava indo para a sétima edição.

Em seguida, o contista pede a opinião de Mandatto a respeito do tablóide denominado *Canja*, que lhe havia enviado em carta anterior. Ele pede, também, que o amigo escreva à editora Record e pergunte quando iriam editar *Malagueta, Perus e Bacanaço, Leão-de-chácara e Malhação do Judas carioca*. Para encerrar, o escritor diz a Mandatto para enviar

¹¹ Trata-se de “Paulo Melado do chapéu mangueira serralha”, publicado em *Dedo-duro*, 1982.

¹² Trata-se de uma série de atentados patrocinados pela extrema direita que não queria a abertura política. No dia 27 de agosto de 1980, uma carta-bomba explodiu na sede da OAB, no Rio de Janeiro, matando a secretária da entidade.

seus artigos sobre o seu livro de estréia para Wilson Bueno, pois ele teria “*força junto à imprensa paranaense*”; diz ainda que tinha percebido uma forte expectativa nas livrarias em torno da edição deste pela Record.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **18/09/1980** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Trata-se de duas cartas escritas na mesma folha. Na primeira carta, João Antônio inicia referindo-se a uma certa confusão que teria acontecido com relação a algumas notas do *Pasquim*, que lhe tinham sido passadas pelo caricaturista Fafs: “*A confusão se deve ao fato de que, quem me passou as notas do ‘Pasquim’ foi Fafs (...) que deve ter tomado nota das coisas totalmente dopado ou de porre (...)*”. Ele agradece, ainda, a atenção de Mandatto e diz envolver-se comumente com “*loucos de pedra*”.

Na outra carta João Antônio pede que Mandatto expresse sua opinião a respeito do conto “*Bolo na garganta*”¹³, do qual envia cópia em anexo. Ele informa, também, que teria pensado em “*Índios*” como um outro título possível para o conto. Desta forma, gostaria de saber qual dos dois agradava mais o amigo e, ainda, se o texto “*se prestaria a entrar num livro em que entrariam, por exemplo ‘Paulo Melado’ e ‘Lambões de Caçarola’*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **19/09/1980** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia perguntando se Mandatto recebera sua última remessa, na qual envia, entre outras coisas, cópia xerox do conto “*Bolo na garganta*”. Em seguida, comenta as novas edições de seus livros pela editora Record e a repercussão deste fato na imprensa. Para encerrar, o escritor fala dos textos que envia em anexo e pede que o amigo os aproveite em seus artigos e devolva-lhe depois.

Obs: A carta foi escrita no verso de uma cópia-xerox da primeira página do conto “*Joãozinho da Babilônia*”, parte integrante da coletânea *Dedo-duro, 1982*.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **01/10/1980** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia a carta dizendo ter eleito Mandatto, por conta de sua fidelidade de vinte anos, como seu “*biógrafo-ensaísta*”. Mais adiante, ele tece algumas críticas ao modo como a sociedade brasileira é conduzida: “*Sexta-feira próxima, depois de amanhã, gasolina sobe de novo. E, de novo, violenta trolha adentrará o rabo já arrombado desse povo usurpado*”.

O escritor, em seguida, cobra do amigo a sua opinião sobre o conto “*Bolo na Garganta*”. Ele lamenta, ainda, que Mandatto não tenha gostado de “*Paulo Melado*” e diz que já mexeu muito no texto. João Antônio aproveita para tecer alguns elogios a Fernando Tatagiba, que, segundo afirma, trata-se de “*um escritor de verdade*”.

O contista informa que está enviando em anexo as “*orelhas*” de Léo Gilson Ribeiro para o livro *Leão-de-chácara* e de Aguinaldo Silva, para *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Ele pede a opinião de Mandatto a respeito do material, bem como sua devolução, após ser

¹³ “*Bolo na garganta*”, ao lado do conto-título, de “*Lambões de Caçarola*” e de “*Frio*”, compõe a coletânea *Meninão do caixote*, publicada em 1984, em uma edição infanto-juvenil. Esta é uma fase da correspondência em que o escritor se mostra bastante interessado em alcançar este público.

fotocopiado. João Antônio se mostra empolgado com as capas das reedições de seus livros: “*As capas de minhas reedições ficarão boas e vendáveis*” e, também, com a produção de um novo livro: “*Corro o risco de ficar doidinho. Nem dormir direito eu tenho. Aliás toda a ratatuiã a que pertença – malucos, amantes e artistas – não dorme decentemente. Você sabia?*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **08/10/1980** DATA DA POSTAGEM: **08/10/1980**

LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia perguntando se Mandatto recebera o número 730 do *Suplemento Literário Minas Gerais*, no qual havia saído a primeira matéria da série que este vinha escrevendo sobre a sua obra. Diz ter recebido a última remessa que o amigo lhe enviara e um telefonema de Valdemar Cavalcanti, que lhe teria feito elogios após a leitura de *Malhação do Judas carioca*.

Mais adiante, o contista se refere a uma possível viagem planejada por Mandatto e sua esposa e aproveita para mandar recados à Angelina, filha do amigo, que andava “*sumida*”. João Antônio se refere, em seguida, ao seu próximo livro, que segundo ele seria “*um caleidoscópio insólito*”.

Para encerrar, o escritor passa o endereço do *Jornal de Letras* para que Mandatto envie artigos a seu respeito. Ele enumera, ainda, aspectos biográficos seus para que Jácomo possa usar em seus artigos.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **05/11/1980** DATA DA POSTAGEM: **05/11/1980**

LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia fazendo referência a uma viagem feita por Mandatto e sua esposa a Minas Gerais. Em seguida, ele diz que esteve em São Paulo em um encontro bem sucedido com alunos de duas faculdades particulares, das quais não diz o nome, informando, apenas, que fora levado por assessor editorial da Ática. Para o contista, são os estudantes o público capaz de movimentar o mercado editorial brasileiro. Por isso, afirma que está solicitando aos professores, amigos e conhecidos, que indiquem seus livros a alunos. Ele, então, pede a Mandatto que pense em uma maneira de colaborar neste sentido em Itapira. João Antônio fala com entusiasmo do debate com os estudantes, que, segundo diz, fizeram trabalhos a respeito de “*Meninão do caixote*” com qualidade superior aos de muitos jornalistas.

Mais adiante, ele diz ter entrado em contato com um trabalho de Antonio Candido sobre o “*papel do Brasil na nova narrativa*”, no qual o crítico afirma considerar “*Paulinho Perna Torta*” uma “*obra prima da ficção brasileira*”. Para encerrar, João Antônio pede que Mandatto lhe diga como poderia ajudá-lo junto aos professores.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **13/11/1980** DATA DA POSTAGEM: **13/11/1980**

LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia a carta com a transcrição de um trecho do texto intitulado “*O papel do Brasil na nova narrativa*”¹⁴, de Antonio Candido. No excerto em questão, Candido fala justamente sobre a obra do autor de “*Paulinho Perna Torta*”, que afirma considerar “*obra prima de nossa ficção*”. Segundo João Antônio, trata-se de uma comunicação apresentada pelo crítico em Washington, no workshop “*The rise of the New Latin American Narrative*,

¹⁴ Esta conferência foi publicada no Brasil, em 1980, na revista do Cebrap: Os Brasileiros e a Literatura latino-americana”, in *Novos Estudos*. CEBRAP, Vol I, nº 1. São Paulo: dezembro de 1981. Posteriormente, o texto seria incluído na coletânea *Educação pela noite*, sob o título de “*Nova narrativa*”.

1950-1975”, realizado de 18 a 20 de outubro de 1979. O escritor conta que tinha conseguido o texto por intermédio do professor Benjamin Abdala Júnior, da Universidade de São Paulo.

Mais adiante, o contista faz elogios à editora Record pelo trabalho realizado com a sétima edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Ele informa, também, que continua firme em seu trabalho de levar seus livros às escolas, e que estes vinham tendo uma boa recepção. Além disso, diz que está muito atarefado com um novo livro. Para encerrar, João Antônio aconselha Mandatto a aproveitar a opinião de Antonio Candido e informa que fora consultado a respeito da tradução de um conto seu para uma antologia no México.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **19/12/1980** DATA DA POSTAGEM: **20/12/1980**
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio, de início, fala sobre seu retorno das cidades de Vitória e Belo Horizonte. Em seguida aconselha Mandatto a concluir a história de “*O PAPA VERDE-AMARELO*”¹⁵: “*Rapaz pegue logo esta história de ‘O PAPA VERDE-AMARELO’ e bote tudo no papel. Livre-se disso. (...) Um escritor não escreve um livro, livra-se dele*”.

Mais adiante, o contista diz a Mandatto para que reclame a publicação de seus artigos junto a Cícero Acaiaba, do *Suplemento Literário Minas Gerais*. Ele diz, ainda, ter procurado sem sucesso por Fernando Tatagiba, quando esteve em Vitória.

João Antônio, fala sobre as capas de livro produzidas pela editora Record, que na sua opinião, teria feito a capa mais profissional de um livro seu. Para encerrar, ele dá “*saudações natalinas*” e manda recados à Angelina, filha de Mandatto.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **03/01/1981** DATA DA POSTAGEM: **03/01/1981**
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia a carta dizendo ter começado o ano solitário, pois “*todas as mulheres deram no pé*”. O escritor enumera algumas mulheres (amantes) que tinham viajado, deixando-o sozinho na capital fluminense. É interessante observar que, para todas elas, ele cria uma espécie de codinome, e, portanto, nunca utiliza seus nomes próprios: “*meio descalibrado*”: “*Sobrou-me apenas, tão distante, a Dama da Rodoviária, a de Pele Acetinada, nos vinte e poucos aninhos, tão anjinhos que a minha sacanagem faunesca há de taldar*”. O escritor se detém longamente neste assunto, em grande parte, por meio de frases de efeito: “*os polígonos (...) se alimentam da noite e da solidão, pois não há ninguém mais solitário que um mulherengo*”.

Mais adiante, ele diz a Mandatto para que este peça à “Élia” uma cópia da matéria de Lourdes Gonçalves. O autor informa, ainda, sobre o recebimento de todos os recortes que o amigo lhe havia enviado. Para encerrar, o contista afirma que aproveita a solidão, provocada pelo abandono de suas “*amadas*”, para escrever a história de um dedo-duro: “*Faço, na primeira pessoa, um narrado*¹⁶ *de um dedo duro. É um trabalho terrível, Jácomo, de uma escrotidão simplesmente criadora*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **06/02/1981** DATA DA POSTAGEM: **07/02/1981**
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio trata, no início desta carta, dos artigos de Mandatto que estavam sendo publicados pelo *Suplemento Literário Minas Gerais*. Estes compunham uma série, da qual o

¹⁵ Livro de autoria de Jácomo Mandatto, publicado em 1999, com selo editorial próprio.

¹⁶ A palavra aparece na carta dessa forma. Apesar de fazer mais sentido o termo narrador, optei por não corrigir, uma vez que esta correção poderia eliminar possíveis ambigüidades do texto.

escritor diz ter recebido o segundo capítulo. Segundo afirma, aquele era, sem dúvida, “*um documento fatalmente importante, principalmente à medida em que o tempo for caminhando e caso eu continue a escrever e publicar com algum sucesso*”.

Em seguida, o escritor informa que havia estado na editora Record durante aquela semana, discutindo questões referentes à capa da terceira edição de *Malhação do Judas carioca*, que sairia em aproximadamente vinte dias. Para ele, aquela era a “*melhor de todas as capas*” feitas de livro seu. João Antônio conta, também, que fora convidado a participar de um encontro de estudantes em Ijuí e que a editora lhe pagaria as despesas aéreas.

Para encerrar, o contista fala de seu novo livro¹⁷, do qual diz ainda não revela o título ao amigo por se considerar uma pessoa supersticiosa. Ele dá algumas informações, como, por exemplo, o fato de que a obra traria ilustrações de Fafs.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **13/02/1981** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

Trata-se de duas cartas escritas numa mesma folha. Na primeira, João Antônio inicia falando dos artigos de Mandatto a respeito de sua obra, que estavam sendo publicados pelo *Suplemento Literário Minas Gerais*. Em seguida, ele informa que “*os vagabundos Perus, Bacanaço e Malagueta estão chegando a Nice, na França*”. O escritor diz que envia, junto com a carta, material para que Mandatto inclua em “*seus artigos e arquivos*”. Para encerrar, ele conta que no dia 20 daquele mês iria para Ijuí, no sul do país, onde ficaria por, mais ou menos, 11 dias a convite do departamento de Letras.

Na segunda, João Antônio inicia informando que recebera a última carta que Mandatto lhe enviara e, ainda, faz referências a uma entrevista que lhe fora mandada por “Élia” e que teria sido publicada em vários jornais. Em seguida, ele agradece ao amigo “*pelo abraço de aniversário*” que este lhe tinha enviado. Para encerrar, diz que seria necessário “*escrever muito sobre Lima Barreto neste ano de seu centenário de nascimento*” e que providenciaria algo.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **14/03/1981** DATA DA POSTAGEM: **16/03/1981**
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia dizendo estar estranhando a ausência de notícias por parte de Mandatto. Em seguida, ele conta que estava chegando de uma temporada no Rio Grande do Sul, em que visitou várias cidades, “*a convite do departamento de letras da FIDENE*”. Conta, ainda, que durante a viagem tinha aproveitado para participar do lançamento da antologia *Contos Brasileiros*, que reúne autores como Rubem Fonseca, Ignácio de Loyola Brandão, Caio Fernando Abreu, o próprio João Antônio, entre outros.

O escritor, mais à frente, fala sobre o lançamento do volume *Literatura Comentada*, totalmente dedicado à sua obra. Ele pede a Mandatto que dê uma olhada e que lhe passe, posteriormente, sua opinião. João Antônio aproveita para lembrar ao amigo que ele havia se tornado o seu “*fiel depositário em matérias críticas*”.

Para encerrar, o contista fala sobre os artigos de Mandatto publicados pelo *Suplemento Literário Minas Gerais* e da repercussão que seus livros têm alcançado através da editora Record. Ele informa, também, que seu novo livro, *Dedo-duro*, seria ilustrado por Fafs e que estava levando fé em seu novo trabalho.

¹⁷ Trata-se de *Dedo-duro*, que seria publicado apenas no ano seguinte.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **22/03/1981** DATA DA POSTAGEM: **23/03/1981**
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio, de início agradece por um artigo que Mandatto lhe mandou. Em seguida, ele conta que havia sugerido ao *Suplemento Literário Minas Gerais* fazer “*uma edição especial sobre o centenário de Lima [Barreto]*”, para a qual ofereceria um artigo seu a respeito. O escritor diz, adiante, que seu nome voltava a aparecer novamente com frequência nos jornais e atribui isto ao esforço de Élia Ferreira Edel, da editora Record.

Mais à frente, o contista informa que seu novo livro, *Dedo-duro*, já havia sido contratado pela editora citada e, ainda, que este traria ilustrações de Fafs. Para encerrar, ele transcreve o título de cada conto¹⁸, os relaciona com os temas tratados e diz a Mandatto que tudo isso pode ser noticiado.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **04/04/1981** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Trata-se de um bilhete, no qual João Antônio agradece a Mandatto pelo envio da *Folha de Itapira*. Em seguida fala da movimentação – conferências, debates e artigos – em torno de Lima Barreto. Para encerrar, ele diz que segue em anexo uma cópia-xerox de carta recente de Jorge Amado, a qual Mandatto poderia usar em seus textos, se quisesse.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **21/04/1981** DATA DA POSTAGEM: **22/04/1981**
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia falando de uma visita que Mandatto fizera ao Rio de Janeiro. Lamenta que esta tenha sido rápida e que por isso não tenha sobrado tempo para que lhe apresentasse seu “*plano sobre Dedo-duro*”. Sobre isso, ainda diz que parece que o livro já estava provocando interesse, pois tinha sido procurado por Graça Neiva, do “*Leia Livros*”. Em seguida, o escritor agradece pela cachaça que Mandatto lhe dera e diz que este fazia bem em se aposentar.

Mais adiante, João Antônio fala de um trabalho que fez sobre Lima Barreto para o *Suplemento Literário Minas Gerais*. Diz estar lendo Charles Dickens, “*mestre amigo dos paupérrimos e pingentes de sua época...*” e espera ocasião para voltar “*ao papel*”.

Por fim, o contista tenta acertar uma ida sua a Itapira para discutir literatura e diz ter vontade de atingir um público formado por professores de português. No entanto, afirma não querer causar “*aporriações*”, por isso, deixa a cargo de Mandatto a decisão.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **04/05/1981** DATA DA POSTAGEM: **05/05/1981**
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia contando a Mandatto que havia lhe caído uma janela sobre o pé esquerdo e que talvez o tivesse quebrado. Em seguida, ele diz ter interrompido uma promessa feita a si mesmo, uma vez que tinha escrito um texto para a rede Globo. Segundo afirma, a emissora lhe encomendou um texto a respeito de Lima Barreto, que deveria ir ao ar na segunda-feira seguinte. No entanto, acredita que o texto sofrerá muitos cortes, apesar de lhe terem dito que haviam gostado do trabalho.

¹⁸ Os títulos aparecem na carta exatamente na mesma ordem que viriam no livro.

João Antônio, para encerrar, fala de outros trabalhos que tem feito a respeito de Lima Barreto: “*Faz três dias que vivo em torno da pessoa de Lima Barreto e sua obra fundamental*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **06/05/1981** DATA DA POSTAGEM: **06/05/1981**
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia dizendo que guardará para Mandatto tudo aquilo que encontrar sobre Lima Barreto. Em seguida, fala das dores que vem sentindo no pé por conta da queda de uma janela sobre ele. Mais adiante, enumera o volume de trabalho que tem realizado a respeito de Lima Barreto. Entre outras coisas, tinha concedido entrevista à revista *Isto É*, a ser publicada em 13/05/1981; além do convite para fazer uma conversa com alunos de Rio Cumprido. João Antônio, conta que recebeu convite para participar de uma “Semana Cultural Brasileira”, a ser promovida pelas Faculdades Íbero-Americanas (SP), em um debate com outros escritores – Murilo Rubião, Inácio de Loyola Brandão, Murilo Carvalho e Fábio Lucas. Ele diz não ter aceito fazer um debate, somente iria se fosse para uma palestra sobre Lima Barreto, na qual seria permitida a presença de escritores e professores apenas na platéia, junto com os alunos. Segundo afirma, sua proposta tinha sido aceita e a palestra havia sido agendada para o dia 22/05/1981. João Antônio convida, então, Mandatto a aparecer na Palestra e diz que indicou *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* como subsídio aos participantes da palestra.

O contista, para encerrar, faz referência a um livro de Edla Van Steen, intitulado *Viver e Escrever* (editora L&PM), que traria uma entrevista sua. Diz que o livro vinha recebendo elogios e que ainda não o tinha lido, mas os amigos que leram haviam gostado. João Antônio agradece, ainda, pela remessa de xerox de algumas fotos feita por Mandatto.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **15/05/1981** DATA DA POSTAGEM: **16/05/1981**
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Em primeiro lugar, João Antônio passa a Mandatto números de telefone, pelos quais poderia ser contatado, e indica o nome de uma professora, responsável pela coordenação do curso de Letras, Tradutores e Intérpretes, com quem o amigo deveria entrar em contato, caso quisesse saber em qual hotel ele estaria hospedado. Ao que parece, o escritor está se referindo à viagem a São Paulo, mencionada na carta anterior, onde faria palestra sobre Lima Barreto.

João Antônio informa que está havendo alguma discussão a respeito do autor de *Clara dos Anjos* no Rio de Janeiro. Diz estar sendo bastante procurado a esse respeito e cita um artigo seu publicado pelo *Jornal do Brasil*, cuja repercussão teria sido grande.

Para encerrar, o escritor convida Mandatto a aparecer no debate em São Paulo, e informa que havia tirado o gesso do pé esquerdo.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **27/05/1981** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio, de início, agradece pela presença de Mandatto e José Armando em sua palestra sobre Lima Barreto, realizada na cidade São Paulo. A seguir, ele pede a opinião do amigo sobre seu artigo publicado pelo *Jornal do Brasil* de 09/05/1981, bem como sobre a palestra propriamente dita.

O escritor, mais adiante, diz estar enviando uma página do *Jornal José*, na qual há comentários sobre *Policarpo Quaresma* e *Malhação do Judas Carioca*. Esta deveria ser

devolvida após ser xerocopiada. Diz, ainda, enviar uma ficha de orientação de leitura do livro *Leão-de-chácara*, que deveria ser dada a algum professor de português.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **06/06/1981** DATA DA POSTAGEM: **07/06/1981**
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia dizendo estar desconfiado de que Mandatto não tinha recebido a sua última remessa. Ele descreve o material enviado e pede confirmação de recebimento. Em seguida, pergunta se o amigo tinha lido uma nota publicada pelo *Suplemento Literário Minas Gerais*, na qual são citados artigos sobre ele escritos por Mandatto, bem como um artigo de Graça Neiva, para o “Leia Livros”, sobre *Dedo-duro*.

Em seguida, o contista diz estar protelando o lançamento de seu livro para o final do ano. A crise seria o principal motivo de tal decisão: “*Muitos motivos, principalmente o de que a temporada está bem pra lá de ruim. (...) A crise é bem mais que uma palavra*”. Para encerrar, ele questiona novamente a chegada de sua última remessa e diz que não enviará nesta carta uma longa entrevista publicada pelo tablóide *Acadêmico* (de Blumenal) por não ter certeza se a carta chegaria.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **12/06/1981** DATA DA POSTAGEM: **12/06/1981**
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Em primeiro lugar, João Antônio agradece pelos “recortes” enviados por Mandatto. Em seguida, ele fala de suas impressões a respeito de uma palestra dada no colégio Caetano de Campos. Segundo diz, a palestra tinha tido pouca participação, pois “*o pessoalzinho (o diminutivo é efetivo) já não está feito ao diálogo*”.

Mais adiante, o escritor sugere a Mandatto promover uma palestra sua sobre Lima Barreto em Itapira. Ele pede, ainda, que o amigo escreva a Oldemar Olsen Jr, do *Jornal de Cultura Catarinense*, e proponha que este o leve, através do jornal, à Santa Catarina, para falar sobre o autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, bem como dos seus próprios livros.

João Antônio, fala, também, sobre as cobranças que têm feito ao *Suplemento Literário Minas Gerais* para que se lembrem mais de Lima Barreto. O mesmo teria feito com o cartunista Jaguar, do *Pasquim*. Depois, ele diz a Mandatto que não tem uma cópia completa de *Dedo-duro* e que este deve pedi-lo à editora Record, que lhe mandaria sem dificuldade. Ele comenta, ainda, que Jorge Amado tinha gostado do livro e já havia preparado a sua apresentação, sendo que a editora tinha encomendado a “orelha” a Antônio Candido. Para encerrar, o contista reforça os pedidos feitos ao amigo.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **21/07/1981** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia contando que esteve no final de semana com o amigo José Armando Pereira da Silva e sua esposa Inajá. Mais adiante, ele diz ter visto na revista do Círculo do Livro que estava sendo editado *Tirano Banderas*, de D. Ramón Maria Del Valle-Inclán, ao qual se refere como um gênio.

O escritor propõe a Mandatto fazerem uma homenagem a Lima Barreto em Itapira. Diz ter conversado, também, com Inajá sobre a possibilidade de fazer o mesmo em Santo André. João Antônio informa que estará em São Paulo, ainda naquela semana, para resolver pendências trabalhistas junto à Editora Três. Ele passa o telefone da casa de seu pai em Presidente Altino, caso o amigo deseje lhe fazer uma visita.

Para encerrar, o contista conta que havia saído no *Suplemento Literário Minas Gerais* (número 767 de 13/07/1981) três páginas de artigos sobre Lima Barreto, uma das quais escrita por ele. João Antônio reclama, ainda, do clima frio e sem Sol.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **01/07/1981** DATA DA POSTAGEM: **02/07/1981**
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Nesta carta, João Antônio, inicialmente, pede confirmação de recebimento de sua mais recente remessa. Ele agradece a Mandatto por levá-lo à Itapira para falar sobre Lima Barreto e por ter escrito a Oldemar Olsen Jr, em Blumenau. A seguir, o escritor diz que finalmente fora publicado seu artigo sobre o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* pelo *Suplemento Literário Minas Gerais* e pede a opinião de Mandatto a respeito.

Mais adiante, João Antônio conta que esteve em São Paulo por quatro dias “*a fim de continuar [seu] calvário com e contra a Editora Três*”. Ele fala do frio enfrentado na cidade paulista e de sua alegria em reencontrar o Sol em Copacabana.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **28/07/1981** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia dizendo esperar que Mandatto tenha recebido sua remessa com artigos de jornais sobre Lima Barreto, os quais deveria devolver posteriormente. Ele pede que este envie, também, sua opinião a respeito das fichas de abordagem literária do livro *Malhação do Judas carioca*.

Em seguida, o escritor conta que participou, na Casa de Rui Barbosa, de um debate sobre *Policarpo Quaresma* com Fábio Lucas, cujo relator teria sido Silviano Santiago. Este seria, na opinião de João Antônio, “*original, profundo e sofisticado*”. O contista diz estar enviando cópia da comunicação feita por ele, bem como de outros materiais, que deveriam ser devolvidos depois de xerocopiados.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **30/07/1981** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 4

Trata-se de dois bilhetes escritos em rótulos de cigarro, apenas um está datado, mas eles estão colados um ao outro. No primeiro deles, João Antônio inicia pedindo que Mandatto dê sua opinião sobre as fichas de abordagem do livro *Malhação do Judas carioca*. Em seguida, ele reclama das dificuldades que está encontrando em se comunicar com José Armando Pereira da Silva. Mais adiante, o contista fala que está “*trelendo*” *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói e descreve suas impressões de leitura. Ele retoma, logo a seguir, um pedido que tinha feito a Mandatto, para que este ficasse responsável de recolher sua correspondência, caso viesse a falecer.

João Antônio tece suas opiniões a respeito do livro *Moderna Ficção Brasileira*, de Malcon Silverman. Ele se refere ao autor como “*gringo galalau*”, autor de um trabalho superficial, sem conhecimento a respeito de escritores brasileiros. Para encerrar, pede notícias a respeito de sua ida a Itapira e reafirma sua viagem a Taubaté no dia 22 de agosto.

No segundo bilhete, João Antônio comenta um trabalho de Silviano Santiago sobre Lima Barreto e pergunta o que Mandatto pensa a respeito.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **08/08/1981** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

Trata-se um bilhete, no qual João Antônio, de início, faz referência a um material sobre Lima Barreto, encontrado por Mandatto. Em seguida, ele pergunta se o amigo havia recebido suas remessas.

Mais adiante, o escritor diz estar lendo Tolstoi e fala de suas impressões a respeito do autor russo. Ele conta, logo a seguir, que Antônio Candido tinha lido *Dedo-duro* e tecera muitos elogios sobre a obra. O contista afirma que decidiu publicar o livro somente em 1982.

Para encerrar, João Antônio informa que ainda não havia recebido confirmação sobre a sua possível ida a Taubaté, no dia 22 daquele mês.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **13/08/1981** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia indicando a Mandatto a leitura de uma crônica de Marcos Rey, intitulada “*Morre Babi*”, que saiu no jornal *Folha de São Paulo* do dia anterior. A crônica diz respeito à morte da cadela pertencente ao escritor de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Em seguida, ele diz ter anexado à carta recorte da “*Folha*” de 27 de abril com matéria publicada e, também, opiniões de Rey sobre ele (material não encontrado na coleção).

Mais adiante, o escritor conta algumas coisas que lhe tinham acontecido no dia anterior, entre elas o fato de ter conhecido “*a famosa professora da Universidade Federal de Brasília, Judith Grosmann*” e de ter recebido ligação de Nilo Scalzo, avisando que publicaria um conto seu no “*Suplemento ‘Cultura’, domingueiro*”.

O contista agradece, então, a Mandatto pelo envio de materiais a respeito de Lima Barreto. Para encerrar, ele fala de sua ida a Taubaté, programada para o dia 22 daquele mês, e convida o amigo a encontrá-lo. Iria, depois, à Presidente Altino, na casa de seu pai e estende o convite.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **17/08/1981** DATA DA POSTAGEM: **17/08/1981**
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio trata, inicialmente, de assuntos referentes à visita que faria a Itapira no início de setembro daquele ano. Pede que Mandatto lhe indique o número aproximado de livros seus que deveria levar e, também, que este lhe arrume um cachê, pois se tratavam de tempos “*bicudos*”. O escritor indica, ainda, outras providências que deveriam ser tomadas antes de sua ida à cidade.

Por fim, o contista fala, de modo um tanto cifrado, sobre o final de um relacionamento que mantinha há dez anos. Já no início da carta há uma referência ao assunto, com a seguinte inscrição: “*E está acabado, de vez, dez anos depois, o meu caso que chamo de A Loba da Avenida Atlântica*”. E mais adiante: “*Coisa incrível, cheirando a Dostoiévsk e que terminou num exorcismo de todos os capetas (...)*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **21/07/1981** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 3

João Antônio inicia a carta dizendo-se triste com a morte de sua cadela “*Babi*”. Ele conta que tanto ela quanto Laica, mãe da cadela morta, estavam prenhes e deram cria. De

ambas, perderam-se filhotes, mas restaram-lhe três. O escritor retoma, então, a lembrança de Jolí, uma cadela que tivera em sua adolescência.

Mais adiante, João Antônio pede a Mandatto o endereço de José Armando Pereira da Silva, pois a carta que lhe tinha enviado voltou. Em seguida, o escritor diz que caso lhe aconteça alguma coisa, deseja que Mandatto fique responsável por recolher e publicar sua correspondência: “*Você pode me julgar louco, mas não sou. Quero lhe pedir um favor. Se eu pifar de uma hora para a outra e me apagar, bater com as dez e for conduzido à chácara dos pés juntos, você sabe: fica incumbido de organizar a minha correspondência e publicar, se interessar. Os direitos devem reverter em seu benefício e no nome de Tereza Conceição Martins*”.

Para encerrar, o contista diz que tem poucas coisas novas sobre Lima Barreto, das quais a maioria Mandatto já deveria ter. Do que estava enviando, ele pede que o amigo tire cópia xerox e devolva. Ele pede, ainda, a opinião sobre as fichas de abordagem de *Malhação do Judas Carioca*, que tinham ficado prontas.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **26/08/1981** DATA DA POSTAGEM: **26/08/1981**
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia pedindo a opinião de Mandatto sobre um texto seu publicado no último domingo, sob o título de *Uma Força*¹⁹, pelo jornal *O Estado de São Paulo*. A seguir, ele diz que, em seu retorno de Taubaté e São Paulo, traz notícias boas e más. O escritor diz que a repercussão de sua visita à Faculdade de Filosofia e Letras em Taubaté foi bastante positiva, tendo vendido mais de sessenta exemplares e provocado bastante interesse tanto em estudantes quanto em professores.

A notícia ruim era que seu pai estava adoentado e entristecido. João Antônio diz que pretende levá-lo em visita que faria a Itapira. No entanto, precisava de alguém que os pegasse de carro em Presidente Altino. Deste modo, pergunta ao amigo se havia alguém que pudesse cumprir esta tarefa.

Para encerrar, o escritor indica alguns nomes e endereços para os quais Mandatto deveria mandar um cartaz sobre sua ida à cidade. Indica, ainda, um número do *Suplemento Literário Minas Gerais*, em que tinham saído duas matérias sobre ele.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **09/09/1981** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia pedindo a Mandatto que agradeça a todos, inclusive aos cães, pela boa acolhida que recebeu quando esteve em Itapira. Mais adiante, ele diz estar lendo Tchêchov e que este o fez perceber “*claramente o quanto é possível fazer literatura de verdade sobre as classes lesadas do Brasil*”.

O contista pergunta o que Mandatto achou de seus contos e pede que a resposta venha em forma de artigo para o *Suplemento Literário Minas Gerais*. Em seguida, ele fala de suas impressões ao voltar para o Rio e caminhar pela praia. Logo adiante, João Antônio diz que está enviando em anexo as apresentações de Antônio Candido e Jorge Amado para o livro *Dedo-duro* e pede que lhes sejam devolvidas depois. Para encerrar, ele diz que conversará com alguém da TV Globo sobre o trabalho desenvolvido no “*Bairral*”²⁰.

¹⁹ Em 1986, o texto comporia a coletânea *Abraçado ao meu rancor*. Importa notar que este texto, ou o seu embrião, foi escrito como uma carta circular aos amigos no início da década de sessenta.

²⁰ Trata-se do Instituto de Psiquiatria Américo Bairral, do qual Mandatto foi presidente do Conselho Diretor, entre os anos de 1980 a 1982. João Antônio volta de sua visita a Itapira bastante impressionado com o trabalho desenvolvido no Instituto.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **27/09/1981** DATA DA POSTAGEM: **28/09/1981**
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia contando que havia tomado um tombo, no qual quase quebrou uma costela. Em seguida, ele diz ter recebido o xerox de suas fotografias feitas por Mandatto em Itapira e pede ao amigo que lhe envie, se possível, cópia de algumas delas. Para isso, João Antônio se dispõe a pagar as despesas que forem feitas.

Para encerrar, manda recomendações a familiares de Mandatto, bem como aos cães, e diz que o amigo deveria aproveitar o carinho que “Cléber”²¹ tem por ele e “*inocular-lhe o gosto pelos livros*”. O contista diz, ainda, que Mandatto, se quiser, pode escrever sobre os contos de *Dedo-duro*, sem, no entanto, revelar o título da obra, a fim de manter “*um certo ineditismo até seu lançamento*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **03/10/1981** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia a carta – com uma inscrição à caneta – trazendo a seguinte frase: “*Maluf, el larápio, caiu do cavalo e quebrou a Bacia. Esses calhordas nacionais são uns pândegos impunes*”. Em seguida, ele diz estar enviando em anexo um texto (não se encontra junto às cartas) a respeito de Lima Barreto, publicado pelo *Suplemento Literário Minas Gerais*. O escritor fala, também, de umas dores que vem sentindo nas costelas, que têm lhe causado desconforto.

Mais adiante, ele se volta para o trabalho comunitário do qual Mandatto participa e tece uma série de elogios: “*O Bairral é um resultado da boa vontade e do poder de trabalho cooperativado*”. A seguir, João Antônio fala de seus cães e manda lembranças aos do amigo. O escritor reclama que além das dores nas costelas, pegou um forte resfriado.

O contista, adiante, pede ao amigo que lhe envie “*as fotografias*” e os “*resultados escritos*” de suas palestras em Itapira e Mogi Mirim. Por fim, ele conta – numa espécie de apêndice escrito à caneta – que Mário Reis, “*pai, mãe e avô de todos os grandes intérpretes de samba*”²², havia morrido.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **13/11/1981** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Nesta carta, João Antônio conta que fora convidado a ir à UNICAMP no dia 04 de novembro. Diz que apesar do cachê ser pequeno, resolveu aceitar: “*Pagam-me aquela coisa costumeira: passagem de avião, estadia e um cachê que dá para a cachaça e o cigarro. Cachaça fuleira e cigarros lambidos, entenda bem*”. Por fim, o contista convida Mandatto a ir a Presidente Altino (SP) no feriado do começo de novembro, pois pretendia visitar seu pai e demais parentes.

Obs: Está anexada à carta o artigo de Gastão de Holanda, intitulado “Um livro polêmico sobre o carnaval”, publicado pelo jornal *O Globo* de 27/09/1981.

²¹ Neto de Jácomo Mandatto.

²² Trata-se do famoso sambista carioca, intérprete de Noel Rosa e amigo de poetas modernistas, como Carlos Drummond Andrade. Mário Reis faleceu no dia 05 de outubro, portanto, dois dias depois da data que consta no cabeçalho da carta. Provavelmente, a carta foi iniciada no dia 03 e encerrada dias depois (esta é uma das muitas cartas que chegaram até nós sem o envelope, por isso, são poucas aquelas que apresentam data de escritura – grafada pelo autor – e data de postagem).

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **22/10/1981** DATA DA POSTAGEM: **22/10/1981**
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia dizendo ter sido convidado para ir à UNICAMP no dia 04 ou 11 de novembro. O convite para o dia 04 tinha sido aceito, no entanto, encontrava-se impossibilitado de ir neste dia e agora tinha dificuldades em contatar as professoras responsáveis. Por isso, o escritor pede a Mandatto que lhe ajude a encontrá-las, para que possa alterar para o dia 11 do mesmo mês sua ida à UNICAMP.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **24/10/1981** DATA DA POSTAGEM: **25/10/1981**
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Nesta carta, João Antônio pede, novamente, que Mandatto lhe ajude a entrar em contato com as professoras da UNICAMP com quem havia combinado uma palestra para o dia 4 de novembro. O escritor se diz impossibilitado de comparecer na data combinada, tendo a agenda livre somente para o dia 11 daquele mês. O problema é que não estava conseguindo avisar as responsáveis, por isso apelava a Mandatto. Em seguida, o contista pede ao amigo que lhe mande uma cópia do livro *Montagem e desmontagem de textos*, de Hermínio G. Sargentim, que teria se utilizado, sem autorização ou consulta, de material retirado de sua obra: “*Podendo, mande-me logo o material. Quero pegar esse cabra na curva. Na curva torta que ele está fazendo comigo*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **15/11/1981 e 17/11/1981**
 DATA DA POSTAGEM: *s/i*
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Trata-se de uma carta na qual aparece colado um bilhete. Na carta, datada de 15/11/1981, João Antônio inicia falando de suas viagens pelo interior de São Paulo em discussões literárias. Diz que seu livro *Leão-de-chácara* estava sendo estudado no Instituto de Estudos da Linguagem, na UNICAMP. O escritor conta, também, que tinha recebido a visita de Ruud Ploegmakers²³, um holandês que estava preparando uma tese de mestrado a respeito de sua obra. Por ocasião desta visita, haviam conversado durante cinco horas, fazendo o levantamento de vocabulário, inclusive de gírias. Mais adiante, o escritor fala que anda “*correndo atrás de mais Gregório de Matos e de Pedro Arentino*”²⁴. Ele diz, ainda, que estará em São Paulo novamente, dos dias 20 a 23, a convite da Secretaria de Cultura do Município. Em seguida, o contista volta-se para o Prêmio Bienal Nestlé de Literatura, do qual lista as comissões julgadoras e pede a Mandatto que divulgue e lhe envie recortes de jornal que encontrar a respeito.

Para encerrar, o escritor diz ter tido notícias em São Paulo do “*execrável Flávio Moreira de Bosta que, entre outras coisas, tentou passar por pedinte e quis explorar Edla Van Steen e Sônia Coutinho (...)*” João Antônio, antes de se despedir de Mandatto, ainda faz alguns comentários a respeito desta pessoa, a quem chama de “*rufião frustrado e melancólico*”.

²³ Ruud Ploegmakers, posteriormente (fevereiro de 1985), enviaria a João Antônio um exemplar de seu trabalho de conclusão de curso: “*Frescuras do coração – a melancolia nos contos de João Antônio*”. Infelizmente, este não foi encontrado no acervo do escritor.

²⁴ Ao que tudo indica, o escritor buscava aproximações sobre os autores italiano e brasileiro. Contudo, não fica claro se isto se dá por conta de um algum trabalho específico ou apenas por “*curiosidade*” de leitor.

No bilhete, datado de 17/11/1981, João Antônio agradece ao amigo pelas fotos que este lhe enviara e diz ter recebido um xerox de “Montagem e desmontagem de textos”, que lhes teriam sido roubados impunemente. Em seguida, ele agradece pelo apoio dado por Mandatto junto às professoras da UNICAMP. Para encerrar, o contista afirma que estudará uma forma de divulgação do Instituto Bairral, quando retornar de São Paulo.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: 23/11/1981 DATA DA POSTAGEM: 24/11/1981
LOCAL DA POSTAGEM: São Paulo PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: Uma
(cartão postal)

João Antônio conta que está em São Paulo a convite da Secretaria de Cultura do Município para proferir palestras em bibliotecas públicas. Em seguida, ele diz a Mandatto que assista ao programa “90 minutos”, veiculado pela TV Bandeirantes, naquela semana, pois ele apareceria em um dos dias. O escritor afirma não poder adiantar a data exata: “*Vou aparecer lá. De um modo que poderá ser uma surpresa*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **09/12/1981** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Trata-se de um pequeno bilhete de João Antônio, no qual ele afirma que tem recebido artigos de leitores (parece que são sobre a sua obra, mas não fica explícito) e que talvez Mandatto possa se interessar até para usá-los como referência em trabalhos seus.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **08/12/1981, 09/12/1981, 19/12/1981 e 20/12/1981.**
DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 5

Trata-se aqui de quatro bilhetes colados a uma cópia xerox de carta destinada a “Miltainho”, o jornalista Milton Severiano. Passaremos à descrição de um por um dos textos: O primeiro bilhete é de 09/12/1981, no qual João Antônio inicia dizendo estar lendo cartas de Mário de Andrade e Graciliano Ramos. Em seguida, o escritor faz “*votos natalinos e de um grande 1982 para todos*”. João Antônio conta que não está bem de saúde e que tinha escrito ao amigo Milton Severiano (cópia da carta está anexada, colada aos bilhetes). Diz estar se tratando e vivendo uma espécie de reclusão por conta do tratamento. Mais à frente, o contista diz que estivera em várias escolas, colégios e universidades. Em uma delas, na UNICAMP, o livro *Leão-de-chácara* estava sendo estudado. Depois, ele fala sobre a visita que recebera de um holandês chamado Ruud Ploegmakers, estudante de literatura portuguesa, que pretendia defender uma tese de mestrado a respeito de sua obra. A seguir, o escritor fala sobre a tradução do conto “*Casa de Loucos*” para o alemão e sua inclusão em uma coletânea prevista para o ano seguinte na cidade de Colônia. Para encerrar, ele pede que Mandatto divulgue tudo isso, bem como a Bienal Nestlé de Literatura.

No segundo bilhete, de 19/12/1981, João Antônio inicia lamentando a morte de “*totó*”, ao que parece, trata-se de um cão pertencente a Mandatto. Em seguida, ele agradece as dez fotos que o amigo lhe enviara e diz que tem estado recluso, lendo muito e na esperança de que Deus indique os melhores caminhos para 1982: “*Sóbrio, lúcido, sem cachaça viro um observador duro, mas o meu sentir não desaparece. Sem os tragos talvez eu veja mais e sofra em dobro. É o preçõ*”. Para encerrar, o escritor conta que aparecerá no programa do Zivaldo – TV Bandeirantes –, provavelmente, na segunda-feira seguinte.

Os outros dois bilhetes são do dia 20/12/1981. Em um deles, João Antônio pede a Mandatto que articule uma ida sua a Mogi Mirim para um encontro com estudantes de Letras

e/ou Comunicação. Em seguida, o contista avisa o amigo que seria publicado um artigo seu sobre Lima Barreto no suplemento Cultura do jornal *O Estado de São Paulo*. Para encerrar, ele fala de suas últimas leituras e impressões sobre elas.

No último bilhete, João Antônio diz que acabara de receber telefonema de São Paulo com a notícia de que deveria aparecer também no programa “90 minutos” da TV Bandeirantes.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **06/01/1982** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Trata-se de um pequeno bilhete, no qual João Antônio pede a Mandatto o endereço e nome do editor do jornal *Correio das Artes* de João Pessoa – PB. Em seguida, ele pergunta se o amigo havia pensado na possibilidade de levá-lo a Mogi Mirim. Para encerrar, diz que está se tratando de problemas nos rins, que tem lido muito e que iria, naquele mesmo dia, resolver questões referentes à capa do livro *Dedo-duro*.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **17/01/1982** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia agradecendo a Mandatto pelo endereço, que este lhe tinha enviado, do *Correio das Artes* de João Pessoa – PB. Em seguida, o escritor conta que a capa do livro *Dedo-duro* seria feita pela mesma pessoa que fizera a de *Malhação do Judas carioca* e, ainda, que o conto “Casa de loucos” seria editado numa antologia alemã, em Colônia.

Mais adiante, João Antônio diz que envia em anexo material sobre a Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, à qual se refere como o “evento mais sério de literatura em 82”. Pede, então, ao amigo que divulgue e recolha recortes de jornal a respeito e, se possível, envie para ele. Para encerrar, o contista pede a Mandatto que lhe devolva “aquela vida de Lima Barreto em quadrinhos”, pois teria tomado emprestado e precisava devolver.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **17/02/1982** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia a carta falando de um volume de histórias em quadrinhos sobre Lima Barreto. Em seguida, o escritor conta que está muito ocupado com um trabalho sobre Noel Rosa, que lhe foi encomendado pela Editora Abril para a série Literatura Comentada.

João Antônio reclama da falta de museus e da dificuldade em encontrar materiais para a sua pesquisa: “(...) *estou sabendo na pele, na alma e no corpo realidades de um país que não tem museus, não tem o menor respeito sobre a memória e não tem vergonha*”. Embora passando por todas as dificuldades, ele se diz fascinado com a obra do cantor e compositor carioca: “*Noel, você sabe, foi um mago e um bruxo. Fez a lua nascer mais cedo; fez dançar os galhos do arvoredo e os barracões da Penha saírem de seus lugares a procurar seus donos quando se sentiam abandonados e sozinhos*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **17/04/1983** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

Trata-se de um bilhete escrito num papel de rótulo de cigarro. João Antônio inicia perguntando como vai o amigo e “o futuro neto”. Depois, diz que está fazendo um tratamento homeopático, no qual evita carnes, alcalóides e excessos: “*Não por proibição médica e, sim,*

por colaboração minha”. Em seguida, o escritor conta que está lendo *O Idiota*, de Dostoiévski.

Para encerrar, João Antônio informa que esteve em São Paulo no dia 07 daquele mês. O contista afirma: “*Estava em São Paulo em 07/04/1983 e penso seriamente numa guerra civil brasileira. O caos foi longe demais*”.

Obs: o escritor se refere a um recorte sobre Gonzaga de Sá que teria anexado ao bilhete, mas que não encontramos junto às cartas.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **02/03/1982** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

Trata-se de um bilhete escrito num papel de rótulo de cigarro. João Antônio, inicialmente pede que Mandatto leia e opine sobre um artigo seu a respeito de Lima Barreto a ser publicado pelo jornal *O Estado de São Paulo* (ele não informa a data). Depois, ele sugere que o amigo “*comente o artigo do livro de Antonio Holmfeldt e o lançamento do I Concurso de Contos João Antônio no Supl. Literário do ‘Minas Gerais’*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **20/03/1982** e **27/03/1982** POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

Trata-se de carta enviada por João Antônio a seus amigos, datada de 20/03/1982, na qual estão colados dois bilhetes.

Na carta, o escritor começa enumerando coisas pejorativas que, segundo afirma, são ditas a seu respeito. Porém, afirma que estas ficariam sem resposta, devido à sua falta de tempo.

A seguir, João Antônio fala do trabalho que está desempenhado sobre Noel Rosa para a coleção *Literatura Comentada*. Diz que o livro está quase pronto e que tinha sido elogiado pelo “*majorengo da Editora Abril que o encomendou, um tal Roberto Espinosa*”, que teria lhe dito, entre outras coisas, que mesmo tendo feito uma leitura ainda superficial, considerava o volume ‘*SENSACIONAL*’. O contista afirma, ainda, que 1982 será o ano de *Dedo-duro* e *Abraçado ao meu rancor*²⁵. Para encerrar, ele diz: “*Queiram-me bem. Assim fazendo, vocês não pagarão impostos*”.

Um dos bilhetes colados à carta traz apenas o endereço do professor José Augusto Carvalho. No outro, o escritor pergunta se Mandatto teria recebido alguma coisa a respeito do I Concurso de Contos João Antônio. Ele, em seguida, agradece ao amigo pelo recorte que este lhe tinha enviado sobre Menotti del Pichia.

João Antônio fala, ainda, sobre o volume que está escrevendo a respeito de Noel Rosa para a coleção *Literatura Comentada*; sobre a publicação, esperada para maio, de *Dedo-duro* e do futuro lançamento de *Abraçado ao meu rancor*.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **07/04/1982** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: s/i PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Bilhete de João Antônio escrito num artigo de Mandatto, publicado pelo *Suplemento Literário Minas Gerais*, em 27/03/1982 sob o título “*A Semana de Arte Moderna – Da explosão de 22 ao retrospecto crítico de 82*”. O escritor o parabeniza pelo artigo e pergunta se

²⁵ Não foi possível precisar o porquê, mas *Abraçado ao meu rancor* só seria lançado em 1986.

o amigo recebeu e o que achou das remessas que lhe tinha feito. Ele pergunta, também, se Mandatto estava a par de sua viagem a Araraquara no próximo dia 14.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **07/04/1982** e **16/04/1982** POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

Trata-se de dois bilhetes de João Antônio escritos num pequeno pedaço de papel. No primeiro, ele pede a opinião de Mandatto a respeito de seu artigo “Duas bagatelas ao redor do Mulato de todos os Santos” (não anexado à carta), publicado pelo jornal *O Estado de São Paulo*, em 04/04/1982, segundo informa. O contista fala, a seguir, da repercussão de *Dedo-duro* junto àqueles que leram os originais e pede a opinião sincera de Mandatto a respeito do livro. Para encerrar, ele avisa que está enviando um material sobre a Semana de Arte Moderna publicado pelo *Jornal Unibanco*.

No segundo bilhete, João Antônio diz ter recebido a carta de Mandatto com uma nota sobre o I Concurso de Contos João Antônio. Para encerrar, ele fala do trabalho sobre Noel Rosa para a coleção Literatura Comentada: “V. não pode imaginar a trabalhadeira que a Abril e não Noel Rosa está me dando”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **08/05/1982**, **12/05/1982** e **20/03/1982**
DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

Trata-se de duas cartas. Em uma das faces da folha, João Antônio escreve a Mandatto (08/05/1982). Para começar, ele pede ao amigo que transmita a Suzana “e a todos os seus, os meus pêsames”²⁶. Então, o escritor fala um pouco sobre a morte e sua relação com ela. A seguir, ele conta que o lançamento de *Dedo-duro* só acontecerá depois de passada a Copa do Mundo de futebol, pois o país, segundo diz, pára com este acontecimento. Além desse lançamento, o escritor fala de outros projetos para aquele ano, como *Abraçado ao meu rancor* e *Noel Rosa, poeta do povo*.

Mais adiante, João Antônio conta que no dia cinco daquele mês tinha almoçado com o crítico Benedito Nunes, ao qual faz uma série de elogios. O contista afirma ter passado a acreditar mais em *Abraçado ao meu rancor*, depois que Nunes o lera. O escritor fala, ainda, das idéias que tem tido e das dificuldades em pô-las em prática. Para encerrar, ele pede a Mandatto que leia, e lhe mande sua opinião, sobre a matéria “A vitória do romance Brasileiro”, publicada na revista *Isto É* daquela semana.

Há ainda, nesta face da folha, um bilhete (escrito em papel de maço de cigarros e colado sobre a carta) datado de 12/05/1982, em que João Antônio fala de um texto em francês, enviado em anexo, que tratava da edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço* na Tchecoslováquia.

Na outra face da folha, está uma cópia xerox de carta direcionada aos amigos do escritor (20/03/1982), da qual já descrevemos o original, que fora enviado junto com bilhete datado de 27/03/1982.

²⁶ João Antônio se refere à morte do pai da esposa de Jácomo Mandatto.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **25/05/1982** DATA DA POSTAGEM: **26/05/1982**
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia a carta com a notícia da publicação de *Malagueta, Perus e Bacanaço* na Tchecoslováquia. Diz que o fato foi assunto na televisão e nos jornais. Em seguida, o contista pede a Mandatto que lhe mande um exemplar do jornal *Diário Popular* do dia 30/05/1982, no qual sairia uma matéria – ou entrevista, não fica claro – sobre ele.

O escritor fala, também, sobre a repercussão que seu trabalho tem alcançado na imprensa: “*Há muito comentário (...) sobre o meu trabalho este ano. Até a TV Globo tem me procurado para entrevistas*”. Segundo diz, vinha recebendo bastantes elogios por conta de seu “*trabalho sobre Lima Barreto, publicado no jornal ‘Cultura’*”. Depois, João Antônio se volta para o livro *Dedo-duro*, para o qual diz guardar grandes expectativas.

Para encerrar, ele conta que está desenvolvendo um trabalho, “*uma idéia original e, creio, de alto nível*”, que, no entanto, seria de difícil concretização. Para o contista, a vida é muito curta para dar conta do processo criativo: “*Precisaríamos de uma idade mínima de 200 anos. Para ler, ver, viver e escrever o mínimo necessário*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **03/06/1982** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Pequeno bilhete, no qual João Antônio pede notícias e pergunta se Mandatto tem recebido o seu “*material*”.

Obs: Segue em anexo o artigo “A lição de Lobato”, de José Guilherme Melquior, publicado pelo *Jornal do Brasil* do dia 30/05/1982.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **19/06/1982** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia falando de uma carta em que Jácomo lhe enviara um recorte de jornal com uma matéria sobre a “V Olimpíada dos Trabalhadores”, da qual este último era presidente. Mais adiante, o escritor pede que o amigo lhe envie uma revista (o nome não é identificado na carta), que, segundo diz, não estava conseguindo encontrar: “*E agora você me falando entusiasmado dessa tal Xuxa... Mande-me, por favor, essa revista, principalmente porque, segundo você, ‘essa página é digna de ser colocada numa moldura’*”²⁷.

Em seguida, João Antônio fala que em breve Mandatto estaria recebendo o exemplar de *Dedo-duro* e diz, ainda, que gostaria que ele escrevesse sobre o livro. O contista afirma estar em depressão, em parte por conta da utilização do futebol como meio de alienação das massas: “*Deprimido, espero que passada essa maldita Copa, Dedo-duro faça algum sucesso ou pintam nesta curta alguma(s) Xuxa(s) salvadoras*”.

Para encerrar, o escritor diz que em breve estaria viajando, pois tinha sido convidado a ser jurado em concursos literários em Belo Horizonte e São Bernardo do Campo. Daria, ainda, algumas palestras sobre literatura em Florianópolis, uma das quais sobre Lima Barreto. Além

²⁷ Trata-se de uma foto da apresentadora Xuxa, que aparece em uma mesma página - revista *Visão*, do dia 14 de junho/ 1982 – que traz matéria sobre João Antônio. Na carta de Jácomo Mandatto em que o assunto surge pela primeira vez, ele brinca com o amigo: “Estou destacando aqui da *Visão* [...] onde você está deliciosamente abaixo da adorável Xuxa de pernas abertas. Xuxa que pariu! Que mulherça! Essa página é digna de ser colocada numa moldura. É evidente que não é por sua cara embigodada, mas pela formosura dessa garota que honra, dignifica, enaltece, agiganta o meu país!”

disso, ele propõe a Mandatto que escreva um artigo para o *Suplemento Literário Minas Gerais* a respeito da tradução de *Malagueta, Perus e Bacanaço* na Tchecoslováquia.

Obs: A carta foi escrita no verso de uma cópia xerox de artigo “Um banho incrível de realidade”, assinado por Antônio Candido e publicado no *Jornal de Letras* de junho de 1982, nº 371.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **03/07/1982** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

Trata-se de uma carta, na qual João Antônio fala da publicação de *Dedo-duro* e da primeira crítica a respeito do livro que sairia por aqueles dias na revista *Isto É*. O escritor diz estar tenso e pede a opinião de Mandatto a respeito do livro. Em seguida, ele conta que esteve em Belo Horizonte e São Bernardo do Campo, em ambos como parte de comissões julgadoras de concursos literários.

Mais adiante, João Antônio fala de uma falha na edição do livro *Dedo-duro*: “*Coisa grave, esqueceram o final do conto ‘excelentíssimo’.* Estou sofrendo com isso. Aporrinhado e bem. Mas a Record terá que dar solução decente”. A seguir, o escritor diz que havia recebido telefonema de Mário da Silva Brito, em que este dizia que João Antônio era o responsável por ele não ter “*visto direito o jogo do Brasil contra a Argentina. É que ele meteu-se a ler Dedo-duro e o livro o agarrou pelo pé*”. Para encerrar, o contista fala sobre Lima Barreto, sobre o qual envia um artigo em anexo, de autoria de Sandra Almeida e sem identificação de data e órgão em que foi publicado.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **02/07/1983** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Trata-se de uma carta escrita no verso de uma cópia xerox do artigo “Dedo-duro, livro novo de João Antônio. Mostrando poesia no lixo da vida”²⁸, do qual existe um exemplar na coleção de artigos e já foi devidamente descrito. O escritor inicia dizendo ter recebido a visita de José Armando Pereira da Silva, que tinha ido pedir-lhe autógrafo no livro *Dedo-duro*.

João Antônio, mais adiante, pergunta se Mandatto recebeu o exemplar de *Dedo-duro* e afirma que a crítica já havia começado a “*mexer no livro*”. Do amigo, ele diz esperar a opinião, expressa por meio de “*longos artigos francos e lúcidos pela imprensa nacional*”.

Para encerrar, ele conta que Cassiano Nunes estava organizando uma antologia com dez contos seus, dos quais quatro eram parte integrante de seu último livro.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **27/07/1982** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Pequeno bilhete, no qual João Antônio pede a Mandatto a sua opinião sobre o livro *Dedo-duro*.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **25/08/1982** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Trata-se de um pequeno bilhete, no qual João Antônio anexou um texto de José Carlos de Oliveira que trata do livro *Dedo-duro*. No início, o escritor fala da morte de “*Tupi*”-

²⁸ O recorte não apresenta o nome do autor, apenas data e órgão onde foi publicado: *O Globo*, 18/07/1982.

provavelmente um de seus cachorros – e da tristeza que este fato lhe causou. Em seguida, ele conta que esteve em Blumenau e que tinha ficado doente: uma “*gripe mais que forte*”.

Para encerrar, o contista diz que o texto anexado é “*a maior e mais humana homenagem que Dedo-duro*” lhe deu.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **14/09/1982** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia a carta dizendo ter gostado do artigo “Novos malandros de João Antônio”²⁹, publicado por Mandatto no *Suplemento Literário Minas Gerais*. Em seguida, ele pede ao amigo que “*dê uma espiada no Estado de São Paulo, de 10/09/1982, página 17*”. O contista diz que não adiantará o assunto, pois quer fazer uma surpresa, mas pede que Mandatto dê sua opinião, depois de ler o artigo.

O contista, em seguida, pede a opinião e sugere a Mandatto que escreva um artigo sobre seu livro *Noel Rosa, poeta do povo*, da série Literatura Comentada, que estava indo para as bancas por aqueles dias.

João Antônio pergunta, ainda, sobre o paradeiro de José Armando Pereira da Silva. Para encerrar, ele diz: “*Muito corre-corre, Jácomo. Uma tristeza baudeleriano da lua lá em cima e estes sentimentos vulcânicos, sempre que se está, ou estou, a um passo da primavera. Primavera, primavera, o que me quererás?*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **27/11/1982** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio fala da eleição de Mandatto como vereador e aproveita para fazer uma série de recomendações ao amigo: “*Seja amigo dos larápios miúdos, dos ladrões de galinhas, das putas sem eira nem beira, dos que vivem (subexistem) com o salário mínimo, entenda-os e brigue por eles*”.

O escritor, mais adiante, conta que *Dedo-duro* estava chegando a sua 2ª. edição e que havia sido adotado em alguns colégios cariocas e fluminenses. O volume *Noel Rosa, poeta do povo*, da série Literatura Comentada, também é citado.

João Antônio fala também de suas viagens, nas quais discute literatura e dos convites que recebeu para associar-se a partidos políticos, os quais diz ter recusado todos. Para encerrar, ele agradece a Mandatto pelo artigo “Novos malandros de João Antônio”, publicado pelo *Suplemento Literário Minas Gerais*.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **02/07/1983** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia a carta parabenizando Mandatto pelo neto que iria nascer. Em seguida ele fala de suas preocupações com relação ao *Suplemento Literário Minas Gerais*, do qual diz admirar a equipe que o mantém. Adiante, o escritor afirma estar cheio de novidades que seriam melhor evidenciadas com a leitura de duas cópias xerox remetidas em anexo. Uma delas trata-se de carta enviada em 24 de maio de 1983 por José Paulo Paes, em que discute música e, posteriormente, literatura. O estudioso diz ter lido *Dedo-duro* e aproveita para tecer algumas considerações a respeito do livro. A segunda cópia xerox a que João Antônio se refere é, também, uma carta. Esta, datada de 23 de maio de 1983, foi enviada da Flórida, está

²⁹ Artigo foi publicado por Jácomo Mandatto, em 18/09/1982, também no jornal *Tribuna da fronteira*. Obs: não há identificação da cidade em que se localizaria o jornal.

escrita em espanhol e assinada por Víctor. Entre outras coisas, fala do interesse de um editor chamado Fausto Godoy em publicar *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

João Antônio fala, ainda, de sua contratação, dada como quase certa, pela Rede Globo como comentarista do “*jornal das onze*”. O escritor se mostra bastante eufórico em alguns momentos: “*Querem-me como um dos editores junto ao jornal noturno das onze. E também como comentarista de assuntos culturais, principalmente literatura e vida da cidade do Rio. O convite é quase irrecusável*”. Em outros momentos transparecem algumas preocupações: “*Mas tem sido uma luta como você nem sabe. Vencer preconceitos – paletó, gravata, linguagem, ideologia... tudo isso numa casa conservadora*”. A televisão, para o escritor, é uma “*flipperama sinistra*”. Para encerrar, ele enumera os três últimos livros que tinha lido: “*O Cristo Recrucificado*”, de Nikos Kazantzakis; “*O Leopardo*”, de Tomasi de Lampedusa e “*Gente da Sicília*”, de Élio Vittorini.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **02/04/1983** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia a carta dizendo ao amigo para cuidar-se. Adiante, ele fala que também não está muito bem de saúde e que pensa em procurar um homeopata, do qual passa o nome e o endereço. O escritor pede, ainda, que Mandatto parabeneze Angelina, sua filha, pelo nascimento de seu filho.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **08/03/1983** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio conta a Mandatto que esteve em São Paulo para o lançamento do livro *Panorama do conto paulista*, que seria, segundo o escritor, distribuído gratuitamente a alunos do 2º. grau. Em seguida, ele pede ao amigo que escreva um artigo sobre o lançamento para o *Suplemento Literário Minas Gerais*.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **25/08/1983** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Nesta carta, endereçada a amigos, João Antônio reclama de uma nota sobre ele que saiu na revista *Isto É* de 17/08/1983³⁰. O escritor diz ter sido “*reduzido a uma espécie de velho biógrafo esquecido de Lima Barreto e Noel Rosa*”. Para ele, não foi levada em conta a sua produção literária: “*Lendo a nota, o leitor julga estar sendo apresentado a um velho e ignorado autor de artigos longos para o Jornal do Brasil ou para O Estado de São Paulo*”. O contista reclama, ainda, do fato de ter sido apresentado com seu nome civil completo – João Antônio Ferreira Filho –, que diz tratar-se de um “*nome de industrial falido*”. Em seguida, ele pede aos amigos que remetam cartas à redação da revista, a fim de “*colocar algumas coisas em dia*”.

Obs: Junto à carta o escritor anexou cópia xerox da nota publicada pela revista *Isto É*.

³⁰ “O escritor João Antônio Ferreira Filho, 46 anos, autor dos livros *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* (1977) e *Noel Rosa, Poeta do Povo* (1982), é o mais novo integrante do Jornal da Globo. O convite foi feito por Antônio Severo, editor do programa, agora remodelado. Para João Antônio, que escreve textos longos para jornais como *Jornal do Brasil* e *O Estado de São Paulo* há vinte anos, a única dificuldade é resumir um comentário literário em quarenta segundos. ‘O trabalho na TV é mais sintético e honesto’, diz, ‘pois exige uma reflexão mais profunda sobre o que realmente interessa ser dito’”. (Revista *Isto É* – 17/08/1983) Texto integral.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **13/11/1983** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

O assunto da carta é o lançamento, pela editora Record, do livro *Meninão do Caixote*. João Antônio pede a Mandatto que dê uma “força ao livrinho aí junto aos professores de Itapira e Mogi”. O escritor informa, ainda, que saiu um anúncio sobre o livro no *Jornal do Brasil*.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **12/12/1983** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio conta a Mandatto que após ser premiado com o troféu “Candango”, de Brasília, o professor Almir Madeira (presidente do Pen Clube do Brasil) lhe telefonou para parabenizá-lo. O escritor diz ainda: “Conte a seu neto, conte a seu neto, Jácomo, que o amigo pingente e maluco anda acertando as bolas. Longas noites sobre o papel e a fama de doido crescendo. Crédito total e irreversível na literatura”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **26/12/1983** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio fala basicamente do livro *Meninão do Caixote*. Ele pede a Mandatto que escreva sobre seu livro e que ajude a difundi-lo junto aos professores, já que é direcionado a estudantes de 2.º grau.

Obs: o escritor informa que seguem alguns textos xerocopiados, no entanto não os encontramos junto às cartas.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **24/03/1984** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Congonhas (MG) PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1
(cartão postal)

João Antônio fala de suas impressões sobre os Profetas, do escultor mineiro Aleijadinho e sobre as “pinturas geniais em azul-e-vermelho de Ataíde”. Para ele, “Tudo é loucura profana da criatividade brasileira”³¹.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **19/04/1984** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Pequeno bilhete, no qual João Antônio pergunta a mandato quando lhe responderá às suas cartas e postais e, ainda, quando o levará novamente à Itapira. Por fim, o escritor pede ao amigo que leia o *Pasquim* número 772, de 12/04 a 18/04/1984, e dê sua opinião.

Está anexado ao bilhete um cartaz de uma palestra de João Antônio na Biblioteca Regional da Glória (RJ), que aconteceria no dia 27/04 às 18hs.

³¹ Sobre essa viagem a Congonhas, João Antônio publicou um longo artigo intitulado “No anfiteatro de Congonhas”. In: *Suplemento Literário Minas Gerais* n. 951. Belo Horizonte, 22 dez. 1984.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **23/05/1984** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio, nesta carta circular, fala basicamente de seu pai. Começa contando a Mandatto que ele havia sido operado e estava convalescente. Em seguida diz: “*Meu pai não é só meu pai (...) Acho que tudo nele é fora de marca*”. Para encerrar, o escritor conta que anda tendo pesadelos e uma tosse “*nervosa*”. João Antônio informa, ainda, que haverá uma conferência sobre Lima Barreto na Biblioteca Mário de Andrade e pede a Mandatto que leia as próximas edições de *O Pasquim*, pois “*haverá coisa minha*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **1985** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: s/i PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: Uma (cartão de fim de ano)

Trata-se de um cartão, no qual João Antônio faz votos de “*boas festas*” ao amigo Jácomo Mandatto.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **10/01/1985** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: s/i PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Trata-se de um bilhete, no qual João Antônio se desculpa pelo longo silêncio e afirma que sua vida tem estado tumultuada, por conta de problemas de saúde enfrentados por seu pai, que acabara de ter a perna amputada.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **10/02/1985** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: s/i PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Trata-se de um pequeno bilhete em que João Antônio conta que uma tese havia sido publicada na Holanda³² acerca de seus livros: “Tenho que lhe dizer que meus vagabundos chegaram a Utrecht, na Holanda. E sob o título da tese: “‘Frescuras do coração’ - A melancolia nos contos do submundo de João Antônio”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **13/07/1985** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Nesta carta, João Antônio conta as experiências vividas na Europa, onde tinha passado mais de dois meses fazendo conferências sobre literatura brasileira. Ele afirma ter passado por três países: Portugal, Alemanha e Holanda. Por fim, o escritor diz que em decorrência da viagens, outros textos seus estavam sendo traduzidos tanto na Alemanha quanto na Holanda. Ele pede, ainda, que o amigo divulgue estes fatos e que o chame para falar novamente em Itapira.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **19/08/1985** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Trata-se de um pequeno bilhete em que João Antônio agradece pelo empenho de Mandatto. Ele diz que envia em anexo uma notícia sobre a radiofonização de “Malagueta,

³² Trabalho do estudante holandês Ruud Ploogmakers.

Perus e Bacanaço”³³ na Tchecoslováquia e uma cópia do conto “Guardador”, para o qual pede a opinião do amigo.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **11/10/1986** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

Nesta carta João Antônio trata basicamente de *Abraçado ao meu rancor*. De início, ele diz a Mandatto que espera que este, “*passada a luta política*”, possa ler o livro e escrever um artigo sobre ele. O escritor fala, ainda, da repercussão da obra e da possibilidade de Mandatto publicar um artigo grande a respeito no *Suplemento Literário Minas Gerais*.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **05/12/1986** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio fala, nesta carta, sobre o lançamento de *Abraçado ao meu rancor* que aconteceria, respectivamente, nos dias 9 e 16 daquele mês no Rio de Janeiro e em São Paulo. Mais adiante, o escritor informa que fora convidado a ir a Cuba como integrante do júri do “*Prêmio Casa de las Américas*”. Por fim, João Antônio diz que estava vivendo sob regime alimentício: “*Estou vivendo num regime danado. No dia 4 de julho passei perto da morte. É o que dizem todos os médicos. Mas deixa isso pra lá. É assunto desagradável*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **19/02/1987** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Havana – Cuba PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia a carta informando que estivera com Fidel Castro no dia 10 daquele mês. O escritor diz que, depois de ter sido jurado no *Prêmio Casa de las Américas*, estava internado para um exame geral. Ele tece uma série de elogios ao povo e à medicina cubana: “*Aprendo e reaprendo que um povo é melhor de se conhecer nos hospitais, nas cadeias, onde não há frescuras de falsos intelectuais*”. A seguir, o escritor continua a tecer vários elogios à Cuba, que, segundo ele, é “*um mundo novo. Vale a pena conhecer*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **19/03/1987** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia a carta parabenizando Mandatto “*pelo trabalho em torno da ‘Casa de Menotti del Picchia*”. Em seguida, ele diz que não sabe se poderá ir à Itapira para “*assistir a VI SEMANA JUCA MULATO*”, pois está cheio de compromissos, inclusive com a viagem à Alemanha programada para julho daquele ano. A seguir, o escritor alude à viagem que fez à Cuba e informa que havia ficado internado por 15 dias em um hospital de angiologia na capital cubana, mas diz que a pequena ilha “*é grande demais para este bilhete*”.

Para terminar, ele conta que *Abraçado ao meu rancor* tinha ganho o prêmio “Golfinho de Ouro”, no Rio de Janeiro, de melhor livro de 1986.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **03/07/1987** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Copacabana PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia a carta dizendo a Mandatto que tinha recebido seu artigo e que este seria publicado “*com dignidade*” pelo *Jornal de Letras*. Em seguida, ele informa que o

³³ O livro *Malagueta, Perus e Bacanaço* além de ser traduzido na Tchecoslováquia, também ganhou uma versão radiofônica e fez muito sucesso por lá.

livro *Abraçado ao meu rancor* havia levado o prêmio Pedro Nava – da Secretaria de Cultura de São Paulo. Por fim, João Antônio diz que tem recebido convites de escolas e deve viajar para São Paulo, Jundiaí e Campinas.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **30/09/1987** DATA DA POSTAGEM: 30/09/1987
LOCAL DA POSTAGEM: Berlim PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1 (cartão postal)

João Antônio conta que em outubro daquele ano começariam dois seminários promovidos pela Universidade Livre de Berlim, um sobre seus livros e o outro sob o tema “*O pícaro e o malandro*”. O escritor informa que participará de ambos como palestrante. Em seguida, ele diz que o conto “*Joãozinho da Babilônia*” havia sido traduzido na Berlim Oriental.

Para terminar, João Antônio diz: “*Mas a Berlim ‘louca’ e ‘amante’ não passa de uma criança em 1ª. detenção diante de Copacabana*”. O contista pede, ainda, que Mandatto lhe envie recortes de jornal com notícias sobre o Brasil.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **14/12/1987** DATA DA POSTAGEM: 14/12/1987
LOCAL DA POSTAGEM: Berlim PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1 (cartão postal)

João Antônio fala do frio que fazia no inverno daquele ano em Berlim – sete graus abaixo de zero naquele dia, segundo informa. Em seguida, ele fala das viagens e das conferências que tem feito pela Europa.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **23/02/1988** DATA DA POSTAGEM: 15/03/1988
LOCAL DA POSTAGEM: Berlim PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia a carta (circular) dizendo que faz seis meses que se encontra na Alemanha. O escritor fala de suas andanças pelo Brasil, dos lugares onde teve que morar por necessidade e da falta que sente do Sol enquanto está fora de seu país: “*(...) não posso transferir para a Alemanha o sol que ela não me deu em seis meses, como ainda não posso passar aos alemães um calor humano, uma alegria de viver, uma elegância e uma generosidade, um espírito de humor e de esperança na vida que eles desconhecem. Sequer desconfiam o que seja isso*”.

Adiante, o escritor informa que seu pai havia morrido no dia 13 de fevereiro daquele ano. Fala de sua tristeza, amplificada pelo fato de não poder vir imediatamente para o Brasil. Ele diz, ainda, que não contou aos alemães sobre a morte de seu pai: “*Claro que não sou tão incauto a ponto de cometer a ingenuidade, que me custaria alto em termos de decepção humana, de contar aos alemães a morte de meu pai*”. No entanto, mais à frente, diz ter conhecido, também, alemães solidários, que o têm confortado, apesar “*do vazio da perda de um pai inesquecível*”.

Para encerrar, João Antônio pede que Mandatto ligue, se puder, para sua mãe em Presidente Altino.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **22/04/1988** DATA DA POSTAGEM: 22/04/1988
 LOCAL DA POSTAGEM: Berlim PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1 (cartão postal)

João Antônio inicia a carta contando que tinha acabado de voltar da Polônia, onde esteve numa conferência sobre literatura. Depois o escritor informa que seu pai havia falecido, sem que ele pudesse vir ao Brasil. João Antônio fala, ainda, de suas viagens a trabalho pela Europa, nas quais muito tem tratado de Lima Barreto. Por fim, pede ao amigo que ligue para sua mãe e *“diga-lhe que tudo vai bem comigo e que me orgulho do meu pessoal forte de Presidente Altino”*.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **28/05/1988** DATA DA POSTAGEM: **29/05/1988**
 LOCAL DA POSTAGEM: Berlim PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

Uma das faces da folha traz um texto em alemão, que informa sobre uma palestra a ser proferida por João Antônio, em 07 de maio de 1988, na *“Casa do terceiro mundo”* (im Dritte Welt Haus).

Na outra face da folha, vem a carta direcionada a Mandatto. João Antônio fala de suas viagens por várias cidades da Alemanha, nas quais esteve como palestrante: *“Enfim, tem sido um trabalhador. Mas tem valido. Tenho conhecido muitas cidades e vou fazendo, dentro do possível, divulgação de nossa cultura”*. Mais à frente, ele informa que tem tido bastante atividades sobre a abolição da escravatura. Por fim, o contista pede a Mandatto que divulgue estas atividades e que ligue de vez em quando para sua mãe, dona Irene, em Presidente Altino.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **26/09/1988** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Trata-se de um pequeno bilhete em que João Antônio fala de sua alegria em estar de volta ao Brasil. Ele agradece à remessa do jornal *Juca Mulato*, uma publicação da casa Menotti del Pichia, coordenada por Mandatto. O contista diz, então, ter conhecido Menotti, que gostava muito de seus contos. Por fim, pede que Mandatto o convide para voltar à Itapira, com palestra sobre suas experiências na Europa.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **12/10/1988** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia a carta agradecendo ao amigo pelos votos de boas vindas. Mais adiante, o escritor deseja a Mandatto sucesso em *“sua reeleição”*. Para finalizar, João Antônio diz querer *“bater um longo papo”* sobre a sua experiência na(s) Alemanha(s). Diz ainda, que se sente feliz em estar de volta ao Brasil. Para ele, o povo brasileiro *“é uma gente que merece uma sentida e funda homenagem minha a cada esquina deste país”*.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **29/12/1988 e 04/01/1989**
 DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

Na primeira carta (29/12/1989), João Antônio, de início, agradece ao amigo pela visita que ele, Zé Armando e *“a garotada”* o fizeram. Depois ele informa que havia recebido o

jornal *Cometa Itabirano*, enviado por Mandatto, do qual diz ter gostado muito. Adiante, o escritor fala sobre o ano novo que se aproximava, no qual completaria 52 anos de idade: “*Aqui vou com tranqüilidade. Mês que vem chego aos 52 anos no dia 27. Eu não podia supor como a cabeça da gente fica tão boa depois dos cinquenta*”. Para encerrar, ele cobra mais uma vez um convite para voltar a Itapira, com o intuito de falar sobre sua experiência na Europa.

Na segunda carta (04/01/1989), João Antônio fala do naufrágio do barco Bateau Mouche: “*O Rio amanheceu o novo ano debaixo do crime, da corrupção, da vergonha e do assassinato – o naufrágio do Bateau Mouche. Mas o pau vai cantar alto e brabo; o barco (...) afundou com gentes dos poderosos*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **06/06/1989** DATA DA POSTAGEM: **07/06/1989**
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio fala rapidamente, nesta carta, da importância de se discutir a Semana de Arte Moderna, de 1922, bem como os valores nacionais do povo brasileiro. Por fim, ele pede novamente que Mandatto o leve a Itapira.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **07/10/1989** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio conta a Mandatto que tinha acabado de chegar de Belém do Pará, onde havia proferido uma conferência. Em seguida, o autor informa ao amigo que o livro *Leão-de-chácara* chegava à sua sétima edição e, ainda, que havia saído uma matéria sobre ele na revista *Isto É* da semana anterior.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **23/08/1990** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Trata-se de um bilhete escrito na parte superior de uma cópia do artigo “*Histórias de torcedor*”, publicado por João Antônio na edição do jornal *O Estado de São Paulo* de 07/07/1990.

No bilhete, ele pede que Mandatto lhe passe o novo endereço e telefone de José Armando Pereira da Silva, pois os tinha perdido.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **31/08/1990** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

Nesta carta, João Antônio fala, de início, sobre a necessidade de amar: “*Amar é o melhor que o ser humano pode fazer sobre o planeta*”. Mais adiante, o escritor diz que tem trabalhado em diversos jornais pelo Brasil afora como forma de sobreviver: “*Tenho me virado, pois, o Golpe Collor (...) não passa de uma patuscada cruel e perversa*”. Por fim, ele faz uma alusão a um trabalho de Mandatto sobre o escritor Mário de Andrade³⁴.

³⁴ Em cartas anteriores, Mandatto dava notícia da leitura do volume de cartas do escritor Mário de Andrade.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **09/12/1990** DATA DA POSTAGEM: **11/12/1990**
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio, no início da carta, trata da crise social enfrentada pelo país no período: *“Dezembro é o mês pior sob muitos aspectos. Principalmente para os pais de família, os pobres, a maioria. Mês de depressão collorida³⁵ num país em que o normal seria a alegria de viver.* Em seguida, o escritor conta que tem *“andejado”* bastante pelo país. Das cidades em que esteve, se detém com maior entusiasmo em Londrina, onde tinha morado na década de setenta.

Mais adiante o contista fala de seus livros que têm sido traduzidos para o alemão. O autor fala, ainda, de trabalhos escritos sobre ele e de uma peça de teatro baseada em *“Malagueta, Perus e Bacanaço”*. Para encerrar, João Antônio novamente se volta para a recessão enfrentada pelo povo brasileiro, no período que ele chama de *“tempos colloridos”*.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **24/04/1991** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Uma das faces da folha traz um convite, direcionado a João Antônio, para a IV Jornada Nacional de Literatura, que seria promovida no período de 11 a 14 de junho de 1991, pela Universidade de Passo Fundo em parceria com a prefeitura da cidade. O escritor proferiria uma palestra intitulada *“O povão na literatura”*.

Na outra face da folha, João Antônio diz a Mandatto que vem se dedicando a fazer viagens pelo Brasil e exterior em prol da literatura. No entanto, o governo, segundo diz, nunca teria lhe dado um *“lápis”* sequer. Além disso, por conta do *“Plano ou Golpe Collor”*, os editores só estavam interessados em *“best-sellers”* rápidos e descartáveis.

Para encerrar o escritor diz: *“Continuo a minha andança, como o convite aí no verso, não me deixa mentir. E andando pela literatura brasileira já conferenciei em Portugal, na Tchecoslováquia, na Polônia, nas duas Alemanhas, na Holanda... Nem por isso ganharei título algum e nem mesmo se lembrarão. Só um pé na bunda, como disse o editor lúcido. É o Brasil dos sonhos mil”*.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **23/05/1991** DATA DA POSTAGEM: **24/05/1991**
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1
 (cartão postal)

João Antônio inicia pedindo a Jácomo que o telefone, caso vá ao Rio de Janeiro. Em seguida informa que no dia 27 daquele mês estará em São Paulo para o lançamento do livro *Cronistas do Estadão*, no qual teria sido incluído. A diante, o contista tece uma série de elogios ao escritor Dalton Trevisan. Para encerrar, João Antônio diz: *“Maio é o mais bonito dos meses no Rio, céus altos, muito azul e águas magníficas no mar. Neste mês minha paixão pelo Rio se transforma em Amor”*.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **01/08/1991** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia a carta informando a Mandatto que estivera viajando pelo Brasil durante mais de um mês, e que por isso o jornalista não o tinha encontrado neste período.

³⁵ Neste período, o escritor sempre faz referências à situação do país, que vivia sob o governo do presidente Fernando Collor de Melo.

Depois, ele informa que Edison Luiz Lombardo³⁶, da cidade de Rio Claro, estava colhendo material para elaborar uma tese sobre seus livros e pede a Mandatto que forneça ao rapaz material crítico.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **13/03/1992** DATA DA POSTAGEM: **14/03/1992**
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

João Antônio inicia a carta enumerando uma série de fatos que faziam aniversário naquele dia, entre eles, o segundo aniversário “*do Desastre Collor*”. Adiante, ele parabeniza a cidade de Itapira pela iniciativa de criar um selo em homenagem ao poeta Menotti del Pichia e pede que Mandatto envie alguns para que ele possa divulgar em sua correspondência. O escritor agradece, ainda, pela carta remetida pelo jornalista à revista *Semanário*, em atendimento a um pedido seu³⁷.

Em seguida, ele continua falando da crise enfrentada pelo Brasil nos dois anos do governo de Fernando Collor: “*Afinal, o país não tem educação, cultura, habitação, alimentação, transporte e saúde. É a fartura porque farta tudo. É o desastre Collor*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **08/04/1992** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Trata-se de um bilhete colado à copia do artigo de Maria Célia Teixeira, “Histórias sob a ótica do malandro”, publicado em 11/02/1992, no jornal *Tribuna da imprensa*.

No bilhete, João Antônio agradece a Mandatto por sua última remessa e fala sobre a luta que precisa travar pela própria sobrevivência: “*Continuo na luta inglória . E desigual. Faço literatura em país de analfabetos*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **20/05/1992** DATA DA POSTAGEM: s/i
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1

Trata-se de um pequeno bilhete colado ao artigo “*O lugar de Lobato*”, publicado por João Antônio no *Jornal do Brasil*, em 06/05/1992.

No bilhete, João Antônio pergunta como Mandatto está e pede que este lhe envie mais selos do centenário de Minotti del Picchia.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **23/08/1992** DATA DA POSTAGEM: **24/08/1992**
LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 1
(cartão-postal)

João Antônio informa sobre o recebimento do livro *A “semana” revolucionária*³⁸ enviado por Mandatto. Ele diz que está com muitos problemas e que tem encontrado dificuldade em publicar artigos no *Jornal do Brasil*. Para encerrar, ele parabeniza o amigo pelo lançamento do livro e afirma que vai continuar tentando algum espaço para divulgá-lo.

³⁶ Trata-se da dissertação “A figura do malandro em João Antônio”, defendida em 1993, na UNESP- Campus de Araraquara.

³⁷ Em carta circular, cuja data aparece apenas como “Copacabana, a um dia do Carnaval de 1992”, João Antônio pede aos amigos para que intercedam, junto à revista *Semanário*, em defesa de uma coluna que ele vinha publicando nos últimos meses e que havia sido “cortada”.

³⁸ Trata-se de um livro de Menotti del Pichia sobre o Modernismo brasileiro. Mandatto organiza, faz a apresentação e um resumo biográfico do autor (Pontes Editores Campinas - SP, 112 págs., 1992). Nessa ocasião, João Antônio lamenta não estar conseguindo espaço para publicar artigo sobre a obra.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **31/08/1993** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

Uma das faces da folha traz um texto (sem identificação de autor) que faz um rápido histórico da carreira de João Antônio e informa sobre a premiação de seu livro *Guardador* com o troféu Jabuti. O texto traz ainda uma descrição sumária do livro e de alguns de seus contos.

Na outra face, o escritor comenta a sua premiação, trinta anos depois, com mais um Jabuti. Diz que a estatueta diminuía de tamanho: “*Antes, eu tinha sobre a arca um Cosme e um Damião. Agora, tenho também um Doum*”. Em seguida, ele discute o fato de o livro não ser encontrado em nenhuma livraria, apesar de ter ganhado um prêmio tão importante.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **17/09/1993** DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio trata, nesta carta, do que chama de “*situação esdrúxula*” do livro no Brasil. Segundo diz, a situação de seus livros “*é ainda mais estrambótica*”. A seguir, ele enumera uma série de fatos para que isto aconteça, entre elas a “*falta de mentalidade empresarial*” do país.

Mais adiante, o contista informa que está procurando um editor “*decente*” para reunir todos os seus livros. Sobre isso ele ironiza: “*Ria, se puder ou quiser*”. E ainda, aconselha Mandatto a comprar qualquer livro seu que encontrar em algum sebo. Diz, em letras maiúsculas: “*SÃO LIVROS RAROS*”.

DATA IDENTIFICADA NA CARTA: **25/09/1993**³⁹ DATA DA POSTAGEM: s/i
 LOCAL DA POSTAGEM: Rio de Janeiro PÁGINAS ABRANGIDAS PELO TEXTO: 2

João Antônio inicia a carta tecendo comentários a respeito do livro de poemas de Mandatto: *Testamento*⁴⁰. Segundo diz, os seus preferidos são “*A minha Poesia*” e “*Velho Hábito*”.

No resto da carta, o contista fala das dificuldades enfrentadas pelos escritores brasileiros para dar destaque às suas produções: “*O país é ágrafo. Ganhei o prêmio Jabuti, o maior da literatura deste país e a imprensa não deu o menor destaque. Recebi poucos telefonemas*”. Mais adiante, João Antônio conta que numa noite daquela semana, em um capítulo da novela global, “*Renascer*”, havia sido feita uma menção a ele: “*A personagem, uma professorinha, Lu, recomendou a seus alunos bons autores brasileiros: Graciliano, muitos outros e eu. Bem. É a novela de Benedito Rui Barbosa – na mesma noite e no dia seguinte recebi uma chuvada de telefonemas. Até de S. Paulo e Salvador. O país é ágrafo*”.

João Antônio finaliza a carta com algumas perguntas a respeito da situação social do país e, ainda, alguns comentários sobre a sua própria situação.

³⁹ Esta é a última carta de João Antônio para Mandatto encontrada na *Coleção*. Contudo, ao que tudo indica, a correspondência não termina aí, uma vez que a última carta do jornalista é datada de janeiro de 1995.

⁴⁰ O livro foi publicado em 1993. Edição do autor, 48 páginas.

ANEXO A: Artigos de Mandatto sobre João Antônio encontrados na Coleção Jácomo Mandatto

A Paulicéia de João Antônio⁴¹

Jácomo Mandatto

Já se encontra nas livrarias o melhor livro do ano em seu gênero – “Malagueta, Perus e Bacanaço”, de João Antônio.

O jovem autor nos apresenta vários contos cujos personagens foram tirados da vida real, ou mais precisamente, foram apanhados de surpresa no sub-mundo da capital paulista. Em seus contos desfilam jogadores, mendigos, viciados, velhos, prostitutas e até cães vadios. Que em São Paulo os cães vadios são vistos apenas de madrugada.

Escrevendo num estilo todo seu, ou melhor dizendo, reproduzindo com fidelidade absoluta a “língua” dos cafajestes e dos malandros, dos bambas do taco quase invisíveis no mundão de fumaça da sala pequena, João Antônio nos fala de uma cidade desconhecida mas não ignorada. “... quando é madrugada até um cachorro na Praça da República fica mais belo. Luz elétrica joga calma em tudo. Pálidos, acordados há bem pouco, saem a campo rufiões de olhos sombreados, vadios erradios, inveterados, otários, caras de amargura, rugas e problemas... passavam futebol e turfe, gente de tipos discutindo mulher e salões de dança, a mulher lindíssima de vestido de roda, passos pequenos, berra erotismo na avenida e tem os olhos pintados de verde... “nem é tanto” diz um, para justificar-se de não tê-la... mas os olhos faminto vão nas ancas... malandros pés de chinelo promiscuídos com finos malandros de turfe, ou gente bem ajambrada que cafetinava alto e parecia deputado, senador... vá ver – não passa de jogador... o camelô que marreta sua viração mesquinha de vender pente que não se quebra, mulheres profissionais, as minas, faziam a vida nas virações da hora... e os invertidos proliferavam, dois passaram agora, com casal em namoro aberto. Aqueles faziam São Paulo àquela hora. Era a hora muito safada dos viradores”.

Essa pequena amostra acima transcrita diz bem o quanto arguto e observador é João Antônio. Se Aluizio Azevedo virava e revirava os cortiços do Rio para conhecer seus personagens, o moço João Antônio vira e revira os antros sórdidos, os becos, as comborcarias, os bares, as ruelas escuras de São Paulo. E desses lugares João Antônio nos mostra um Calcule, um Chafrinha, um Lustroso, um Carne Frita, um Malagueta, um Perus e um Bacanaço.

Como todo estreante João Antônio está eufórico e aos seus amigos diz da sua alegria. Ao poeta e historiador Mário da Silva Brito o jovem contista assim se manifestou: “inteiramente impossível definir o que estou sentindo diante do meu “Malagueta, Perus e Bacanaço” já pronto com o meu nome lá em cima e tudo. Os malandros cá em baixo. O namoro com o livro é escandaloso. Um xodó. Não sabia, honestamente, que livro pronto pudesse mexer tanto com o autor. A gente de livro já impresso fica meio besta. A própria palavra **livro** adquire outro tamanho. Livro é um passo muito sério. Entendo por que os pais agarram aos filhos até ficarem grotescos e ridículos, entendo”.

João Antônio tem razão de estar eufórico. Mas alegre mesmo deve estar essa cidade louca que é São Paulo, cidade manhosa que ninguém entende, como mulher birrenta; São

⁴¹ Este artigo foi publicado também, sob o título “São Paulo desconhecido contado por João Antônio”, no *Diário do Povo*, em 07 de julho de 1963. Optei por transcrever a versão publicada pelo News Seller porque a primeira, do *Diário do Povo*, encontra-se em bastante deteriorada, com trechos inteiros ilegíveis.

Paulo está feliz da vida porque com João Antônio tem o contista dos seus mistérios, das suas madrugadas, dos seus malandros, do seu sub-mundo.

MANDATTO, Jácomo. A Paulicéia de João Antônio. *News Seller*, Santo André, 21 julho 1963.

MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO⁴²

Jácomo Mandatto

Os malandros paulistas retratados por João Antônio em seu único livro publicado até hoje – “Malagueta, Perus e Bacanaço”, estarão de volta depois de 12 anos, através da 2ª. edição dessa obra que tanto sucesso alcançou quando do seu aparecimento, dando diversos prêmios ao seu autor, sendo traduzidos diversos de seus contos em diversos países da América do Sul (Argentina e Venezuela) e da Europa (Alemanha, Espanha e Tchecoslováquia). O lançamento dessa 2ª. edição terá a chancela da Editora Civilização Brasileira, a mesma editora que acaba de publicar a nova fase da revista-livro “Livro de cabeceira da mulher” e “Livro de cabeceira do homem”, sob a direção de Thereza Cesário Alvim e João Antônio, respectivamente. A Editora Civilização está anunciando um novo livro de João Antônio: Leão-de-chácara, onde o contista voltará a descrever o estranho mundo noturno povoado de malandros, pederastas, vagabundos e outros tipos que proliferam nas ruas e “bocas” de São Paulo e Rio.

JOÃO ANTÔNIO: ABERTO PARA BALANÇO

AUTOR DO TEXTO: Jácomo Mandatto

Um livro de contos acaba de sair do prelo pela sétima vez em menos de vinte anos, com um total de quarenta mil exemplares, mais ou menos. É significativa essa quantidade para esse tempo? Para o Brasil, terra de poucos leitores, o fato não deixa de ser até bastante expressivo e auspicioso. Mas, é preciso que se saliente desde já que, normalmente, qualquer livro não vai além da primeira ou segunda edições quando a obra é razoável.

Os contos e as novelas que João Antônio enfeixou num livro aparecido em 1963, precedendo a diversos prêmios e menções honrosas levantados em concursos instituídos na época, causaram impacto repercutente nos meios literários do Brasil, com maior estridor em São Paulo, isto porque tanto o autor como os temas abordados pelo então jovem estreante (sic) de 26 anos, são genuinamente paulistanos.

Para um título que desde logo chamava a atenção pelo inusitado – estranho e longo, principalmente longo, já que pelo menos 90% dos títulos são compostos por uma enfiada de palavras –: “Malagueta, Perus e Bacanaço”, nome que nem de leve sugere o significado que lhe deu o escritor, surgia como um parto temporão, de sete meses.

Na verdade “Malagueta” lembra pimenta, “Perus” recorda ave e “Bacanaço” é gíria que significa bem feito, bonito, legal, etc. Mas, para João Antônio, tais denominações

⁴² Em carta datada de 29 de julho de 1975, Jácomo escreve uma carta a João Antônio em que esta nota segue como anexo. Na missiva, o autor itapirense, diz: “Embora eu só registre lançamento de livros em m/ coluna literária, que é publicada em duas cidades de São Paulo (Itapira e Osvaldo Cruz), abri uma exceção para o amigo noticiando o futuro aparecimento da 2ª. edição de ‘Malagueta’ e a 1ª. de ‘Leão-de-chácara’, os quais, evidentemente, espero receber tão logo saiam, para comentário conveniente. Antecipando a publicação pela imprensa, envio-lhe cópia da nota a ser editada.

equivalem aos apelidos de três malandros criados pelo escritor e que se tornaram figuras de carne e osso, talvez mais osso do que carne pela magreza de seus corpos.

João Antônio foi feliz desde o instante em que colocou na capa do livro, como “carro-chefe”, o nome desse conto que mostra as peripécias de três tipos singulares, muito conhecidos nas rodas do sub-mundo de São Paulo. Com exceção de um outro título – “Afinação da Arte de Chutar Tampinhas” – também bastante longo e que poderia perfeitamente figurar na capa, os demais não possuem a mesma força atrativa: “Busca”, “Fujie”, “Retalhos de Fome num Tarde G.C.”, “Natal na Cafua”, “Frio”, “Visita” e “Meninão do Caixote”. Dessa novena de contos, pelo menos três – (“Afinação...”, “Meninão...” e “Malagueta...”) – avantajaram-se sobre os demais e mereceram sempre análises mais demoradas da crítica. São, certamente, os alicerces que sustentaram a sobrevivência literária do contista na sua ascensional e fértil produção futura, culminando, em 1977, com o esplêndido “Lambões de Caçarola”, passando por “Leão-de-Chácara”, “Malhação do Judas Carioca”, “Casa de Loucos”, “Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto” e “Ô Copacabana!”, livros que reúnem a produção ficcional e as reportagens mais alentadas e importantes feitas por João Antônio em menos de duas décadas.

Aos nove contos do seu primeiro livro, João Antônio reuniu outros quatro em “Leão-de-Chácara”: o que dá título ao livro e mais – “Três Cunhadas – Natal 1960”, “Joãozinho da Babilônia” e “Paulinho Perna Torta”. Seu terceiro livro de ficção abriga um único conto – “Lambões de Caçarola”. As quatro obras restantes de sua bibliografia enfeixam ensaios e reportagens diversas.

MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO, 1ª. edição, 1963, Edit. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro; 2ª. Ed., 1975, Edit. Civilização Brasileira em convênio com o Instituto Nacional do Livro/ MEC, Rio de Janeiro; 3ª. ed, 1975, 4ª. ed., 1976, e 5ª., 1978, as três edições através da Ed. Civilização Brasileira; 6ª. Ed., 1980, pelo Círculo do Livro.

LEÃO-DECHÁCARA, 1ª edição, 1975 e 2ª ed. em 1976, ambas pela Ed. Civilização Brasileira.

CASA DE LOUCOS, 1ª e 2ª edições em 1976, ambas pela Editora Civilização Brasileira.

CALVÁRIO E PORRES DO PINGENTE AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO, única edição em 1977, pela Editora Civilização Brasileira.

LAMBOES DE CAÇAROLA, 1ª, 2ª e 3ª edições em 1977; 4ª ed em 1978, sendo as quatro lançadas pela L&PM Editores, de Porto Alegre.

Ô COPACABANA!, única edição em 1978, pela Editora Civilização Brasileira.

Do sumário de “Malhação do Judas Carioca” consta: “Problema – ‘Mariazinha Tiro a Esmo’, “Galeria Alaska” e “Pingentes”; Polícia – “Carlinhos, o inconveniente”; Gente – “Quarenta anos de Profissão – Paulo Gracindo”; Costumes – “Pequena História Matreira da Fila Carioca”, “Sinuca” e “Malhação do Judas Carioca”; Futebol – “É uma Revolução”. E conclui com um depoimento do autor sobre as suas atividades nas letras: “Corpo-a-corpo com a vida”.

Em “Casa de Loucos” João Antônio reuniu os seguintes trabalhos: “Protesto – ‘Olá, Professor, há quanto tempo!’”; Comportamento – “55 anos de casados”; Música Popular – “Nelson Cavaquinho”, “Noel Rosa, poeta do povo”; Costumes – “Merdunchos”, “As virgens blindadas do footing”; Futebol – “Raul, meu amor”, “Uma banana para os valentes”; Gente – “A morte e as vidas de Sérgio Milliet”; Habitação – “Testemunho da Cidade de Deus”; Vida – “A morte”; Drama – “Casa de loucos”.

Nos livros “Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto” e “Ô Copacabana!” João Antônio realiza uma incursão felicíssima no campo do ensaio respectivamente sobre o romancista carioca e o famoso bairro do Rio de Janeiro.

Os contos de João Antônio já apareceram em antologias brasileiras e estrangeiras. No Brasil:

“Meninão do Caixote” – in Revista Brasileira, Rio de Janeiro, 1960; Coletânea I, Edições GRD, Rio de Janeiro, 1963; O Moderno Conto Brasileiro, Edit. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.

“Paulinho Perna Torta” – in Os Dez Mandamentos, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1975⁴³; Vida Cachorra, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1977.

“Lapa” – in Revista Senhor, 1963.

“Visita” – in Revista Brasileira, Rio de Janeiro, 1964.

“Fuje” – in Depois das seis, Edições GRD, Rio de Janeiro, 1964.

“Bolo na garganta” – in Ficção, Rio de Janeiro, 1964.

“Afinação da Arte de Chutar Tampinhas” – in Literatura Brasileira em Curso, Ed. Bloch, Rio de Janeiro, 1968; Antologia Escolar de Contos Brasileiros, Edições de Ouro, Rio de Janeiro, 1969; Contos Jovens 2, Edit. Brasiliense, S. Paulo, 1973.

“Frio” – in O conto Brasileiro Contemporâneo, Edit. Cultix, S. Paulo, 1975; Vida Cachorra, Edit. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1977.

“Joãozinho da Babilônia” – in 25 Escritores Brasileiros, Revista Status, 1976.

“Retalhos de Fome numa Tarde G.C.” – in Compreender e Expressar, Livraria Sulina Editora, Porto Alegre, 1976.

“Juiz” – in Hoje, Livraria Francisco Alves Editora, Rio de Janeiro, 1977.

“Caramba!” – in Malditos Escritores!, Extra-Realidade Brasileira n. 4, São Paulo, 1977.

No Estrangeiro:

“Frio” (Frio) – tradução de Pilar Gomes Bedate, Revista de Cultura Brasileira, Madrid, Espanha, 1964. Tradução de Santiago Kovadloff, Quince Cuentistas Brasileños de Hoy, Editorial Sudamericano, Buenos Aires, Argentina, 1978. Tradução de Victor Taphanel, El Cuento, Revista de Imaginación, México, 1977.

“Busca” (Busca) – Tradução de Victor Taphanel, Jorge Alvarez, Editor, Buenos Aires, Argentina, 1965.

“Der Grosse Kleine Mit Der Kleinen Kiste” (Meninão do Caixote) – Tradução de Curt Meyer-Clason, Horst Erdmann Verlag, Herrenalb, Alemanha Ocidental, 1967.

“Aniz Posadas Staktu Jeho” (Paulinho Perna Torta) – tradução de Pavla Lidmilová, Revista Svetorá Literatura, Praga, Tchecoslováquia, 1967.

“El Muchacho del Cajon” (Meninão do Caixote) – tradução de Flávio Macedo Soares, Nuevos Contistas Brasileños, Monte Avila Editores, Venezuela, 1969.

“Janek zé Wzgórza Babilônia (Joãozinho da Babilônia) – tradução de Janina Z. Klave, Cracóvia, Polônia, 1977.

“Deskonalenie Sztuki Kopania Kapsli” (Afinação da Arte de Chutar Tampinhas) – tradução de Janina Z. Klave, Cracóvia, Polônia, 1977.

O cinema já aproveitou o tem de “Malagueta, Perus e Bacanaço”, produzindo o filme “O Jogo da Vida”, realizado por Documenta Produções e Embrafilme, em 1977, sob direção de Maurice Capovilla e produção de José Zimmerman. Lima Duarte interpretou “Malagueta”, Gianfrancesco Guarnieri “Perus” e Maurício do Vale “Bacanaço”.

⁴³ Jácomo Mandatto comete um erro com esta informação, pois a primeira edição de *Os dez mandamentos*, onde a novela “Paulinho Perna Torta” foi publicada pela primeira vez, é de 1965. Uma década mais tarde, a Editora lançaria a 2ª edição do livro.

Sempre ligado ao jornalismo, João Antônio já pertenceu a algumas equipes de renome como – Realidade, Bondinho, EX, Panorama, Última Hora, tendo colaborado também em publicações como – Pasquim, Opinião, Movimento, e Ovelha Negra.

Ganhou prêmios e menções honrosas por vários trabalhos. Seu primeiro prêmio literário foi ganho no antigo jornal “O Tempo”, de São Paulo, em 1955, com o conto “Um Preso”, que João Antônio excluiu de sua obra por achá-lo “horrrível”. Em 1962 vence o Concurso de Contos Alvorada, instituído pela Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo e patrocinado pela Livraria Francisco Alves, com o conto “Meninão do Caixote”. Neste mesmo ano, ganha menção honrosa no Concurso de Crônicas promovido pela Academia de Letras de Teresópolis, durante o Primeiro Festival Brasileiro de Literatura, daquela cidade. Conquista o Prêmio Fábio Prado de Contos, com a coletânea “Aluados e Cinzentos”, relativo a 1961. Ainda em 1962 recebe a primeira menção honrosa do Prêmio Menotti del Picchia, do Centro Itapireense de Cultura e Arte, de Itapira, com o conto “Meninão do Caixote”, concorrendo com 110 escritores. Ganha o Prêmio Jabuti de revelação de Autor e Prêmio Jabuti de Melhor Livro de Contos, da Câmara Brasileira do Livro, ambos em 1963. Vence o Prêmio Prefeitura Municipal de São Paulo, de 1965. Conquista o 4º lugar no Prêmio Nacional de Contos do Paraná, em 1974. Menção honrosa no Prêmio Ficção da Associação dos Críticos de arte de São Paulo, em 1975.

Com esses primeiros elementos registrados, o discutido escritor paulista JOÃO ANTÔNIO Ferreira Filho, nascido na capital de São Paulo a 27 de janeiro de 1937, está aberto para balanço.

(Primeiro de uma série de cinco artigos)

João Antônio: aberto para balanço (II)

MALAGUETA, PERUS E BACANACO – GÊNESE E GLÓRIA DE TRÊS MALANDROS

Jácomo Mandatto

João Antônio, como a maioria dos escritores estreiantes (sic), iniciou sua escalada na literatura participando de tudo quanto era concurso que chegava ao seu conhecimento. Fosse em São Paulo, Rio de Janeiro, Teresópolis, Jundiaí ou Itapira. O jovem escritor de então precisava mostrar sua obra, tinha que abrir brechas. Assim é que, ainda com 17 anos, em 1954, obteve menção honrosa da revista “A Cigarra”, do Rio de Janeiro, com o primeiro conto que escreveu – “Índios”.

Curiosamente, não era apenas o desejo de celebridade que levava João Antônio a correr atrás dos concursos. Sua origem pobre obrigava-o a se valer desse expediente para conquistar glórias literárias remuneradas, pois a luta para sobreviver em São Paulo naqueles anos do seu quarto centenário já era violenta. E é no enalço de dinheiro que o contista vive correndo até hoje, já que fama, celebridade, glória, pura e simplesmente, não mata a fome de ninguém.

E foi através de um concurso literário que promovi em Itapira em 1962, sob o patrocínio de uma entidade cultural que eu dirigia, que nasceu uma sólida amizade que dura já vinte anos. Tendo o Centro Itapireense de Cultura e Arte instituído um concurso de contos para autores inéditos, oferecendo ao vencedor um prêmio de 40 mil cruzeiros (excelente valor para

a época!) e mais uma coleção completa das obras de Menotti del Picchia, oferecida pela Livraria Martins Fontes (para o segundo, terceiro e quarto colocados o prêmio era uma medalha de menção honrosa), participaram do concurso 109 escritores do todo o Brasil. Ao final da leitura da volumosa massa de contos (quase 200, pois os contistas tinham liberdade para remessa de trabalhos), João Antônio fica com o segundo lugar. Só não concorreu com “Malagueta, Perus e Bacanaço” porque o regulamento do concurso não permitia contos com mais de 40 páginas. Conhecido o resultado, os premiados foram notificados através de ofício e marcada a data para a entrega dos prêmios.

No dia 15 de outubro de 1962 recebo uma carta de João Antônio – a primeira dentre dezenas de outras que viriam no decorrer de quase vinte anos de correspondência –, onde, cerimoniosamente, me trata por “Senhor”, e promete estar presente à solenidade de entrega dos prêmios. “Irei a Itapira. Só, ou com algum escritor de minha intimidade”. Disse que se sentia honrado com o destaque que lhe dera a comissão, colocando-o entre os principais finalistas do concurso. “Com o maior prazer comparecerei a Itapira para a solenidade de entrega do Prêmio e para conhecer de perto os membros formadores do Centro Itapireense de Cultura e Arte, dos quais tenho as melhores referências aqui em S. Paulo. Muito elogiosamente deles me falaram meus bons amigos Leonardo Arroyo e, especialmente, Mário da Silva Brito. Não posso esconder também meu antecipado prazer em o ganhador do “Prêmio Menotti del Picchia”, José Paschoal Rossetti, cujo “Dentro do Balaio e outras histórias”, deve ser obra de um escritor de verdade”. (1)

Nesta carta já encontro a primeira referência ao seu livro de estréia, a partir do qual, com palavras do autor, coloco neste artigo a história da gênese e celebridade das três famosas personagens de João Antônio. Fornecendo-me um “currículo” de suas premiações, o contista completa tais notícias afirmando: “... acabo de assinar um Contrato de Edição com o editor Ênio Silveira, diretor da Editora Civilização Brasileira para a publicação do meu livro de estréia, conjunto de contos, intitulado “Malagueta, Perus e Bacanaço”. Terei sempre grande prazer em passar-lhe notícias sobre minha vida literária. O lançamento do meu livro dar-se-á no primeiro semestre de 1963”.

João Antônio é um epistolário nato. O volume de cartas que ele me mandou ao longo de duas décadas só não alcançou a casa centenária porque durante o período em que ele deixou São Paulo e se transferiu para o Rio de Janeiro, sua atividade literária (não a jornalística) sofreu um hiato de vários anos, ou seja, de 1966 a 1975, que foi exatamente o tempo em que “Malagueta, Perus e Bacanaço” permaneceu em letargia, para ressurgir explosivamente, como um vulcão, com edições sucessivas, e consagrar definitivamente seu autor. Assim, a cada 15 dias e até semanalmente, chegavam-me suas cartas trazendo notícias do andamento do seu livro de estréia (além de falar de muitas outras coisas que agora não vem ao caso).

A segunda missiva de João Antônio (ele ainda me tratava por Senhor) é de 29 de outubro, onde se desculpa por não ter podido comparecer ao ato de entrega dos Prêmios, pois teve que atender a um compromisso na televisão a pedido do poeta Paulo Bomfim. “Esta carta não é apenas um pedido de desculpas. Junto-lhe a esta uma cópia de carta que me enviou o excelente amigo Paulo Rónai e que, para mim, significa uma autêntica vitória literária. Rónai refere-se à minha novela ‘Malagueta, Perus e Bacanaço’, com a qual não pude concorrer ao Prêmio do Centro Itapireense de Cultura e Arte, pois o trabalho tem quarenta páginas”. O que dizia Rónai a João Antônio era o seguinte: “Uma boa notícia para você: a revista SR, à qual entreguei a sua novela, informou-me de que vai publicá-la no número de janeiro. Foi o que me disse agora mesmo o Reynaldo Jardim. Estão fazendo a ilustração para a novela”. Em p.s. João Antônio esclarecia que enviara a novela a Rónai para que procurasse colocá-la em algum veículo cultural do Rio de Janeiro.

Em carta de alguns meses depois – 07/5/63 – João Antônio me dizia, reclamando: “A Revista SR me deu uma nova e silenciosa mancada. O *Jornal do Comércio* não me pagou. Também a *Tribuna da Imprensa* não me deu os CR\$10 mil de ‘Meninão do Caixote’, premiado em 15/12/62. Esqueceram-me ‘matusalêmicamente’”. Desde essa época e pelo tempo afora, João Antônio vem tomando fubecadas em relação ao que escreveu. Um dia ele não agüentou mais e escreveu uma furibunda “Carta Aberta aos Caloteiros”, que mandou para Deus e todo mundo... Até além das fronteiras do Brasil ele já “entrou bem”! Afinal, os caloteiros estão à solta por toda parte.

A 21 de janeiro de 1963 recebo a quinta correspondência de João Antônio, onde me diz não ter ganho concurso de crônicas de Jundiaí (do qual fui um dos julgadores e dei meu voto a ele). Nesta carta, João Antônio me faz sua primeira confissão relativamente à sua corrida atrás do vil metal: “Uma pena, que sou um sujeito muito precisado de dinheiro. (...) Vou a concursos literários, honestamente, visando dinheiro”. Nessa oportunidade dá-me um auto-retrato e/ou profissão de fé, falando de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, depoimento esse publicado na edição especial do Círculo do livro.

Em meados de fevereiro (dia 15) João Antônio manda-me informação de que acabara de fazer a “revisão das primeiras provas” de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. E anuncia planos para um novo livro: “Recado de Drácula”, que seria “um caderno de aforismos. Mistura de humor negro com aquilo que eu penso da vida e das cochorradadas que tenho recebido”. Chegou a formular a dedicatória – “Este livro é para Drácula, meu irmão”. E diz: “Reergo nele a figura mal entendida do triste solitário vampiro. Eu o redescubro e lhe confiro dimensões de solidão e tragédia na horrível condição de morto-vivo. Entretanto, esta condição é apenas parecida com a pobre condição humana. Então, amorosamente, meu Drácula pensa, sente, ama, humilha, reclama, através de aforismos e insolência”. Nos primeiros dias de merco volta a falar de “Drácula”: “A idéia do livro sobre Drácula cresceu. Terá o título de ‘Drácula, Droculorum, Amém’. Absolutamente não espero que nem mesmo Mário da Silva (Brito) e Ênio Silveira, homens que enxergam, o publiquem. Excessivamente negro, será apenas um livro maldito. É um negócio pra valer”. A partir desse tempo passamos a nos tratar de “dracular amigo”, nas aberturas de nossas missivas e até mesmo nos envelopes, certamente espantando os funcionários dos Correios com aquele insólito tratamento: Ilmo e Dracular Senhor...

Pelos fins de março João Antônio me diz que anda muito ocupado “com as provas de *Malagueta, Perus e Bacanaço* cujas segundas já partiram para meus amigos editores Ênio Silveira e Mário da Silva Brito”. Finalmente, no começo de maio, João Antônio irrompe numa saudação eufórica, à maneira romana: “Ave, Jácomo, o que vai deixar de ser inédito lhe saúda! Em nome de Drácula, amém. O lançamento de *Malagueta, Perus e Bacanaço* será mesmo na segunda quinzena deste maio à Livraria Teixeira, à Rua Marconi. Ando tomado de ocupações, procura, conversas, contactos, convites, vitrina. O diabo. Mário da Silva Brito já fez a ‘orelha’ e a capa, trabalho de Eugênio Hirsch, ficou boa. Mário vai publicar a ‘orelha’ como artigo crítico no ‘Suplemento Literário’ de *O Estado de São Paulo*”.

Cinco dias depois (7 de maio) está o contista de volta para me dizer que está aguardando, através do Mário da Silva Brito, “o dia do lançamento do meu estreante livro, para aparecer na televisão, visitar os jornais e distribuir convites para Deus e todo o resto da curriola”. Das cinco cartas que me escreveu durante o mês de maio, em duas não se refere ao livro prestes a nascer. Mas, fala longamente de outro livro (não o “Drácula, Droculorum, amém”) que está a engendrar: “Agora, tenho já notas sobre um romance que me vingará dos matusalênicos e fétidos padrões e exploradores. Àquelas notas eu já resolvi denominar ‘Irmãos Raccatti Ltda’. Romance sobre publicidade, essa prostituição que assola e dá comida, casa e roupa à grande parte dos nossos escritores do tempo passante. Passante e fedorento”. No entanto, nem este romance e nem o “Drácula” jamais chegariam a tomar forma de livro.

É do último dia de maio uma carta escrita “à base do punho mesmo” (as anteriores sempre foram datilografadas), onde, entre outras coisas, me diz: “Amanhã, às onze da noite, parto para o Rio. Vou à Civilização Brasileira datilografar (talvez tenha querido dizer autografar) exemplares de *Malagueta, Perus e Bacanaço* para a “corrente” dos críticos e apanhar (tentar apanhar) uns minguados cobres de direitos autorais”. Junto com esta carta manda-me um retrato seu com a dedicatória insólita: “Para Jácomo Mandatto, um mal comportado de Itapira, alcoólatra, fodeador, desbocado, enfim, um Drácula realmente dracular. Com o abraço, a admiração honesta e a identificação comum de nossa desgraça”. João Antônio.

Finalmente *Malagueta, Perus e Bacanaço* é colocado nas livrarias, iniciando uma caminhada ascensional no mercado livreiro, como poucos livros de contos conseguiram até hoje, e celebrizando seu autor, que a partir de então passou a ser conhecido como o “pai” dos três malandros mais famosos da literatura brasileira. As nossas Letras passavam a ter também os seus “três mosqueteiros”, apenas que não eram do rei, mas, do reino da safadeza e da malandragem.

A 5 de junho me escreve: “Já faz uns dez - doze dias que *Malagueta, Perus e Bacanaço* está nas livrarias do Rio de Janeiro. Hoje, estourou cá nas de São Paulo. Meto neste envelope umas notícias para a imprensa dadas pela Civilização Brasileira. Apareceu trechos de uma carta minha enviada a Mário da Silva Brito. Faça espalhafato com tais elementos. Precisamos dar um jeito de vender mais “Malagueta”. Que no Rio a venda não foi má. Utilize a fotografia que lhe enviei, dê por mim uma penada aí nos jornais de Itapira, de Campinas, etc. Sou estreante e preciso vender. Meu lançamento, coquetel e outras palhaçadas que tais como autógrafos e outros que tais, dar-se-ão cá na Livraria Teixeira, no dia 21 de junho. Gostaria de tê-lo aqui. Espalhe “Malagueta”. Agorinha mesmo, apareceu cá no nefasto escritório, o Herman José Reipert, prefeito da “Travessa do Elefante, Sem Número”. Trazia um exemplar de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Era o de número 7.3... (sete mil trezentos e poucos...) Uma alegria, Jácomo!”. Poucos dias depois eu recebia um convite da Civilização Brasileira e Livraria Teixeira para o lançamento do livro de João Antônio em São Paulo. Não pude comparecer.

No dia 10 de julho me escreve, dizendo que havia remetido meu exemplar de “Malagueta”, que contudo não chegou. Falando sobre o livro recém publicado, me diz: “*Malagueta, Perus e Bacanaço*, dizem todos, vai indo muito bem. Muito bem, uma bosta, Jácomo! Se tudo estivesse indo bem, eu não precisaria andar, andar pelas redações de jornais, pelos canais de televisão, pelas estações de rádio, pelos bordéis e pelos botecos fazendo onda em torno do meu livro e até mesmo, vendendo um exemplar aqui, outro acolá, mais outro além. Pelo que você vê, é necessário que eu faça um barulho de trezentos e vinte e um mil diabos! Porque este infeliz não tem ninguém que o ajude, nem para entregar um envelope. (...) Mas, enquanto eu não esgotar, tome nota: ESGOTAR integralmente a primeira edição deste livro, não sossego. Meti isso na cabeça e vou lutar contra todos os fatores adversos: livro de contos, livro de estréia, preço do livro, um porrilhão de coisas. Esgoto, entretanto, esta edição nem que seja a ferro e a fogo. Nos bordéis o meu livro é vendido, num salão de barbeiro também. Por que é que nas livrarias não se vende mais?”.

Vários meses se passam sem que cheguem notícias de João Antônio. Em dezembro, no dia 6, recebo uma carta onde me diz que seu livro de estréia “vai indo com o destino que a micha publicidade lhe deu. O distribuidor cá da Civilização Brasileira em São Paulo diz que a seu modo a venda vai “pingando”.

Durante todo o ano de 1964 apenas sete cartas de me chegaram do amigo contista, em quatro das quais faz referência a “Malagueta”. Na primeira delas, de janeiro, fala: Tenho umas merdas escritas, sabe? Mas não têm ainda a dignidade necessária. Em compensação tomei umas medidas alta e inconfundivelmente higiênicas. Abandonei (desde o lançamento do

meu *Malagueta, Perus e Bacanaço*) todo e qualquer tipo de fofoca literária. Em outra, de maio, me diz que escreveu “Paulinho Perna Torta”, para figurar em *Os Dez Mandamentos*, coletânea de contos a ser lançada pela Civilização Brasileira. “Não lhe envio uma cópia da maldita, que fala nessa coisa besta do décimo mandamento da lei de Deus, porque estou fazendo uma última revisão datilográfica da mesma. Era para ir ao Rio de Janeiro entregá-la à Civilização. Entretanto, Mário da Silva Brito veio a São Paulo e aproveitei para entregar e tomar uns copos como “Paulinho Perna Torta” debaixo dos braços. Mário leu uns trechos e gostou. Herman J. Reipert e Maria Geralda do Amaral Mello ouviram a leitura da novela e acham que superei “Malagueta, Perus e Bacanaço”. Escrevo a João Antônio e pergunto-lhe sobre o andamento de “Drácula”. Em junho me responde: “Acho que aquilo não é livro. É uma tolice igual a tantas outras e não se faz carreira literária com espécimes tais. Um trabalho literário meu, exige mais de uma versão. *Malagueta, Perus e Bacanaço* sofreu umas quatro, antes de ser o final “Malagueta”. Sou um esquizofrênico da forma. A palavra me aporrinha e só me sossego quando encontro a expressão verdadeira”. Finalmente, na última carta de 1964, datada de 15 de novembro, me dá a notícia de que o pintor-escritor Victor Taphanel, “argentino e grande faixa meu, acaba de concluir a tradução de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e me assegura que a editora está disposta a lançá-lo até março-abril de 1965. Donde se conclui que meus três malandros, são três grandíssimos filhos da puta, decididamente dispostos a atravessar a barreira do mercado fora do Brasil”.

Com essa correspondência de 15 de novembro, encerra-se a fase epistolar mantida entre eu e o escritor, via Itapira - São Paulo. Todas as suas cartas posteriores viriam do Rio de Janeiro, para onde João Antônio transferira sua residência. O espaçamento que vinha ocorrendo entre uma missiva e outra, já em 1964, tornou-se mais acentuado em 1965. Tanto que a primeira carta deste ano só a recebi a três de novembro, onde faz breve alusão a *Malagueta, Perus e Bacanaço*, afirmando que este livro lhe havia destilado “uma série de contos que me parecem uma bela merda, nada escapando ali. Hoje já não escreveria mais aquelas melecas”. A segunda e última carta de 65 me chegaria a 13 de novembro, onde o contista me diz que vai se casar no mês seguinte.

Já em 1966, apenas uma carta recebo de João Antônio, a 5 de Janeiro. Incrivelmente, a nossa correspondência iria sofrer um hiato de nove anos e meio a partir de então! Só voltaria a receber nova carta do escritor a 22 de julho de 1975. Não sei explicar como se deu esse silêncio entre nós durante tão longo tempo, seccionando uma intensa troca de cartas. Também de 1966 até meados de 1975 se fez um silêncio na produção literária de João Antônio. Nenhum livro novo lançado e nem *Malagueta, Perus e Bacanaço* teve nova edição. Sua atividade, para sua sobrevivência, foi apenas jornalística, colaborando então para revistas e jornais do Rio de Janeiro.

Na carta que João Antônio me mandou, de 22 de julho, o reinício da conversação foi absolutamente normal. Como se não tivesse sido jamais interrompida. Diz que está dirigindo o *Livro de Cabeceira do Homem*, que vai lançar a segunda edição de MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO e a primeira de seu segundo livro – *Leão-de-chácara*, que tem mais três livros inéditos: “Corpo-a-corpos⁴⁴”, *Casa de loucos* e *Calvário e Porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Conforme você está vendo, volto em estilo grosso, transado e enlouquecido. Companheiro, apesar deste meu silêncio de anos e anos, peço-lhe uma divulgação aí pelos jornais onde você escreve”. E dizendo-se “o seu velho ressurgido”, manda-me seu endereço e quer saber de mim “como vai essa força e a quantas anda”. Estava, assim, reencetada a antiga tagarelice epistolar e iniciava-se a formação de novo elenco de dados sobre a celebridade que, agora, seu primeiro livro iria alcançar, inclusive o próprio escritor.

Manda-me *releases* sobre “malagueta” e diz, festivo, que a segunda edição esgotou-se em menos de 15 dias, fato inédito para livros de contos no Brasil. Mesmo assim, insiste junto aos amigos que tem em todo o Brasil para que divulguem “Malagueta” e *Leão-de-chácara*, este recém lançado com bastante sucesso. Pede-me que faça propaganda de boca-a-boca. “É o que mais vende. Acredito

⁴⁴ Este título não seria mantido, passando a obra a se chamar *Malhação do Judas Carioca*.

que até o fim do ano, ajudando Deus e os amigos, ‘malagueta’ esteja em 4ª. Edição”. Eufórico, fala-me em carta de 13/10/1975: “Sucesso em Belo Horizonte. “Malagueta” e *Leão-de-chácara* arrepiaram aquela paróquia”. Em outra correspondência: “*Leão-de-chácara* enlouqueceu de vez. Chegou a primeiro mais vendido no País na Revista *Veja* desta semana (25/11). *Malagueta, Perus e Bacanaço* vai atrás”.

Já em março de 76 João Antônio me diz da preparação do roteiro do filme sobre “Malagueta, Perus e Bacanaço” e, em maio, informa que a Embrafilme havia aprovado o plano de filmagem da estória. Nesse mesmo mês o escritor me fala que, de Portugal, a Livraria Bertrand está informando-o que vai lançar uma edição de “Malagueta”. Em junho: “‘Malagueta’ está deslanchando para quinta edição e o danado do *Leão-de-chácara* está chegando à quarta. Que é isso, Jácomo, meu dracular amigo. Este merduncho está chegando aos cabelos brancos com fama nacional?”.

Em cartas de 08/11 e 17/12 me diz que sairá o dinheiro para a filmagem de “Malagueta” e passa-me recorte de jornal com este título: “Mendigos paulistas disputam barracos feitos para filme”. E fala que seu primeiro livro já estava marchando para a quinta edição.

No ano de 1977 só uma vez me dá notícias de “Malagueta”. Em carta de fins de janeiro João Antônio confirma que o livro já pulou para a quinta edição e que estava sendo traduzido na Argentina. Ao mesmo tempo assina contrato com um agente e tradutor norte-americano que pretende lançar *Malagueta, Perus e Bacanaço* nos Estados Unidos.

João Antônio volta a referir-se à sua obra somente a 29 de dezembro de 1979: “Começo o ano novo numa excelente safra. *Malagueta, Perus e Bacanaço* terá sua tradução na Tchecoslováquia e uma edição especial do Círculo do Livro em São Paulo”.

Finalmente, a 15 de março de 1980, dá-me notícia de que “Malagueta” chegou à sexta edição, hoje com tradução de contos num monte de países. E faz uma sugestão que topei: “Você acompanhou esse meu primeiro livro desde o seu aparecimento. Por que não faz um artigo para o *Suplemento Minas Gerais*”.

O artigo é este.

(1) Mário da Silva Brito já anteriormente havia sido vencedor de um concurso de poesias em Itapira (Prêmio Francisco de Paula Ferraiol), com o livro *Universo*, nascendo daí uma sólida Amizade entre nós dois.

(o primeiro artigo desta série foi publicado neste suplemento no dia / /1980.

João Antônio: aberto para balanço (III)

MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO, UM LIVRO INSUBSTITUÍDO

Jácomo Mandatto

Pululam pelas publicações brasileiras – jornais, revistas e livros –, desde 1963, quando a Editora Civilização Brasileira publicou a primeira edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*,

as entrevistas e os depoimentos do seu autor, relatando a história aventuresca do livro que é o carro-chefe do então contista paulistano, hoje transformado em contistas inter-estadual pois, afinal, agora já se enfileiraram em sua bibliografia temas com personagens e lugares que vão desde o Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro. Sabe-se, por exemplo, que um incêndio ocorrido na casa de João Antônio, a 12 de agosto de 1960, transformou em cinzas a primeira versão de “Malagueta, Perus e Bacanaço”, tendo seu autor refeito o conto posteriormente, pois a estória já estava guardadinha na sua cabeça.

Surge aí uma primeira pergunta – por que João Antônio escreveu (e reescreveu) o livro?

- “Porque tenho esta cara de mestiço e este nariz de turco. Um escritor escreve para não explodir. E isso é tudo. O mais são firulas e lantejoulas. Um escritor escreve porque não agüenta mais. Quem suporta mais um pouco, não escreve. Simplesmente vai pra casa, janta, vê televisão e dorme em paz. Dorme o sono dos justos, dos ignorantes ou dos otários. Não sei. Sei que dorme”.

João Antônio não disse tudo. Não é por que se tem uma cara feia ou bonita que se escreve, é evidente; todavia, para não explodir será mais correto. No entanto, a definição mais apropriada para entender João Antônio na literatura encontra-se em Dostoiévski: “Para escrever bem, é preciso sofrer, sofrer”. Para sofrer mais, só falta a João Antônio um “repouso” na Sibéria! Não tivesse ele gramado e se ralado desde tenra idade nos cafundós suburbanos de uma in-cidade como São Paulo, conhecendo desde cedo as agruras, os desconfortos, os arroxos, não teria escrito coisa nenhuma que prestasse. É sofrer ou conhecer de perto, ter intimidades com as asperezas da vida, para legar veracidades. As fanfarrônicas literárias pertencem aos beócios.

Que significado pode ter um livro como *Malagueta, Perus e Bacanaço* na vida de seu autor?

- “É o livro da minha juventude, é como o primeiro filho, primeiro amor, primeira namorada, essas coisas; é fonte de ternura, antes de mais nada. Para mim, do ponto-de-vista (sic) afetivo é um livro insubstituível. Agora, para efeito de reedição, estou relendo *Malagueta, Perus e Bacanaço* e acho que não faria bem, nem a mim nem ao leitor, se mexesse no livro. Ele o que é e se fosse diferente, perderia o frescor, a espontaneidade. É o que esse livro significa na minha vida de homem e escritor”.

Quando se faz um trabalho consciente, honesto, sem abusos e violações contra o povo, cedo ou tarde será louvado, exaltado. Não se pode ludibriar eternamente um povo, seja no que for. Até mesmo na literatura, que é arte, portanto terreno aberto para todo tipo de concepção. Para João Antônio, homem sofrido e observador de misérias mil, ninguém apontará o dedo acusador por ter tapeado seus contemporâneos com falsidades, com fogos artificiais de fugaz duração. Sua literatura é sem retoques, sem enfeites, sem frescuras. Talvez por isso não agrade a muitos. Mas ela é real! Os tolos a enjeitarão, terão engulho. Mas ela é ferrete que marca para sempre!

João Antônio sente que não se mostrou tudo o que essa desvairadíssima São Paulo possui (sic) no seu ventre. Antônio de Alcântara Machado fez parcialmente, ao seu tempo e ao seu modo, essa exibição. E deixou uma contribuição notável, registrando tipos e lugares nada simpáticos para uma literatura que até então era toda groselha, melada xaroposa. Foi aí que o ex-menino ciclista das ruas poentas, esburacadas e fedidas da Vila Anastácio da década de 50 sentiu que havia mais, muito mais, a revelar da vida suburbana da Capital Paulista. Essa convivência com gente simples, de muitas raças, foi a escola, o ginásio e a faculdade de João Antônio. Aprendeu tudo ali. Sofreu ali. O escritor se fez ali, enfim!

Seria João Antônio, então, o “Antônio de Alcântara Machado” dos nossos dias?

- “Não, não sou o Antônio de Alcântara Machado dos nossos dias. Somos dois escritores diferentes, bastará ler com atenção. De mais a mais, eu sou o João Antônio, o pequeno João Antônio – embora a frase possa soar como um item de grandeza... Posso dizer que até hoje, com emoção viva, releio Antônio de Alcântara Machado e posso assegurar, sem medo de erro, que ele é um dos poucos humoristas tipicamente tupiniquins numa literatura sem humoristas de seu tipo e, também, sem muitos humoristas”.

Um livro, como um filho, pode dar alegrias e tristezas a quem o gerou. Depende muito das glórias ou inglórias que obtenha desde que partiu para a luta titânica da sobrevivência, da busca de vitórias na violência das competições, do terrível salve-se quem puder da vida. Que emoções teria tido João Antônio em relação ao seu livro de estréia?

- *Malagueta, Perus e Bacanaço* me deu alegrias e tristezas profundas, como todo primeiro filho, parido com muita dor, emoção, sem falseios, jogo limpo e franco. Ele esteve esquecido totalmente por muitos anos e entre 1963 e 1975 foi uma espécie de mito ou de fantasma na nossa literatura. Muita gente falava nele e ninguém o via nas livrarias. Enquanto, lá fora, seus contos eram traduzidos e, aqui dentro, eles freqüentavam a ilustre companhia de grandes escritores nas antologias até escolares. Cheguei ao exterior via *Malagueta, Perus e Bacanaço*, como cheguei à televisão, ao rádio e ao cinema graças a seus contos. Muita gente diz que eu nunca me superei depois de “Malagueta” e que esse primeiro filho sufoca os demais. Em geral, pergunto a essas pessoas se leram “Paulinho Perna Torta” ou “Joãozinho da Babilônia”, por exemplo. Elas não leram. O filme que se fez sobre “Malagueta” foi um equívoco, a partir do título, ‘O jogo da vida’. É o mesmo que você colocar o nome de Robert Taylor num gari das ruas da Lapa, é confundir cafetão de gravata com capitão de fragata, é pensar que berimbau é gaita e é esquecer o cabimento das coisas e, principalmente, não sentir o menor respeito por um trabalho de autor. O desastre ‘universitário’ que foi o filme reside, principalmente, no fato de que não é um trabalho popular; é ‘universitário’, é inteligente, é asséptico e supinamente bem comportado. Os homens que o filmaram se esqueceram, entre outras coisas, que meus personagens têm mau hálito. E que fedem. Há, a meu ver, a péssima mania entre nós de confundir virtude com maneirismo e este é o caso do filme. Muitas pessoas gostaram do filme, inclusive alguns intelectuais de valor e cineastas de certo peso e tradição. Respeito a opinião alheia e creio mesmo que eu sou a pessoa mais suspeita para falar no assunto.

João Antônio, mente arejada, visão larga, e no entanto nos idos de 1960 “bóia-fria” de gravata, paletó e cidadão, empregado, vivendo de ordenado que sai no dia 10 nosso de cada mês, precisando do vil dinheiro como milhões de joões e josés de todo o mundo, deve ter tido mais de uma razão – que a puramente literária – para escrever “Malagueta, Perus e Bacanaço” e os demais contos desse livro, sem dúvida marco de nova era na novelística brasileira. É de se saber do escritor: *Malagueta, Perus e Bacanaço* é uma denúncia, um protesto ou um retrato?

- “Acho que é a mistura dessas intenções todas e é também uma tentativa de revelar um mundo desconhecido em que transitam aquelas gentes das camadas de baixo da sociedade. Acho que a literatura, como a história, não se faz apenas nos escalões oficiais e nos palácios de governo. A vida está também nos campinhos de futebol, nas ruas, nas conduções cheias, nos porões, nos muquinfos, nas cadeias, nos salões de sinuca, nos bordéis. Curiosamente, enquanto alguns me limitam a escritor da malandragem, etc., o conto mais badalado, amado, antologiado (sic) do livro é ‘Afinação da Arte de Chutar Tampinhas’, tido e havido como clássico, obra-prima, conto inconfundível, etc. Ora, ‘Afinação’ transcende e mesmo difere da temática e características gerais do conto-título do livro”.

Sempre se gosta de determinado livro com maior ou menor intensidade. Não apenas como leitura, mas também como autor. Quem não gostaria de ter escrito um “Dom Quixote”, um *Cem Anos de Solidão*, um *Triste Fim de Policarpo Quaresma* ou um *Malagueta, Perus e Bacanaço*? Se João Antônio não fosse autor deste último, gostaria de tê-lo escrito? E como consideraria o livro?

- “Acredito nesse livro até hoje, gosto dele e, falando claramente, se não gostasse não o reeditaria, que o mercado já anda cheio de porcarias. E, a meu ver, nesta altura dos fados, é melhor uma porcaria menos que uma a mais”.

Esse livro insubstituível de João Antônio acaba de ser publicado pela sétima vez, agora numa edição da Editora Record, casa que deverá lançar outros trabalhos do escritor nos próximos meses.

João Antônio: aberto para balanço (IV)

VISÃO CRÍTICA SOBRE “MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO”

Jácomo Mandatto

“Acredito na literatura que estou tentando fazer. Não é nada genial, mas é algo sério, que faço com honestidade, com trabalho, no silêncio, que me custa renúncia e muito esforço. É um trabalho que me esgota e que me traz muita alegria”.

(João Antônio para Edna Savaget)

O crédito que João Antônio atribuiu à sua produção literária foi amplamente confirmada pela crítica nacional e estrangeira, através de uma copiosa manifestação, iniciando-se pelo seu livro de estréia e passando pelos demais, recompensa justa e mais que merecida para quem encarou de frente o lado sórdido da vida, com todas as suas mazelas, canalhices e explorações. O escritor foi premiado regiamente – não financeiramente, é lógico, que isso é impossível num país pobre e carente de leitores como é o Brasil – quanto aos aplausos que sempre recebeu desde o Oiapoque ao Chuí, onde chegaram seus livros e ele também. Sim, porque João Antônio é, indubitavelmente, o campeão nacional em viagens de promoção de sua obra e dos “malditos escritos” do seu tempo: falando a estudantes nas faculdades e universidades, discutindo em congressos, dialogando com o povo, dando entrevistas na televisão, aos jornais e revistas, mandando cartas aos amigos espalhados por todo o Brasil. Em meio a essa lufa-lufa também processando caloteiros e ladrões de seus trabalhos!. Enfim, o contista por excelência fez – e ainda faz – um trabalho que Fausto Cunha denominou de “Projeto corpo-a-corpo”, porque essa briga de corpo-a-corpo foi assumida conscientemente e corajosamente por João Antônio, pois, afinal, ele não oferece bagulho ao leitor que compra seus livros. Sua literatura é séria e honesta, sem alumbramentos pirotécnicos de curta duração. Escreve a verdade dentro da ficção. Não tapeou ninguém nem trapaceou com a Literatura. Fez uma obra digna, por isso perene. Como poucos, muito poucos, fizeram até agora.

Lido por milhares de pessoas e analisados por várias dezenas de críticos, por que não mostrar um apanhado sobre o que se escreveu aqui e ali a respeito de João Antônio, para que se tenha uma visão geral das opiniões emitidas acerca de sua obra principal – *Malagueta, Perus e Bacanaço*, a partir de 1963, quando foi publicada? É isto, pois, o que se faz neste artigo.

“João Antônio estréia hoje com os contos que a vida lhe ditou”. A. Carvalhaes, *Folha de São Paulo*, 21/06/1963.

“É uma festa para o espírito, verificar o aparecimento de um escritor diferente, cheio de personalidade, com estilo próprio, certo modo regional de exprimir. É o que acontece com este escritor paulista, em pleno vigor da mocidade, sr João Antônio, autor destes contos originais, que se intitulam *Malagueta, Perus e Bacanaço* – esquisito a começar pelo título da coletânea”. Álvaro Augusto Lopes, *A Tribuna*, Santos, 31/07/1963.

“Como Rebelo, João Antônio povoa o seu mundo com a pequena burguesia e o proletariado fabril, semelhantemente apresenta os mesmos feixes de motivação: a caserna, a

malandragem, a boemia (sic), a musica popular, o esporte. Outro ponto de contato é o tratamento lírico que se reveste a fabulação de ambos, se bem que Marques Rebelo seja um poeta mais recôndito, mais profundo mais amargo. Enfim, se Rebelo é o cronista por excelência da Guanabara, João Antônio se revela para nós todos como a mais afinada voz destinada a fixar na clave literária o timbre da paulistaneidade”. Arnaldo Mendes, *Ultima Hora*, São Paulo, 13/07/1963.

“O valor literário da obra de João Antônio não está confinado a uma condição regional, a condição de ser paulista, como poderia ter sido carioca, baiano, mineiro ou gaúcho; o valor está em João Antônio mesmo”. Ary da Mata, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14/07/1963.

Malagueta, Perus e Bacanaço, esse clássico do mundo não-conformista. Esse livro de João Antônio marca a literatura urbana brasileira. Ele não significa apenas a volta dos marginais, é também o ponto de partida de uma literatura – muito bem definida por Wander Pirolli: Literatura de Resistência – que vai atingir a plenitude em 1975, cuja característica principal é a linguagem e matérias populares”. Ary Quintella, *Jornal de Brasília*, 25/9/1977.

“Queremos salientar que, quando o autor se volta para a narrativa na terceira pessoa, então encontramos o verdadeiro ficcionista e o verdadeiro inventor. Seu trabalho “Frio” é um exemplo. Mas só com “Malagueta, Perus e Bacanaço” pudemos medir, verdadeiramente, a força do artista. A construção dos malandros é muito boa. A linguagem, com ricas expressões localistas, nunca atinge o exagero. De fato, o autor parece se dar melhor na narrativa longa; ele não chega a convencionar seu mundo num espaço limitado. Por isso, aguardamos, para breve, o romancista João Antônio, pois são inegáveis suas qualidades que contador e, cremos, só no espaço de uma narrativa longa, poderá se realizar plenamente”. Assis Brasil, *Jornal do Brasil*, 26/06/1963.

“Desde *Malagueta, Perus e Bacanaço* até os dois últimos livros, o que predomina é sempre o bom tom, a frase concisa e domada, o gosto pelo equilibrado e decente. Os ambiente são muitas vezes os mais sórdidos possíveis, os fatos narrados também, mas o narrador é quase sempre imperturbável, alguém que sabe o que é bom tom em linguagem distinta. *Malagueta, Perus e Bacanaço* já é um clássico de nossa literatura”. Boris Schneidermann, *Versus*, São Paulo, março/1976.

“João Antônio, contista de São Paulo, é um estreante. Como escritor, se manifesta por uma depuração de processo que não é bem a características dos autores a cuja corrente se filia. De certo modo será ele mais escritor que os precedentes, embora nem sempre ficcionista da grandeza inventiva de um Adelino (Magalhães) ou da espontaneidade experimental de um Alcântara Machado. Seu estilo, contudo, não tem a aspereza indisciplinada do primeiro, nem o violento esquematismo do segundo. É sem dúvida um estilo feito de essencialidades e com uma forte harmonia peculiar. Maneira de escrever essa que se diria, à primeira vista, uma trivialidade apreendida na intuição do cotidiano – pois extraída da realidade do meio em que se inspira, isto é, da linguagem utilizada por uma certa humanidade suburbana cuja vida se reflete nos contos, a qual impõem uma dialética própria, com o emprego inclusive de vocábulos e expressões da gíria – mas logo encontramos-la transfigurada em matéria de arte, fortemente atuante no contexto, bem ritmada e expressiva”. Braga Montenegro, *O Estado de São Paulo*, 06/11/1963.

“Alcântara Machado tentou com seus ‘italianinhos’ captar o típico paulistano ou algo típico; João Antônio com seus malandros, cáftens e jogadores de sinuca conseguiu realmente, partindo de um lado marginal da sociedade, situar o ambiente citadino de São Paulo. E conseguiu na nuance que faz as verdadeiras obras de arte, isto é, atingindo pelo particular o universal”. Bráulio Pedroso, *O Estado de São Paulo*, 13/8/1964.

“Pergunto-me se João Antônio não será a maior revelação deste ano de 1963, se esta cidade de quatro milhões de “desvairados” não encontrou enfim o seu grande escritor. De

minha parte é mais que uma desconfiança – é a certeza. Os críticos que abram o olho, os leitores que tirem a prova. É ler para crer”. Caio Porfírio Carneiro, *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 1963.

“Você me enche de inveja e de felicidade escrevendo um livro que eu gostaria de ter escrito: pleno de verdade, transbordante de vivência. Um livro que não é “aplicação de teorias”, mas experiência humana transmitida através da arte”. Cassiano Nunes, carta a João Antônio, Nova York, 12/2/1964.

“*Malagueta, Perus e Bacanaço*, de João Antônio, é um livro de contos diferente, estréia de um escritor jovem que começa do alto. Tipos deliciosos de malandros e poética que você não esquecerá. É um livro paulista, onde o *bas-fond* de São Paulo se faz presente numa atmosfera rica de profundidade e emoção”. *Revista Cláudia*, novembro/1963.

“Jamais o submundo teve interprete mais eloqüente e carinhoso. O mundo daqueles cujo porta-voz é – às vezes – a seção policial dos jornais e que teve agora com *Malagueta, Perus e Bacanaço*, seu melhor analista. Conhecedor da vida e dos hábitos dos lados pobres de São Paulo, João Antônio escreve pequenas obras-primas, com retalhos do cotidiano, pequenos dramas, histórias sem “beleza”, mas profundamente humanas. Livro de contos que mostra as pegadas do gigante”. Edna Savaget, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 16/6/1963.

“O grande painel de João Antônio, a noveleta que dá título ao livro é de certa maneira, o trabalho seu que impressiona melhor, pois dá a medida de suas possibilidades criadoras. Mas ele possui uma qualidade que contrabalança quase tudo: autenticidade vivencial. João Antônio estabelece uma ligação direta, e por vezes instantânea, entre o leitor e os seres humanos que enfoca. Transmite inclusive um código de fala, que dá o sopro de vida”. Fausto Cunha, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 14/10/1963.

“‘*Malagueta, Perus e Bacanaço*’, o conto-título do livro de estréia de João Antônio, é o mais longo de todos, e também o mais trabalhado, o mais bem realizado, o mais sofrido. Sem prejuízo do imenso cuidado que dispensou às demais histórias que compõem o volume, nesta o autor se desdobrou, se agigantou, se multiplicou, trabalhando-a com amor e arte, acabando por fazer uma verdadeira obra-prima”. Guido Wilmar Sassi, *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 24/6/1963.

“João Antônio pretende descrever o povão, o sub-mundo, o pivete, o jogador de sinuca, o leão-de-chácara, o malandro carioca e o faz sobre a ótica do cronista do Rio, herdeiro direto de Lima Barreto e aparentado a Jorge Amado. A ficção de João Antônio alcança sem duvida bons momentos, é correta em outros, profissional sempre. É ainda artesão aprimorado na construção de tipos. Em *Malagueta, Perus e Bacanaço* atinge mesmo um bom nível literário. Torna-se um dos escritores mais vendidos, com excelente receptividade de público”. Heloisa Buarque de Holanda e Marcos Augusto Gonçalves, *Anos 70*, Editora Europa, 1979/1980.

“As histórias das tampinhas, como a de Fujie, como as de sinuca e a dos três malandros que dão título ao livro, já ficaram. Ninguém mais poderá apagá-las”. Herculano Pires, *Diário da Noite*, São Paulo, 22/06/1963.

“Um Gorki Paulistano, quanto propiciará por isso aos nossos sociólogos de amanhã com seus malandros, prostitutas, proxenetas e homossexuais. E não se sai dessa leitura sem a profunda tatuagem da compreensão”. Hermann José Reipert, *Gente Nova de São Paulo*, Conselho Estadual de Cultura, São Paulo, 1972.

“Eis uma ficção genuína, objetiva, penetrante, marcadamente humana – a de João Antônio. João Antônio lembra, de um modo espetacular, o grande escritor russo Máximo Gorki. Como Gorki, o escritor paulista voltou-se para uma sub-realidade social onde a temática predominante é a condição do homem marginalizado, corrompido e vitimado por uma estrutura flácida e decadente. Emergem de suas páginas o horror, o absurdo e a solidão

enormes da *Paulicéia Desvairada* – cidade que é multidão e medo, que é trabalho e fome, miséria e riqueza”. Hildebrando Barbosa Filho, *Correio das artes*, João Pessoa, 16/4/1978.

“Não há duvida, entretanto, que o melhor do livro está mesmo no conto, quase novela, que o intitula: ‘Malagueta, Perus e Bacanaço’. Com este conto, a meu ver, João Antônio vem muito cedo firmar-se entre o que existe de melhor na nossa ficção urbana. Na linha de um Manoel Antônio de Almeida, de um Lima Barreto, de um Alcântara Machado, de um Mário de Andrade, de um Marques Rebelo, de um Gastão de Holanda”. João Alexandre Barbosa, *Jornal do Comércio*, Recife, 17/11/1963.

“Entre as mais importantes estréias de 1963 destacam-se João Antônio com os contos de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. O universo de João Antônio é insólito, enquanto os seu caso literário é perturbador; até onde irá, e por onde, ninguém o sabe, pois só a obra futura definirá a literatura deste jovem que começou a ser um ‘sui generis’ Damon Runyon paulistano”. João Alves das Neves, *O Estado de São Paulo*, 14/12/1963.

“Um livro como este de João Antônio, *Malagueta, Perus e Bacanaço*, a refletir em suas páginas cheias de beleza e conteúdo dramático o imenso mundo aculturado da cidade de São Paulo, parece trazer novas perspectivas para a exploração temática do *back-ground* paulista, o que implica numa exigência da participação da crítica brasileira. Um traço, dos muitos do livro, será a introdução do picaresco, que existe realmente, no tema paulista, explorado de modo admirável em sua forma e sentido dramáticos. É diante de um livro destes, como o de João Antônio, que se lamenta a ausência de um sistema de crítica no Brasil. O público, porém, sem dúvida, fará justiça ao jovem escritor”. Leonardo Arroyo, *Folha de São Paulo*, 23/6/1963.

“O autor se impõe e seus personagens existem. Seus malandros sofridos eternecem e, como a própria vida nos inspiram mistério, recolhimento, indagação: o mistério da iniquidade, a resignação ante o negativo predeterminismo, a especulação sobre o porquê das coisas”. Manoel Lobato, *O Diário*, Vitória, 24/04/1963.

“O re-lançamento de *Malagueta, Perus e Bacanaço* põe às claras um talento incrível e que custou muito a ser conhecido. Não há agressividade nas ações dos personagens de João Antônio. O seu livro é feito de clima, de detalhes, um pontilhismo de emoções e cotidianos onde o dramático não está no ato, mas nas circunstâncias que o originam”. Marcílio Farias, *Jornal de Brasília*, 19/9/1975.

“Poeta dos malandros e dos pobres diabos, perquiridor dos sentimentos desalentados e desse descontentamento indefinível que marca dramaticamente o homem moderno, João Antônio traz para as letras brasileiras uma contribuição nova e firma-se, de pronto, como um valor que acrescenta a literatura de uma visão original, personalíssima, séria e fecunda. De *Malagueta, Perus e Bacanaço* poder-se-ia extrair um filme como os de Fellini, uma fita de extraordinária beleza, dada a sua construção plástica e profundidade vivencial”. Mário da Silva Brito, apresentando o livro de João Antônio, em 1963.

“Entrarmos no mundo prosaico contido em *Malagueta, Perus e Bacanaço* é como se abrissemos a janela ao ar livre e recebêssemos na face a aragem fresca que vem de fora e renova atmosfera carregada do interior. Em meio ao clima pesado de angústia, de incertezas e quase repulsa pela condição humana que marca a literatura atual, os contos de João Antônio surgem como uma ressurreição do homem. João Antônio é o escritor que redescobriu o diálogo entre os homens e as coisas. João Antônio: o novo escritor que a literatura brasileira acaba de ganhar, e de quem ela tem o direito de esperar muito, para o futuro”. Nelly Novaes Coelho, *O Estado de São Paulo*, 28/12/1963.

“Tendo tido a grata oportunidade de assistir ao desabrochar de seu talento original, posso testemunhar que desde a sua pequena história, ele se apresentava com uma fisionomia própria, nítida e diferente. Sem dúvida nenhuma, muito se pode esperar deste narrador nato, consciente de seus dons e que avança com segurança total na terra do ninguém delimitada

pelos botequins e pela noite de São Paulo, no meio de seus malandros sem eira nem beira, cuja vida de trapaças nunca foi levada a sério com nostalgia tão comunicativa”. Paulo Rónai, “Comentário”, Rio de Janeiro/1963.

“João Antônio remonta à melhor tradição do conto paulistano, no captar de cenas e figuras, na linguagem viva que busca a expressão popular, a notação breve do típico cidadão, do seu inesperado pulsar, animando os enredos criados”. Ricardo Ramos, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 4/2/1962.

“Ainda não se falou bastante desse jovem laureado com o Prêmio Fabio Prado, mas garanto que mereceria um rodapé. Apresentando-o, Mário da Silva Brito diz que ele ‘envolve seus personagens num clima de drama e solidão’. É verdade, mas sem fazer ópera, sem dós de peitos, antes com uma simplicidade suscetível, até, de desnortear o leitor mais apressado. Mas que preste um pouco atenção e logo verá, esse leitor, o mundo de simpatia e de ternura que o contista tem pelos seus heróis. Há-de então percorrer com ele, cinematograficamente, os bairros todos de sua Piratininga cosmopolita, que não pode parar nem mesmo na malandragem. Algumas das cenas que nos apresenta são pequenas obras primas, são de antologia, são de causar inveja a escritores bem mais experientes”. Sergio Milliet, *O Estado de São Paulo*, 23/07/1963.

“Grande contista dos dramas urbanos da grande cidade cosmopolita e das sutilezas de seus bairros operários. Nos contos de João Antônio, a Paulicéia é realmente... Desvairada. Deve-se também frisar que o autor é uma autêntica revelação no gênero de Machado de Assis”. Teixeira Cruz, *Unitário*, Fortaleza, 8/10/1963.

“Uma estréia significativa no conto: a de João Antônio com *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Os contos impressionam pela cor local, pela instataneidade de traços, pela vibração do desenho da figura humana, não sendo de admirar a aproximação que Mário da Silva Brito sugere, de Antônio de Alcântara Machado. É na área urbana que ela insere os seus tipos – gente modesta, em halo de drama humilde, boêmios, zeros à esquerda no mundo. E a língua em que se exprime é viva e plástica”. Valdemar Cavalcanti, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 8/8/1963.

“O sr. João Antônio teria a vantagem de não ter sido influenciado pelo ‘tipo’, tal como aparece em outras literaturas: no seu livro, reconhece-se o malandro nacional, misto de bandido e esportista, com senso de humor muito vivo, aceitando a vida como vem (mas que seja do lado mais agradável possível), preferindo viver mais da esperteza que do crime e gastando sempre num ritmo ligeiramente superior ao da receita. O sr. João Antônio cria vários personagens desse tipo, cada um com a sua forma pessoal de ser malandro, com seu ‘estilo’. O ficcionista enfrenta esse mundo com a dose de ironia exatamente necessária, mas também com gravidade”. Wilson Martins, *O Estado de São Paulo*, 17/8/1963.

João Antônio: aberto para balanço (V)

BIBLIOGRAFIA QUASE COMPLETA

Jácomo Mandatto

É preciso que se diga desde já que uma bibliografia sobre um autor dificilmente será um serviço acabado, por mais acurado que seja, cabendo aqui, com muitas propriedade, uma definição muito justa de Antonio Simões dos Reis ao apresentar um trabalho desse gênero sobre a obra de Mário de Andrade (cf. Suplemento da *Revista do Livro*, n. 3): “a palavra completo é incompatível com a própria natureza da bibliografia”. Faltando, muitas vezes, elementos aos próprios autores, mais árduo se torna a terceiros um levantamento

bibliográfico, tendo de valer-se de pesquisas em arquivos. Isto demandaria um tempo incrivelmente elástico e exigiria uma paciência invulgar.

Esta bibliografia sobre João Antônio e sua obra, que objetiva focalizar mais destacadamente seu livro de estréia e que é o mais popular de sua produção: *Malagueta, Perus e Bacanaço*, provavelmente está incompleta, apesar de ter recebido a maior parte das informações do próprio escritor, do qual, durante várias semanas fiquei recebendo recortes precisos e que, felizmente, nenhum se perdeu (louvado seja o Correio brasileiro!). Na falta de alguns detalhes, escrevi a diversos críticos, sendo prontamente atendido, como foram os casos de Ary Quintella e Caio Porfírio Carneiro. Outros, lamentavelmente, não me atenderam.

João Antônio passa a ter a partir deste momento um ponto de partida para a identificação do que até agora se escreveu sobre sua obra, num período de quase duas décadas de atividades literárias. O compilador deste trabalho ficará grato se puder contar com a colaboração dos que tenham em qualquer ocasião escrito sobre os livros de João Antônio, enviando-lhe recorte ou cópia (xerox), para que esta bibliografia se torne, ainda assim, mais completa.

AGUIAR, Flávio - “A palavra no purgatório”, in *Movimento*, n.13, São Paulo, 29/9/1975.

AIVES, Helle - “Notícias Literárias” - *Malagueta, Perus e Bacanaço*: João Antônio recebe novos prêmios, in *Diário de São Paulo*, 06/12/1964.

AMÂNCIO, Moacir - “Uma literatura de resistência”, in: *Folhas de São Paulo*, 08/5/1977.

ARROYO, Leonardo - “Regionalista lírico”, in *Folha de São Paulo*, 15/8/1962.

ARROYO, Leonardo - “Livros e Autores” - “A crítica e a crônica”, in *Folha de São Paulo*, 23/6/1963.

ARROYO, Leonardo / GÓES, Fernando / SILVEIRA, Helena (julgadores do Prêmio Fabio Prado, de 1962) “Parecer”, *Folha de São Paulo*, 2/9/1962.

ATHAYDE, Félix de - “Quase uma antologia” - (sobre *O Moderno conto Brasileiro*, organizado por João Antônio), in *Leia Livros*, n.3, São Paulo, 15/7 a 14/8/1978, página 14.

BALDUINO, Eduardo Sérgio - “João Antônio, poeta do povo, dos bordéis da vida”, in *Jornal da Bahia*, Salvador, 27/3/1978.

Bárbara, Danúsia - “João Antônio - o medo de passar pelas coisas e não vê-las”, in *Jornal do Brasil*, Caderno B, Rio de Janeiro, 12/1/1976.

BARBOSA, Hildebrando, Filho - “A ficção de João Antônio”, in *Correio das Artes*, João Pessoa, Paraíba, 16/04/1978.

BARBOSA, João Alexandre - “Malagueta, Perus e Bacanaço”, in *Jornal do Comércio*, Recife, Pernambuco, 17/11/1963.

BARBOSA, Rolmes - “A Semana e os Livros”, in *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, 29/06/1963.

BARBOSA, Rolmes - “A Semana e os Livros”, “Malagueta, Perus e Bacanaço”, in *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, n. 336, 20/07/1963.

BEDATE, Pilar Gomez - “João Antônio y la picaresca paulista”, in *Cuadernos Hispanoamericanos*, n.181, janeiro, 1965, páginas 1 a 4.

BRASIL, Assis - “Romancista na véspera”, in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6/12/63.

BRASIL, Assis - “Os melhores de 63”, in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6/12/63.

BRITO, Mário da Silva - “Os malandros paulistas entram na literatura”, (publicado na “orelha” da primeira edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, 1963; posteriormente foi publicado na imprensa (“Diário Intemporal”) e no volume *Conversa vai, conversa vem*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1974, páginas 63 a 65).

BRITO, Osvaldo Lopes de - “Nas trapaças dos sinuqueiros, o retrato fiel de uma sociedade em crise, in *Diário da Manhã*, Ribeirão Preto, SP, 11/11/1976. (sobre *Casa de loucos*).

- CALDAS, Imanoel – “João Antônio – contista da malandragem paulistana”, in *Jornal de Alagoas*, Suplemento n.6, 29/11/1964.
- CARNEIRO, Caio Porfírio – “A história de um livro”, in *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 1963.
- CARNEIRO, Caio Porfírio – “*Malagueta, Perus e Bacanaço*, livro que toca de perto”, in *Jornal do Comércio*, Recife, Pernambuco, 18/4/1976.
- CARNEIRO, Caio Porfírio – “*Malhação do Judas carioca*”, in *Minas Gerais, Suplemento Literário* n.513, 17/7/1976; *Correio do Povo*, Caderno de Sábado, Porto Alegre, 14/8/1976.
- CARVALHAES, A. – João Antônio estréia hoje com os contos que a vida lhe ditou”, in *Folha de São Paulo*, 21/06/1963.
- CAVALCANTI, Valdemar – “Jornal literário”, in *O Jornal*, Rio de Janeiro, 8/8/1963.
- COELHO, Nelly Novaes – *Malagueta, Perus e Bacanaço*, in *O Estado de São Paulo*, Suplemento literário n.363, 28/12/1963. (Posteriormente constou do livro *O ensino de literatura*, Ed. F.T.D., São Paulo, 1966, páginas 516 a 523).
- CRUZ, Teixeira. – “Livros e autores”, in *Unitário*, Fortaleza, Ceará, 8/10/63.
- CUNHA, Carlos – *Ô Copacabana!*, in *Minas Gerais, Suplemento Literário* n. 651, Belo Horizonte, 24/03/1979.
- CUNHA, Fausto – “Um estreante”, in *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 14/10/1963.
- CUNHA, Fausto – *Situações da ficção brasileira*, - “João Antônio”, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1970, páginas 91 a 93.
- CUNHA, Fausto – “O erotismo marginalizado, da antologia à banalidade”, in *Status*, São Paulo, junho, 1977, n.35, página 37.
- CURVELO, Ivan – “João Antônio, um caso muito sério”, in *A Notícia*, Rio de Janeiro, 2/5/1975.
- DANTAS, José Maria de Souza – *Novo Manual de Literatura*, Difel Difusão Editorial, São Paulo, 1979, página 388.
- FARIA, Marcos Ribas de – “Um grande escritor”, in *Última Hora*, Rio de Janeiro, 12/8/1975. (sobre *Leão-de-chácara*).
- FARIA, Octávio de – “Jovens Contistas”, in *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17/4/1964.
- FARIAS, Marcílio. “*Malagueta, Perus e Bacanaço*”, in *Jornal de Brasília*, 19/09/1975.
- FARIAS, Marcílio. “A faca de muitos lados”, in *Correio Brasiliense*, 19/10/1979.
- FARIAS, Marcílio. “Sob o signo da chuva (e do medo)”, in *Correio Brasiliense*, 12/2/1980.
- FEREIRA, Aurélio Buarque de Holanda – (Artigo publicado no *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, do qual o compilador não conseguiu o título e a data de publicação).
- FEREIRA, Aurélio Buarque de Holanda – (“Parecer” sobre um conto de João Antônio), in *A Cigarra* n.4, ano 44, Rio de Janeiro, 1958.
- GOMES, Duílio – “Novos da Editora Civilização Brasileira”, in *Minas Gerais, Suplemento Literário* n. 509, Belo Horizonte, 19/6/1976.
- GOMES, Duílio – “O Fenômeno João Antônio”, in *Correio Brasiliense*, 10/9/1976.
- GOMES, José Edson. “A grande reportagem – João Antônio: a garra e o nomadismo”, in *Leitura* n.94/95, maio/junho, Rio de Janeiro, 1965, páginas 12 a 15 e 44/45.
- GOMES, Roberto – “João Antônio”, in *O Estado do Paraná*, Curitiba, 16/12/1977. (Sobre *Lambões de Caçarola*)
- HOLANDA, Heloisa Buarque de / GONÇALVES, Marcos Augusto – “Política e literatura: a ficção da realidade brasileira”, in *Anos 70*, Europa Empresa Gráfica e Editora, Rio de Janeiro, 1979/1980, páginas 49 a 62.
- JAGUAR – *Pasquim*, Rio de Janeiro, 27/8 a 2/9/1974.
- LAGO, Mário – “*Ô Copacabana!*”, in *Minas Gerais, Suplemento Literário* n. 634, Belo Horizonte, 18/11/1978.

- LEITE, Octávio Dias – “Realismo Urbano”, in *Minas Gerais, Suplemento Literário* n.634, Belo Horizonte, 18/11/1978.
- LIMA, Abdias – “Leia, Aprenda e Ria”, in *Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 29/10/1976.
- LOBATO, Manoel. “*Malagueta, Perus e Bacanaço*”, in *O Diário*, Vitória, Espírito Santo, 24/4/1963.
- LOBATO, Manoel - “E a velhice?”, in *Minas Gerais, Suplemento Literário* n.523, 25/9/1976.
- LOBO, Luís – “Livro”, coluna de Esdras do Nascimento, in *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 15/12/1962.
- LOPES, Álvaro Augusto – “Livros”, in *A Tribuna*, Santos, SP, 31/7/1963.
- LUÍS, Antero – “Para eles, São Paulo parou”, in *O Globo*, Rio de Janeiro, 14/9/1975.
- MANDATTO, Jácomo. “São Paulo desconhecida contada por João Antônio”, in *Diário do Povo*, Campinas, SP, 7/7/1963.
- MANDATTO, Jácomo. “A Paulicéia de João Antônio”, in *News Sellers*, Santo André, SP, 21/7/1963.
- MANDATTO, Jácomo. “João Antônio: I/Mortal na Casa dos Quarenta”, in *Minas Gerais, Suplemento Literário* n.541, 5/2/1977.
- MANDATTO, Jácomo. “Lima Barreto – um porre de calvários”, in *Minas Gerais, Suplemento Literário* n.579, 5/11/1977.
- MANDATTO, Jácomo. “*Lambões de Caçarola*”, in *Minas Gerais, Suplemento Literário* n.588, Belo Horizonte, 7/1/1978.
- MANDATTO, Jácomo. “*Ô Copacabana!* – eu te bato porque te amo”, in *Minas Gerais, Suplemento Literário* n.648, Belo Horizonte, 3/3/1979.
- MANDATTO, Jácomo. “*Lambões de Caçarola*”, in *Correio do Povo*, Caderno de Sábado n.506, Porto Alegre, 18/2/1978.
- MANDATTO, Jácomo. “O conto e a poesia no Brasil”, in *Minas Gerais, Suplemento Literário* n.616, Belo Horizonte, 22/7/1978.
- MARTINS, LUÍS (L.M.) – “Um cronista da noite”, in *O Estado de São Paulo*, 3/10/1967.
- MARTINS, Wilson – “Transviados”, in *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, 17/8/73.
- MATA, Ary da – “Vida dos Livros”, in *Diário de Notícias*, Suplemento Literário, Rio de Janeiro, 14/7/1963.
- MEDEIROS, Benício Neiva de – “Um clássico velhaco”, in *Veja*, 16/7/75, página 107.
- MENDES, Arnaldo – “Um cronista de São Paulo”, in *Última Hora*, São Paulo, 13/7/63.
- MONSERRAT, J., Filho – “O escritor João Antônio, depois de 12 anos esquecido, volta irritado e protestando”, in *Jornal da Tarde*, São Paulo, 17/5/1975.
- MONTENEGRO, Braga – “Conto e cidade”, in *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, 6/11/1963.
- MORAES, Eneida – “João Antônio – *Malagueta, Perus e Bacanaço*”, in *Leitura* n.73, Rio de Janeiro, Julho 1963, páginas 34 a 36.
- MORAES, Santos – “Gazetinha Literária”, in *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 27/8/1963.
- NASCIMENTO, Esdras – “Livro”, in *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 9/1/1964.
- NEVES, João Alves das – “Estréia promissora”, in *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário n.360, 14/12/1963.
- NUNES, Cassiano – “Nota sobre João Antônio”, in *Correio Brasiliense*, 28/10/1967. (Publicado posteriormente em *Breves Estudos de Literatura Brasileira*, Editora Saraiva, São Paulo, 1969, páginas 142 a 145).
- PEDROSO, Bráulio – “São Paulo tem o seu romancista”, in *O Estado de São Paulo*, 13/08/1964.
- PINHEIRO, Pércles da Silva – “Contos paulistanos”, in *Shopping News*, São Paulo, 18/6/1963.

- PIRES, Herculano – “João Antônio”, in *Diário da Noite*, São Paulo, 22/6/1963.
- PY, Fernando – “Livros do momento”, in *Cadernos Brasileiros*, Rio de Janeiro, Setembro, 1974.
- QUINTELLA, Ary. “Em casa de malandro, vagabundo não pede emprego”, in *Jornal de Brasília*, 16/8/1977.
- QUINTELLA, Ary. “Por mais terras que eu percorra”, in *Jornal de Brasília*, 14/9/1977. (Publicado também no *Correio do Povo*, Caderno de Sábado, Porto Alegre, 22/10/1977, com o título “João Antônio escreve sobre Getúlio”; e no *Minas Gerais, Suplemento Literário* n.580, Belo Horizonte, 12/11/1977, com o título “Lambões e Caçarola”.
- QUINTELLA, Ary. “Ficção Brasileira Urbana”, in *Jornal de Brasília*, 25/9/1977. (Publicado também no *Minas Gerais, Suplemento Literário* n.596, 4/3/1978; idem no *Correio do Povo*, Caderno de Sábado, Porto Alegre, 13/10/1979.
- RAMOS, P. - “Casa de Loucos”, in *Pasquim* n. 581, Rio de Janeiro, de 15 a 21/8/1980.
- RAMOS, Ricardo - “Sobre Malagueta, Perus e Bacanaço”, in *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 4/2/1962.
- RAMOS, Ricardo – (Apresentação do conto de João Antônio, publicado no Suplemento Especial da revista *Mais* n. 42, Editora Três, São Paulo, 1976).
- REBELO, Marques – (Parecer ao conto “Fujie”, para a revista *A Cigarra*, Rio de Janeiro, quando o romancista fez o seguinte comentário: “Esse escritor vem com a força de um clássico. Mas de um clássico velhaco”. Relatado por Eduardo Sérgio Balduino, in *Jornal da Bahia*, de 27/3/1978).
- REIPERT, Herman José – “Cogumelos do Cotidiano”, in *Gente nova de São Paulo*, Conselho estadual de Cultura, São Paulo, 1972, páginas 13 a 15. (Publicado anteriormente em *O Diário*, Vitória, Espírito Santo, 18/8/1963).
- Rónai, Cora – “... e tal”, in *Correio Brasiliense*, 20/7/1980.
- Rónai, Paulo – “Uma estréia que promete”, in *Comentário*, Rio de Janeiro, dezembro, 1963.
- SANTANA, Sadi Carnot – “Vagabundagem ganha três reis”, in *Edição Extra* n. 53, São Paulo, 6/7/1963.
- SASSI, Guido Wilmar – “Os contos de João Antônio”, in “*Tribuna da imprensa*”, Rio de Janeiro, 24, 25 e 26/6/1963.
- SAVAGET, Edna – “De livros...”, in *O Jornal*, Rio de Janeiro, 16/6/1963.
- SCHNAIDERMAN, Boris – “Entre a exploração e o bom tom – João Antônio”, in *Versus* n.4, São Paulo, março, 1976.
- SILVA, Aguinaldo – “A outra volta dos marginais”, in *Movimento*, São Paulo, 21/7/1975.
- SILVA, Aguinaldo – “O escritor João Antônio e sua gente mal comportada”, in *O Globo*, Rio de Janeiro, 17/8/1975.
- SILVA, Hélio – “Lambões de Caçarola”, in *Minas Gerais, Suplemento Literário* n.579, Belo Horizonte, 5/11/1977.
- SILVEIRA, Ênio – “Livros” (Coluna de Esdras do Nascimento), in *Tribuna da Imprensa*, 6/8/1962.
- SILVEIRA, Ênio – “Casa de Loucos: pré lançamento”, in *Minas Gerais, Suplemento Literário* n.518, Belo Horizonte, 21/8/1976.
- SIMÕES, Roberto – “A Metrópole Paulistana e seus Ficcionistas”, in *Revista Brasiliense* n.47, São Paulo, maio/junho, 1963.
- VICENZIA, Ida – “Ô Copacabana!”, in *A Notícia*, Rio de Janeiro, 16/9/1978.
- VIEIRA, Luiz Gonzaga – “O pequeno retrato de um grande escritor”, in *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 7/9/1974.
- Wolf, Fausto – “Dois desvairados na paulicéia”, in *Pasquim* ns. 576 e 577, Rio de Janeiro, 11 e 18/7/1980.

A seguir, referências de João Antônio, em jornais e revistas:

- A *GAZETA*, São Paulo, “Páginas Literárias”, 22/6/1963.
 A *GAZETA ESPORTIVA*, São Paulo, “Escritor mais premiado de 64 [fala]⁴⁵ de si. ‘Malagueta, Perus e Bacanaço’ fizeram a gloria de um João”, página 35, 24/1/1965.
 CLAUDIA, São Paulo, “Os últimos (grandes) lançamentos”, novembro, 1963.
 DIÁRIO DE SÃO PAULO, “Paulinho Perna Torta está na Tchecoslováquia”, 1/11/1967.
 DIÁRIO DO POVO, “Estante e Prelo – Coluna 8”, Campinas, SP, 23/6/1963.
 EXTRA-REALIDADE BRASILEIRA, “João Antônio”, São Paulo, ano 1, n.4, março, 1977, p. 45.
 FOLHA DE SÃO PAULO, “Contos: três livros”, 1963.
 FOLHA DE SÃO PAULO, “Vida boêmia da cidade”, 1963.
 JORNAL DE ALAGOAS, “Ficcionista Perfeito”, Suplemento n.33, ano III, segunda fase, 13/6/1965. (Reproduz retrato de João Antônio na primeira página e inicia a publicação da novela “Camaradinho preto de um malandro”).
 JORNAL DO BRASIL, Caderno B, “Um conto brasileiro – Do autor para o leitor, o difícil percurso”, Rio de Janeiro, 31/8/1974.
 O ESTADO DE SÃO PAULO, “João Antônio lança livro”, 26/9/1975.
 O ESTADO DE SÃO PAULO, “Produtores não atenderão às reclamações de João Antônio”, 29/12/1976.
 VISÃO, “Livros” – “Enfim uma esperança”, vol 23, n. 11, São Paulo, 13/9/1963.

A seguir, depoimentos de João Antônio:

- CAMPUS, Universidade de Brasília, Departamento de Comunicação; coordenadores: Lena Magalhães, Marcílio Farias e Rogério Viana Leite, n.17, junho, 1976.
 CÍRCULO DO LIVRO EDITORA, “De Malagueta, Perus e Bacanaço”, edição especial deste livro, São Paulo, 1980.
 REVISTA DO LIVRO, “O leitor como parceiro” – (“João Antônio, autor do grande sucesso que é *Leão-de-chácara*, conta aqui a luta do escritor em busca do público”); Publicação da Editora Círculo do Livro, São Paulo, n.19, março/abril, 1976, p.24.
 STATUS, “Pra lá de Bagdá”. “Abaixo a Literatura engomada”. (Um depoimento de João Antônio, novo astro da literatura amassada). São Paulo, n.16, novembro, 1975, páginas 69 a 75.

“Malaguetas, Perus e Bacanaço” visita Itapira⁴⁶

CRIANDO PERSONAGENS QUE FEDEM, SENDO UM BÓIA FRIA DE GRAVATA,
 JOÃO ANTÔNIO TRANSPORTA PARA O PAPEL SUA JUVENTUDE VIVIDA NOS

⁴⁵ Provavelmente por um lapso, Mandatto grafou o título faltando uma palavra. O correto é “Escritor mais premiado de 64 fala de si”.

⁴⁶ Na cópia do artigo que compõe a Coleção Jácomo Mandatto, o título do artigo apresenta algumas marcas grafadas a caneta, que visam a correção de dois termos grafados com erros. O título correto seria, portanto, “‘Malagueta, Perus e Bacanaço’ visitam Itapira”.

SUBÚRBIOS DE SÃO PAULO. TÃO SOZINHO, LITERARIAMENTE, QUE CONSEGUE
ESCREVER BOAS OBRAS. UM HOMEM LIVRE E REALISTA.

Reportagem de
JÁCOMO MANDATTO

Na semana passada, o escritor João Antônio, nome bastante conhecido e admirado da literatura brasileira contemporânea, esteve em nossa cidade, atendendo o convite que lhe fez o nosso colaborador, Jornalista Jácomo Mandatto. No dia 3, o apreciado contista pronunciou uma palestra na Casa de Cultura sobre a vida e a obra do romancista Lima Barreto, cujo centenário de nascimento se deu a 13 de maio deste ano.

Ao ser apresentado à assistência, constituída principalmente por estudantes da escola “Elvira Santos de Oliveira”, o escritor respondeu a diversas perguntas que lhe foram formuladas pelo apresentador (Jácomo Mandatto) e por pessoas do auditório.

Ao abordar o tema de sua palestra, fez uma clara e proveitosa dissertação sobre a discutida figura do romancista carioca Afonso Henriques de Lima Barreto demorando-se em aspectos marcantes de diversos de seus livros, principalmente em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, que é sua obra-prima.

Reproduziremos, em seguida, alguns trechos de apresentação do escritor, feita ao molde de uma entrevista⁴⁷:

Jácomo Mandatto – “Sobejam, pelas publicações brasileiras, desde 1963, quando foi publicada a primeira edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, as entrevistas e os depoimentos do seu autor, relatando a história aventuresca do livro que é o carro-chefe do então contista paulistano, hoje transformado em contistas inter-estadual pois, afinal, agora já se enfileiraram em sua bibliografia temas com personagens e lugares que vão desde o Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro. Sabe-se, por exemplo, que um incêndio ocorrido na casa de João Antônio, a 12 de agosto de 1960, transformou em cinzas a primeira versão de “*Malagueta, Perus e Bacanaço*”, tendo seu autor refeito o conto posteriormente, pois a estória já estava guardadinha na livro. na sua cabeça.

Surge aí uma primeira pergunta – por que João Antônio escreveu (e reescreveu) o livro?

João Antônio – “Um escritor escreve para não explodir. E isso é tudo. O mais são firulas e lantejoulas. Um escritor escreve porque não agüenta mais. Quem suporta mais um pouco, não escreve. Simplesmente vai pra casa, janta, vê televisão e dorme em paz. Dorme o sono dos justos, dos ignorantes ou dos otários. Não sei. Sei que dorme”.

JM – “A definição mais apropriada para entender João Antônio na literatura encontra-se em Dostoievski: ‘Para escrever bem, é preciso sofrer, sofrer’. Para sofrer mais, só falta a João Antônio um ‘repouso’ na Sibéria! Não tivesse ele gramado e se ralado desde tenra idade nos cafundós suburbanos de uma in-cidade como São Paulo, conhecendo desde cedo as agruras, os desconfortos, os arroxos, não teria escrito coisa nenhuma que prestasse. Que significado pode ter um livro como *Malagueta, Perus e Bacanaço* na vida de seu autor?”.

JA – “É o livro da minha juventude; é como o primeiro filho, primeiro amor, primeira namorada, essas coisas; é fonte de ternura, antes de mais nada. Para mim, do ponto-de-vista (sic) afetivo é um livro insubstituível. Ele o que é e se fosse diferente, perderia o frescor, a espontaneidade. É o que esse livro significa na minha vida de homem e escritor”.

⁴⁷ Nota-se que daqui por diante, os trechos, citados como sendo parte da palestra dada por João Antônio na Casa de Cultura de Itapira, são parte constitutiva do artigo “*Malagueta, Perus e Bacanaço*, um livro insubstituível”, que compõe a série “João Antônio: aberto para balanço”, reproduzida integralmente nestes anexos. Há pequenas alterações, em geral, elipses, uma vez que o artigo original é um pouco maior que este.

JM – “Quando se faz um trabalho consciente, honesto, sem abusos e violações contra o povo, cedo ou tarde será louvado, exaltado. Não se pode ludibriar eternamente o povo, seja no que for. Até mesmo na literatura, que é arte, portanto terreno aberto para todo tipo de concepção. Para João Antônio, homem sofrido e observador de misérias, ninguém apontará o dedo acusador por ter tapeado seus contemporâneos com falsidades, com fogos artificiais de fugaz duração. Sua literatura é sem retoques, sem enfeites, sem frescuras. Ela é real, é ferrete que marca para sempre.

João Antônio mostrou o que essa desvairadíssima São Paulo possui no seu ventre. Antônio de Alcântara Machado fez parcialmente, no seu tempo e ao seu modo, essa exibição. E deixou uma contribuição notável, registrando tipos e lugares nada simpáticos para uma literatura que até então era toda groselha, melada, xaroposa. Foi aí que o ex-menino bicicleteiro das ruas poentas, esburacadas e fedidas da Vila Anastácio da década de 50 sentiu que havia mais, muito mais, a revelar da vida suburbana da Capital Paulista. Essa convivência com gente simples, de muitas raças, foi a escola, o ginásio e a faculdade de João Antônio. Aprendeu tudo ali. Viveu e viu ali. Sofreu ali. O escritor se fez ali, enfim!

Um livro, como um filho, pode dar alegrias e tristezas a quem o gerou. Depende muito das glórias ou inglórias que obtenha desde que partiu para a luta titânica da sobrevivência, da busca de vitórias na violência das competições, do terrível ‘salve-se quem puder’ da vida! Que emoções teria tido João Antônio em relação ao seu livro de estréia?

Malaguetas, Perus e Bacanaço me deu alegrias e tristezas profundas, como todo primeiro filho, parido com muita dor, emoção, sem falseios, jogo limpo e franco. Ele esteve esquecido totalmente por muitos anos e entre 1963 e 1975 foi uma espécie de mito ou de fantasma na nossa literatura. Muita gente falava nele e ninguém o via nas livrarias. Enquanto, lá fora, seus contos eram traduzidos e, aqui dentro, eles freqüentavam a ilustre companhia de grandes escritores nas antologias até escolares. Cheguei ao exterior via *Malagueta, Perus e Bacanaço*, como cheguei à televisão, ao rádio e ao cinema graças a seus contos. Muita gente diz que eu nunca me superei depois de “Malagueta” e que esse primeiro filho sufoca os demais. Em geral, pergunto a essas pessoas se leram “Paulinho Perna Torta” ou “Joãozinho da Babilônia”, por exemplo. Elas não leram. O filme que se fez sobre “Malagueta” foi um equívoco, a partir do título, ‘O jogo da vida’. É o mesmo que você colocar o nome de Robert Taylor num gari das ruas da Lapa, é confundir cafetão de gravata com capitão de fragata, é pensar que berimbau é gaita e é esquecer o cabimento das coisas e, principalmente, não sentir o menor respeito por um trabalho de autor. O desastre ‘universitário’ que foi o filme reside, principalmente, no fato de que não é um trabalho popular; é ‘universo’, é ‘inteligente’, é asséptico e supinamente bem comportado. Os homens que o filmaram se esqueceram, entre outras coisas, que meus personagens têm mau hálito. E que fedem. Há, a meu ver, a péssima mania entre nós de confundir virtude com maneirismo e este é o caso do filme. Muitas pessoas gostaram do filme, inclusive alguns intelectuais de valor e cineastas de certo peso e tradição. Respeito a opinião alheia e creio mesmo que eu sou a pessoa mais suspeita para falar no assunto”.

JM – “João Antônio, mente arejada, visão larga, e no entanto nos idos de 1960 ‘bóia-fria’ de gravata, paletó e cidadão, empregado, vivendo de ordenado que sai no dia 10 nosso de cada mês, precisando do vil dinheiro como milhões de joões e josés de todo o mundo, deve ter tido mais de uma razão – que a puramente literária – para escrever “Malaguetas, Perus e Bacanaço” e os demais contos desse livro, sem dúvida marco de nova era na novelística brasileira. É de se saber do escritor: *Malagueta, Perus e Bacanaço* é uma denúncia, um protesto ou um retrato?”

JA – “Acho que é a mistura dessas intenções todas e é também uma tentativa de revelar um mundo desconhecido em que transitam aquelas gentes das camadas de baixo da sociedade. Acho que a literatura, como a história, não se faz apenas nos escalões oficiais e nos palácios de governo. A vida está também nos campinhos de futebol, nas ruas, nas conduções cheias, nos porões, nos muquinhos, nas cadeias, nos salões de sinuca, nos bordéis. Curiosamente, enquanto alguns me limitam a escritor

da malandragem, etc., o conto mais badalado, amado, antologado (sic) do livro é ‘Afinação da Arte de Chutar Tampinhas’, tido e havido como clássico, obra-prima, conto inconfundível, etc. Acredito nesse livro até hoje, gosto dele e, falando claramente, se não gostasse não o reeditaria, que o mercado já anda cheio de porcarias. E, a meu ver, nesta altura dos fados, é melhor uma porcaria menos que uma a mais”.

Novos malandros de João Antônio

Jácomo Mandatto

Se João Antônio estivesse estreando com seu novo livro publicado pela Record – *Dedo-duro*, certamente que ele seria apontado como uma das mais notáveis revelações da moderna literatura brasileira. Os críticos abriram as comportas de suas colunas para esbanjarem aplausos ao jovem escritor, revelando-lhe seguramente um lugar de destaque entre Alcântara Machado, Lima Barreto e Marques Rebelo, prevendo-lhe até mesmo a “consagração” de uma cadeira na Academia de Letras...

Mais ou menos isto já se disse sobre João Antônio há vinte anos, quando o contista estreou com *Malagueta, Perus e Bacanaço*, a obra que se transformou em seu carro-chefe e é a que lhe vem dando grandes alegrias em termos editoriais no Brasil e no estrangeiro. Outra obra notável desse paulista enraizado em Copacabana é *Lambões de Caçarola*, para mim sua obra-prima. Eu disse novela, como poderia dizer conto, reportagem ou romance, que o número de páginas não vem ao caso. Tenho que esse texto necessita urgentemente de uma reedição, não apenas pelo conteúdo literário que apresenta como também pelo momento histórico brasileiro, que lhe serve de fundo, e que tem como personagem central a célebre figura de Getúlio Vargas.

Com este livro de agora, mais uma coletânea de seus contos-depoimentos, João Antônio apenas confirma sua magnífica carreira de escritor, seguindo a mesma e inconfundível marca registrada que é a insólita linguagem que coloca na boca de suas singulares criações, e a sua própria fala: deslavada, mas atraente e curiosa; bruta, mas interessante e original; malandra, mas sincera e franca.

João Antônio é desde há muito um campeão de epítetos, conferidos pelos nomes mais graduados da crítica, sendo o mais conhecido deles o “clássico velhaco”, atribuído a Marques Rebelo. De João Antônio já se disse ser o “único”, o “incomparável”, o “admirável”, o “inconfundível” e outros “áveis” e “íveis” que abundam em dicionários.

Dos textos de *Dedo-duro* é difícil apontar o melhor. Contudo, os que mais me tocaram são os três últimos: “Paulo Melado do Chapéu Mangueira Serralha”, “Dedo-duro” e “Bruaca”. E desta tríade agitam-se, incontestavelmente, “Bruaca”. No primeiro, o autor se mostra através de uma “Memória imodesta no coração da pouca-vergonha”, relatando os duros anos de sua infância e sua juventude, passados, entre outros lugares, pelos [palavra ilegível] da Vila Anastácio, sentindo o cheiro rançoso dos óleos da Anderson Clayton. Num pequeno trecho, João Antônio faz a súplica de sua existência: “Meu cabedal é pobre, de livros e descendentes e, elas por elas, filho de um transmuntano emigrado e de uma mestiça do estado do Rio, neta de negros, nasci sem maior lordeza. A família de mestiços, fluminense naquele tempo, andava arada de fome; correu para São Paulo nas beiradas de 29, ano ruço, e tentou se arrumar no que restava de trabalho nos intestinos industriais de Presidente Altino, Osasco e Jaguaré. Assim, nasci num tempo desmilingüido, ainda mais no meio operário. Muito retrato do dr Getúlio Vargas nas paredes dos estabelecimentos pobres. Sofria-se que não era vida”. No segundo, o leitor tem um saboroso reencontro com o que de melhor João Antônio já produziu, explodindo aí o exuberante colorido de suas palavras, como pode ser visto por esta amostra: “Uma

viração do cão, em que se leva tudo quanto é nome, ‘entrega até a mãe’, o chacal, o alcagüete, o cachorrinho, o delator, o informante, o dedão, o reservado, o que fala, o federal o engessador o boca mole o boca de litro. O dedo-duro. Ofensa maior que essa palavra na malandragem não há pois, seu dono não é carne nem peixe”. No terceiro texto, porém, João Antônio atinge o máximo da perfeição ficcional ao retratar o mendigo-malandro apelidado “Bruaca”. É peça rara! É coisa assim em nível de consagração universal. “Bruaca” é figura de ficar, acabada. Era só lhe dar fôlego e seria personagem de um volume alentado, com um título mais ou menos assim: “Vida, Miséria e Morte de Bruaca”.

João Antônio colocou no mundo mais alguns tipos raçudos, engrossando a família dos Malagueta, dos Perus, dos Bacanaço, dos Paulinho Perna Torta, os heróis malandros e vagabundos que povoam suas histórias. Este “Bruaca”, que tanto me fascinou, apresentado em *Dedo-duro* é uma esperança de obra massuda, o romance que João Antônio está devendo a seus milhares de leitores. Quando se tem uma personagem como este “Bruaca” é de deitar e rolar sobre ela. E João Antônio a tem.

ANEXOB:

A GENTE CAI, A GENTE SE LEVANTA⁴⁸

João Antônio, contista brasileiro

Ary Quintella

Esta matéria de João Antônio é inédita.

Foi escrita aos 26 anos de idade, para Diário de um pingente, ainda não terminado. Faz parte de A gente cai, a gente se levanta, entrevista feita por mim, em 1975, justamente quando saía Leão-de-chácara, que projetou – de ver – João Antônio como fenômeno literário e de comunicação, levando-o por todo o Brasil a fazer palestras e dar entrevistas, popularizando a literatura nacional e mostrando: escritor é gente, não traça de gaveta ou torre de marfim.

Ary Quintella

JOÃO ANTÔNIO

Obra

- livros:

Malagueta, Perus e Bacanaço - Ed. Civilização Brasileira, Rio, 1963;

Leão-de-chácara – Ed. Civilização Brasileira, Rio, 1975;

Malhação do Judas Carioca – Ed. Civilização Brasileira, Rio, 1976;

Casa de Loucos – Ed. Civilização Brasileira, Rio, 1976;

Calvário e porres do pingente Affonso Henrique de Lima Barreto - Ed. Civilização Brasileira, Rio, 1977;

(As datas referem-se às primeiras edições)

-Colaborou em todos os periódicos nacionais e muitos estrangeiros.

... e fomos até Copacabana, à seção de ortopedia do INPS da rua Antônio Parreiras. Após um demorado exame, o jovem médico declarou: “é no tenso-sinuvial. Você brigou no carnaval”. João Antônio sorriu, talvez da rima, talvez da dor que subia pelo seu punho direito até o ombro: “é de bater à máquina. Tenho escrito doze horas por dia.”

Finalmente convenci o médico a engessar o braço direito do João Antônio. Quinze dias de gesso, como poderei trabalhar? Voltamos à praça Serzedelo Correia e tomamos

⁴⁸ A intenção de anexar “A gente cai, a gente se levanta” ao meu trabalho surgiu ainda no início da pesquisa, uma vez que se trata de um documento, até hoje, inédito. Coloca-lo aqui significa, portanto, permitir que outros pesquisadores tenham acesso a ele. Para tanto, procurei manter a mesma grafia encontrada no datiloscrito, inclusive os trechos em que aparecem grifos.

guaraná, pois o médico proibira cachaça. Vou morrer de fome, João Antônio ainda não se conformara. A cara miúda se enrugou, no que passa os dedos entre os fios da barba.

Uma vez, tive de mendigar em São Paulo. O camarada tem mais ou menos a minha altura: 1,68 m, e seu rosto deixa transparecer aquela expressão de surpresa do garoto que acaba de descobrir a safadeza abissal do mundo. Pois todos os sofrimentos que o atingiram não puderam destruir suas características fundamentais: a curiosidade e a pureza.

AQ: João Antônio, João Antônio... qual é o seu nome por inteiro?

JA: João Antônio Ferreira Filho. Olha, eu vou dar logo a ficha completa. Nasci em 27 de janeiro de 1937, na Rua Frei Joaquim do Amor Divino Caneca. Mais especificamente: na Maternidade São Paulo, ao tempo que essa casa podia ser usada por pessoas pobres.

AQ: Por que acentuar: usada por pessoas pobres?

JA: Sou filho de um imigrante português aqui chegado com uma mão na frente e outra atrás, e de uma mulata carioca, Irene Gomes Ferreira. Irene é um nome raro para uma mulata, não é? Mas minha família ia e vinha entre São Paulo e Rio. Cheguei a conhecer a Galeria Cruzeiro aqui no Rio, onde ia com meu avô, a personagem mais curiosa que jamais conheci: Virgínio Gomes um baiano mameluco.

AQ: Como você sabe que ele era mameluco?

JA: Por causa do biótipo dele.

AQ: Fale mais de seu pai.

JA: ah! Ele não tinha o curso primário completo, mas era extremamente sofisticado, cultural e espiritualmente. Ele toca todos – e repito – todos os instrumentos de corda, inclusive instrumentos árabes, indianos e judeus. E por música. Além disso, cria orquídeas, faz hibridação de orquídeas, conhece todos esses nomes em latim. Até hoje, ele tem um maravilhoso orquidário. Foi chorão na mocidade...

AQ: espera aí. Que quer dizer chorão?

JA: chorista. Esse é o nome que se dá no Brasil todo. Mas principalmente aqui no Rio, que é o berço do choro. Ainda existem rodas de choro em Jacarepaguá, que eu frequento. Tenho amigos chorões. Meu pai foi amigo do Garoto, conheceu João Pernambuco, tem instrumentos feitos especialmente para ele pelo Romeu di Giggio, um dos maiores lutiers do Brasil.

AQ: mas o que fazia seu pai para ganhar a vida?

JA: foi sempre um virador. Um belo dia, chegou à conclusão de que era doente porque não trabalhava no pesado. Então foi ser comerciante. E foi bem sucedido, chegou a ser um homem rico, rico mesmo. Com três carros, sociedade numa pedreira. Era homem de descer para Santos levando no porta-luvas dinheiro suficiente para comprar um carro na Alfândega e tirá-lo dali, na hora.

Depois de uma fracassada muito grande, recomeçou a luta, foi dono de secos e molhados, de mercearia.

AQ: ainda está vivo?

JA: vivo, forte e lúcido. Não joga... está melhor do que eu, meu pai. Está mais lúcido do que eu. É das poucas pessoas que falam e eu ouço, pois ele tem o que dizer.

AQ: e sua mãe está viva?

JA: e forte. Minha avó também. Agora, eu fui criado atrás de um balcão de mercearia, uma vendola num lugar chamado Beco da Onça, ou Navio Negroiro, atrás do campo do Palmeiras, no Parque Antártica. Fui criado entre vagabundos, crioulos, modestos trabalhadores, biscateiros... Eu sabia jogar capoeira, ia a futebol, era corintiano. Era corintiano roxo. E essa você conhece muito bem: tive uma grande vivência de sinuca. Malagueta é uma aventura urbana que eu vivi muitas vezes. Cheguei a ganhar dinheiro com o jogo. E a perder também, claro.

AQ: você estudou, chegou a freqüentar colégio?

JA: estudei, sim. Sou professor formado, Ary.

AQ: por qual faculdade?

JA: não agüentei faculdade. Me dava muito nojo. E era a melhor do Brasil.

AQ: qual?

JA: Maria Antonia, de Filosofia. Fiz escola normal e depois jornalismo na Cásper Líbero. E sempre fui muito bom aluno, apesar da minha indisciplina. Depois, fiz muitos cursos por aí, inclusive um de literatura com o Antonio Cândido, lá na Maria Antonia. E fiz um curso de cinema. E de teatro. E levava muito jeito para ator. Principalmente cômico. A ponto de chamar a atenção dos professores. Mas houve uma briga lá em casa. Minha mãe não queria que eu aprendesse nem música nem teatro. Dentro da ignorância dela, queria que eu evitasse música e teatro para não ser boêmio. Terminei caindo na literatura por isso.

AQ: e irmãos? Existem?

JA: um irmão: Virgínio Antonio Ferreira: dez anos mais moço do que eu, mecânico ferramenteiro, diplomado pelo SENAI. Um sujeito maravilhoso, fora do comum, de uma grande inteligência. Está em São Paulo. Leva uma vida muito melhor do que a minha, pois não é pingente, um marginalizado como eu. É casado, tem uma filha: Eneida Ferreira.

AQ: e como fazia para ser bom estudante e transar na boemia?

JA: eu estava naquela boemia toda, mas estudava, porque senão apanhava. E ainda trabalhava no armazém o dia inteiro. Eu estudava à noite.

AQ: e a tal de boemia?

JA: era uma articulação complicada. Farreava alguns dias, faltava à escola, alguém respondia à chamada por mim. Não esgotava o limite de faltas.

AQ: como era um domingo seu?

JA: passando na zona. Na zona Itaboca-Aimoré, em São Paulo. Aliás, aprendi a jogar sinuca na zona. É o cenário do Paulinho Perna Torta. A experiência do Paulinho Perna Torta foi – praticamente – toda vivida por mim. Sem aquele gangsterismo do Paulinho, claro, pois nunca cheguei a ser um marginal. Ia para a zona por causa de meu péssimo relacionamento com tudo. Sofri muito na adolescência. Repare: era de origem proletária, mas as minhas relações com o proletariado deixavam a desejar. E tudo – literalmente tudo – que fosse a classe média brigava comigo. A classe média é um lixo, uma mentira sem sentido. Já o proletariado me parecia muito triste. Assim, me interessava a vida na zona. Eu queria tomar uma cerveja? Ia para a zona. Eu não ia apenas por causa das mulheres não. Ia pelo convívio da turma. Lá dentro, eu lidava com gente que não era otária. Conheci grandes malandros: Biguá, Hiroito, Xodó. Inacreditáveis frequentadores da crônica policial. O meu personagem Laércio Arrudão foi tirado da zona. É o padrinho do Paulinho Perna Torta. Ah! Aquilo era o paraíso! Ali se jogava, ali se amava, ali se bebia, ali se brigava. Principalmente ali não havia fricote. Comecei a rodar pela zona aos dezessete anos.

AQ: e quem levou você à zona pela primeira vez?

JA: ninguém, Ary. Fui de ouvir falar. Aquilo atendia à minha necessidade de verdade. Fora, fora só havia basbaquices. Aquilo constituía um cenário de vida autêntica.

AQ: e até os dezessete anos?

JA: ler, estudar. Tentei a música, minha mãe não deixou. Tocava bandolim. Tocava bem, pois tenho um bom ouvido. Minha formação musical é boa. Depois, havia as rodas que meu pai freqüentava. As rodas de chorão.

AQ: sua mãe impediu que você fosse músico...

JA: meu pai sabia e ela escondia o instrumento. Eu ficava calado com medo de levar porrada. Lá em casa não havia isso de Maria Montessori ou Summerhill não. Havia porrada mesmo.

AQ: ia muito parente seu lá em sua casa?

JA: hum... parente paulista, carioca, fluminense... parente de tudo que é canto. Mas olha: aquele ambiente familiar... não gostava muito não. Esse negócio de família não é uma boa não. Não é o meu forte. Ai do homem que precisar da coerência familiar para ser feliz.

AQ: o que você quer dizer com isso?

JA: família é um negócio, velho... um viveiro de infelizes. E me dou muito bem com a minha: meu pai, minha mãe, meu irmão, minha avó. O resto é o mundo. Teu amigo é teu irmão. Família, família. Muito mórbido, muito louco. É uma relação de dependência toda errada...

AQ: quando você parou de estudar continuou trabalhando com seu pai ou se mandou para fazer outra coisa?

JA: não, eu me mandei cedo, Ary. Mesmo antes de terminar os estudos. Aos treze anos, catorze anos, meu pai me deu o que chamava de condição de adulto ou categoria de adulto.

Recebi a chave de casa. Eu voltava à hora que desejasse. Também, já ganhava o meu dinheiro. Fiz tudo: Office boy, auxiliar de escritório, bancário... tive mil e um empregos, dos mais humildes e mesquinhos. Andei por aí tudo. E sempre estudando à noite. Uma vida dura.

AQ: nesse momento você ainda ia para o chorão?

JA: nunca mais pude ir a choro. A guerra foi muito grande. A Gestapo feminina em minha vida tem sido algo de pavoroso.

AQ: e o que tem isso a ver com a música?

JA: tem a ver com o resto da minha vida, Ary. A Gestapo feminina funcionou mesmo comigo. Um meio de repressão gestapiana: da mãe, da avó, da tia...

AQ: a de sua mãe ainda continua?

JA: agora não. Não me reprime mais, embora tenha ascendência sobre mim.

AQ: aquela pergunta clássica: quando e como começou a escrever?

JA: escrevo desde os 13 anos. Descobri por acaso que gostava da palavra escrita e soube - mais ou menos por acaso também - existir lá em São Paulo uma revistinha infantil, *O Crisol*, escrita por crianças. Era feita pelo Homero Mazarim Brum, que pagava a colaboração com livros. Como ele vivia em Moema, um bairro afastado, eu ia até lá de bicicleta.

AQ: seus pais liam sua matéria?

JA: não, era uma atividade clandestina, tal como as minhas idas à zona. O puritanismo lá em casa era marcante.

AQ: quer dizer, afinal, que a zona era uma fuga?

JA: claro. Era o único lugar alegre da cidade. O resto era de uma melancolia, uma falta de alegria, uma falta de vida... cheguei até a pensar em suicídio, aos 17 anos.

AQ: melancolia?

JA: em São Paulo as pessoas não ficavam à vontade, não me deixavam à vontade. A escola... um inferno! Professores incompetentíssimos, principalmente os de português. E tinham birra de mim porque eu sabia escrever. Um deles, Dino Menconi, dizia: "10 é para Deus, 9 para Ruy Barbosa, 8 para mim e 7 o senhor João Antonio tem a ousadia de tirar nas redações". Homens realmente deprimidos, muitos confusos da cabeça.

AQ: mas como é que você sabia que sabia escrever?

JA: porque os outros diziam. Descobri a literatura com 16 anos. Tive uma sorte respeitável: achei numa biblioteca pública a obra de Graciliano Ramos. Por mero acaso peguei *Caetés* e passei a tomar gosto pela literatura.

AQ: você aprendeu a escrever lendo?

JA: provavelmente. Eu não tinha preocupações gramaticais. Por sorte, comecei por Graciliano. Evitei, assim, uma série de vícios modernos. Escrevia sem rigores gramaticais exagerados embora observasse as leis pronominais, as de regência verbal, etc. O negócio é: a gente aprende a escrever: gostando da coisa, lendo e escrevendo muito. Principalmente lendo os escritores de forma comportada, os clássicos. Você tem de ler o Eça, o Fialho, o Graciliano, o Camilo Castelo Branco. E sempre devemos voltar a eles. É imprescindível! A obra do Eça, por exemplo, é atualíssima, contestatária, de críticas social e religiosa. Ele é um psicólogo, um autor de extrema sinceridade perante a sociedade, e tem o poder de olhar criticamente para a sociedade. E que artesão das palavras! Veja *Os Maias*, hein?

AQ: então, você começou a escrever porque gostava de escrever. E o que você chama gosta de escrever?

JA: eu gostava das palavras, lia em voz alta, como eu namorava as palavras... inclusive, eu criava palavras. Monstro. Para mim era mononstro, por ser mais grandioso, mais terrífico.

AQ: você afirmou, com exemplar falta de modéstia, que você tinha professores que não gostavam de você porque escrevia bem. Continuou, explicando escrever bem por haver lido bons escritores. Agora, como você poderia saber que o Graciliano era bom escritor? Intuição?

JA: não. As pessoas me falavam muito bem desses escritores. E ao ler esses escritores, me dei conta de que eles não eram qualquer Zé Mané, que eles tinham estatura. Ao ler Eça eu sentia coisas. Outros não me provocavam esse embalo não. Não provocavam nada. E acompanhava a vida literária através de revistas e jornais. Eu lia *A Cigarra*, o *Suplemento do Correio da Manhã*, do *Diário de Notícias*, do *Estado de São Paulo*. Naquele tempo, havia um jornal em São Paulo chamado *O Tempo*, que tinha um suplemento literário feito pelo Mário Donato. Lá, assisti ao aparecimento do Dalton Trevisan, por exemplo. E lia, comparava, ia sabendo quem era bom e quem não era. Um pouco de ouvido, como em música. Três, quatro meses depois, voltava a um autor, relia, via se era bom mesmo, se resistia a uma segunda leitura.

AQ: que idade você tinha nessa época? Uns 15?

JA: e por aí. Começou violentamente por aí, naquela fase. Bem na adolescência. Lia de noite, de dia, quando pudesse. Andava com o livro do Graciliano debaixo do braço. Discutia, conversava.

AQ: nenhum colega seu o gozava por causa disso?

JA: ah! Tive muita gozação por causa de literatura. Naquele tempo, todavia, eu as tirava de letra. Só lia cabras machos. Se alguém dissesse para mim que literatura era coisa de fricoteiros ou de gente pouco máscula, eu daria boas gargalhadas. Inclusive, eu tinha descoberto Hemingway, àquela época. Que literatura máscula, grandiosa, sofrida! Não tinha fricote não.

AQ: lá pelos 17 anos, quando começou a sair, ainda lia?

JA: se lia! E jogava sinuca, carteadado, e bebia pinga, o que pintasse. E lia. Nessa idade, a gente tem energia pra tudo. E não tem mulher para amolar, nem filho, nem aluguel de casa, nem essas coisas que envelhecem o homem precocemente. Não há peias. A vida descansada, mais afim das coisas.

AQ: e esporte?

JA: lutei judô. Joguei futebol. Fujie, um conto meu, é inspirado em minha experiência de judô, que foi bem grande. Eu andava naquelas curriolas de nisseis, em São Paulo. A minha fase japonesa. Só pensava em termos de Japão: comida, mulher, teatro, cinema. Só andava no bairro da Liberdade: Rua Galvão Bueno, São Joaquim... olha, vi as fitas do Kurosawa antes que ele se tornasse objeto de ratos de cinemateca. Só tive namoradas japonesas. Sempre fui dado a paixões e como as paixões eram peias eu sempre fugia disso. Mas amigos japoneses eu sempre tive, ao longo de toda a minha vida. Frequentei muito a colônia japonesa. No judô não passei de faixa marrom, mas era bom. Todavia essa fase não foi muito duradoura não. Passava logo para outra coisa. Elas se sobrepunham, se misturavam. Vivia, conforme as coisas pintavam.

AQ: nessa época você já estava mais reconciliado com o mundo?

JA: não, não estava não. O meu mundo ainda era dos marginais. Gostava mesmo era da sinuca, de ficar ali por perto da boca do lixo, da ferrovia, no meio da malandragem, do mulherio, da confusão, da zorra. E fui indo assim, até ao fim da zona. Quando a zona fechou, perdi minha fonte de ternura. Isso me traumatizou. A zona terminou e se estendeu pelo resto da cidade, conglomerando-se naquilo denominado: Boca do lixo, em São Paulo, e que hoje também está extinto. Ali, na boca do lixo, fui reencontrando minhas fontes de ternura. E eu já pulava de emprego em emprego, tive mil confusões. Entrava no jornalismo, saía do jornalismo, entrei para publicidade, saí. Brigava muito com os padrões. Aí, escrevi Fujie, e enviei o conto para o concurso permanente de contos de *A Cigarra*. Os juízes: Paulo Ronai e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira: fizeram uma apreciação, dizendo que o conto era excelente, tinha isso, tinha aquilo, mas que não podia ser publicado por motivos extraliterários: a revista era nitidamente familiar. Depois, esse conto quase ganhou um concurso no *Correio da Manhã*, do qual era juiz o Marques Rebelo. Foi quando nos conhecemos. Tivemos uma grande amizade.

AQ: você está indo rápido demais. Isso aconteceu aqui ou em São Paulo?

JA: é. Isso aconteceu aqui no Rio, em 1963. Trabalhava no *Jornal do Brasil*. Sabe, Malagueta, Perus e Bacanaço já estava pronto desde 1960 - naquele tempo eu escrevia à mão - quando, exatamente em 12 de agosto de 1960, um incêndio destruiu totalmente toda a casa de meu pai, em São Paulo. Foi-se o meu manuscrito. Durante muito tempo fiquei traumatizado, sem poder escrever. Nem conseguia falar ou ouvir falar de literatura e nem entrava em livraria. Houve, ao mesmo tempo, a decadência econômica de meu pai. Que período! Coincidiu tudo, Ary! Até que o Mário de Silva Britto me conseguiu a cabina 21 da biblioteca Municipal de São Paulo. Lá, eu trabalhava à noite, após sair de Petinatti, a primeira agência de publicidade brasileira, e reescrevi o livro. Repare só que loucura: eu tinha uma amiga, a Ilka Brunhilde Laurito, que estudava cinema comigo. Eu sempre escrevia cartas para ela, inclusive com trechos do livro - tenho a mania de escrever cartas - e ela queria me devolver as cartas para me facilitar a reescrever o livro. Eu disse pra ela: Ilka, vou escrever tudo de novo, até as vírgulas. "Em 1962, o livro estava pronto outra vez. Concorri ao prêmio Fábio Prado, da União Brasileira de Escritores, e ganhei. No ano seguinte, o Ênio Silveira, da Civilização Brasileira, o publicou. Ganhou todos os prêmios literários do ano, dentro e fora de São Paulo. Prêmio Jabuti, dois prêmios da Câmara Brasileira do Livro, Prêmio Prefeitura Municipal de São Paulo, Prêmio Alvorada. Ganhei todos os prêmios do ano para contos. O Jabuti foi

inédito: eu recebi como autor - o melhor – e como revelação de autor. E os contos começaram a ser traduzidos. Mesmo sem minha vontade, me apareciam tradutores. Foi um livro badaladíssimo!

AQ: traduções. Para que línguas, em que países?

JA: espera aí. Malagueta está nas seguintes antologias: *Meninão do Caixote*, Revista Brasileira, Rio, 1960; *Visita*, Revista Brasileira, Rio, 1964; *Fujie, Depois das Seis*, Edições GRD, Rio, 1964; *Meninão do Caixote*, coletânea 1, Edições GRD, 1963; *Bolo na Garganta*, Ficção, Rio, 1965; *Afinação da arte de chutar tampinhas*, Antologia Escolar de contos Brasileiros, Edições de Ouro, Rio, 1969; *idem*, Contos Jovens n. 2, Ed. Brasiliense, 1973. Em antologias estrangeiras: *Busca*, Jorge Alvarez, Bueno Aires, 1965... Olha aqui, vamos fazer o seguinte. Darei a você, Ary, uma relação completa de minha obra e de suas traduções.

AQ: vamos. Agora, os editores pagaram – direitinho – a você os direitos autorais?

JA: evidentemente, o Ênio sempre me pagou direito. Os tchecos também me pagaram o Anizapozádás Statku Jeho – o Paulinho Perna Torta – traduzido por Pavla Lidmilová, mas os Bloch... estou aguardando a antologia por eles editada atingir a 20ª. ed, para processá-los. Afinal, estão trabalhando para a minha aposentadoria...

AQ: a 2ª. edição de Malagueta está para ser publicado. Quantos exemplares terá? Você retrabalhou os contos?

JA: deve ser a tradicional tiragem de 5000 exemplares. Reli os contos mas não consegui mexer neles. E me fez um grande mal ter relido o meu livro. Porque a minha pureza foi embora, bem como a minha beleza interior. Aquele homem realmente não existe mais. Acabou.

AQ: já que você mencionou tanto o Fujie... quantos anos você tinha quando escreveu?

JA: aos 24 anos, o livro já estava escrito. Ainda não tinha 20 anos quando escrevi Fujie. Foi escrito numa tarde chuvosa, eu chorando. Mas isso acabou. Reler, então, os contos me fez muito mal.

AQ: olha, João Antonio, você conseguiu publicar o seu livro ainda moço, com relativa facilidade. Por que não escreveu outro livro em seguida?

JA: bem, Malagueta chegou ao editor como um livro premiado. Pois ele foi premiado ainda inédito, lembra-se? Daí talvez essa facilidade a que você se refere. Depois disso, de 1964 a setenta e picos, eu vivi muito preso ao jornalismo. Tive também problemas graves de ordem pessoal. Aliás, se me pergunta quais problemas eu não responderei. Em suma, afastei-me da literatura. E sempre estive na linha de frente do jornalismo. Fui um dos fundadores de revista *Realidade*, por exemplo.

AQ: não vou dizer que foi sorte, pois Malagueta já é um clássico. Mas poucos escritores tiveram a oportunidade que você teve. Só conheço - de parecido - mais três casos em nossa literatura: a Raquel de Queiroz. O Graciliano Ramos, que foi convidado a escrever pelo Schmidt, e o José Lins do Rego, que o José Olímpio chamou lá do norte. Você não se sentiu estimulado com isso?

JA: não, pelo contrário. Porque eu estava vivendo as coisas de minha vida. Não há nada inventado em Malagueta. Além do que, eu vivo as coisas até às últimas conseqüências. A ponto de não ter tempo para mais nada. Talvez, eu pudesse ter hoje mais sete ou oito livros escritos. Experiência, vivência para isso eu tinha. Mas não publiquei sete livros, vou publicar quatro ou cinco.

AQ: você acredita que o jornalismo seja útil para o escritor? Ser jornalista é bom para o ficcionista?

JA: houve épocas em que diria: o jornalismo só faz mal ao escritor. A pressa, a angústia do tempo, a forma descurada. Isso é evidente. Hoje, digo o seguinte: jornalismo é uma coisa, literatura é outra. Ponto. Fazer jornal é uma coisa, mas fazer jornalismo é diferente de se fazer jornal. Eu gosto – hoje – de jornalismo. Mas já detestei, fazia por sobrevivência. Atualmente, respeito muito o jornalismo, principalmente o jornalismo que não está sendo feito no Brasil.

AQ: e fazer reportagem?

JA: sem brincadeira, a experiência de repórter é muito boa para o repórter. Mas o escritor não olha com olhos de repórter. Basta ver o que Hemingway fez como repórter e como escritor. Sem dúvida nenhuma, ele foi melhor como escritor, embora tenha sido um repórter extraordinário. A ótica do escritor é mais demorada e por isso mesmo mais certa. A ótica do repórter é mais ligeira, daí o resultado ser mais superficial. Quando tempo demora um jornal: 5 horas. Quanto tempo demora um livro: cinco séculos. A visão do escritor é mais demorada, o seu processo de realização é mais demorado e o seu resultado é mais duradouro. Isso não significa – absolutamente – que a reportagem não tenha valor. Tem o seu valor específico.

AQ: um repasse: você disse a seguinte frase: o repórter é o repórter e o escritor é o escritor. Fale mais a respeito.

JA: o repórter tem uma visão absolutamente superficial do fato e o escritor tem uma visão profunda do fato, basicamente do que está atrás do fato. Ele se preocupa com o porquê das coisas enquanto – em geral – o repórter está preocupado com o como das coisas. Isso já está parecendo aula de comunicação... não quero dizer que não possa haver a reportagem em profundidade, repare bem. Eu fiz muita reportagem em profundidade. Agora, se você me perguntar como consigo ser o editor do Livro de Cabeceira e o autor do Joãozinho da Babilônia, eu respondo é uma questão de conhecimento e de marcação de tempo. O tempo que eu uso para fazer o Joãozinho da Babilônia não é o mesmo tempo que eu uso para fazer uma matéria sobre gafeira, a Cidade de Deus, problemas habitacionais ou econômicos. Posso fazer, em três dias, um perfil de Norma Bengel, através de conversas com ela, por exemplo. Mas se eu for escrever um conto sobre a Norma Bengel, talvez sejam necessários três meses, ou – quem sabe? Três anos.

AQ: você disse que a reportagem brasileira está em crise. Certa vez, andávamos pela Avenida Atlântida e você dissertou sobre isso durante três horas. Lembra-se?

JA: tenho falado e escrito sobre isso. Criou-se no Brasil uma mentalidade que está levando a reportagem à sua pasteurização, à sua computerização. Nas redações dos jornais, os gurus de redação, os íncritos donos da comunicação, estão dizendo que a grande reportagem morreu,

que aquela reportagem de mergulho humano morreu, que a reportagem de preocupações outras – que não fosse o fato objetivo resolvível em duas laudas – morreu. Mas repare só, Ary, nos Estados Unidos a reportagem está derrubando Presidentes. Na Tchecoslováquia, um indivíduo escreveu uma carta de quarenta laudas para o chefe do partido, apontando todos os defeitos do regime: a opressão, a alienação do povo, o medo do povo, a queda de produção. A reportagem não morreu coisa nenhuma. Aqui, no Brasil, está ocorrendo, isto sim, a emasculação da reportagem.

AQ: poderia dar um exemplo prático?

JA: pega-se um pobre repórter, dá-se-lhe quatro matérias por dia e diz-se-lhe: traga-me isso, em duas laudas cada uma. Resultado: ele faz quatro péssimos relatórios. Isso acontece em: *O Globo*, *Jornal do Brasil*, todos os jornais cariocas e paulistas. Abro exceção para o *Estado de São Paulo*, o *Correio do Povo* e o *Jornal da Tarde*. Abra o *Jornal do Brasil* e você não encontrará nenhuma reportagem. A morte da reportagem está sendo dirigida pelos gurus da informação, os quiquiriquis da informática e comunicação, homens vestidos como executivos e piores do que tecnocratas. Por isso não existe a grande reportagem. Mas ela não morreu.

AQ: seus contos têm alguma coisa da linguagem de cinema. Confere?

JA: sem dúvida! Eu assistia a festivais de cinema italiano, japonês, indiano, sueco... Frequentava a cinemateca e vi muito filme. O que me conferiu um alto sentido estético: de movimento, cores e dinâmica dos fatos. Fatos sobre os quais eu pretendia escrever. Talvez a minha pegada tenha um pouco de musical, um pouco de pictórico, um pouco de Cartum. É provável que toda movimentação cinematográfica, de Malagueta seja uma herança dessa formação cinematográfica, intensíssima.

AQ: você classificaria Malagueta como neo-realista?

JA: não, nada disso. Como seria possível classificar o Malagueta em alguma escola? Não me enquadro em nenhuma escola. Seria mais impressionista, o Malagueta, com um pouco de realismo crítico.

AQ: os contos do Lima Barreto, o nosso querido Afonso Henrique, poderiam ter exercido alguma influência em seus contos?

JA: não, absolutamente. Talvez o Lima só tenha vindo a me influenciar agora, no Diário de um pingente. Sempre tive uma grande contenção de forma. E só vim a descobrir o Lima agora. Quero dizer, lá por 1970, quando tive a oportunidade de apanhar um depoimento inédito sobre ele. Foi assim: conheci num sanatório da Tijuca um senhor que viveu com Lima Barreto. O Professor Carlos Alberto Nóbrega da Cunha. Esse senhor sofria de esclerose, era tido como maluco. Todavia, foi um dos homens mais lúcidos, mais brilhantes e imaginativos que jamais conheci. Ele tivera uma grande intimidade com o Lima e a literatura do Lima. Por causa dele, aproximei-me muito do Lima, li tudo do Lima inclusive cartas. E surgiu-se essa admiração pelo Lima, que crescia mais a cada dia. Penetrei fundamente na obra do Lima e reconheci que se tratava de um grande escritor, o escritor brasileiro por excelência, independentemente de escolas, de épocas. Um escritor que tinha uma posição honesta na literatura do país sobre o qual escrevia. Muito maior do que a de todos os escritores brasileiros. Lima foi o que mais se aproximou do pobre diabo, do homem de subúrbio, do miserê sem grandeza nacional, daquela camada que não tem nenhum traço folclórico.

AQ: mas ele tinha preocupações de ordem nacional. Isso é patente em *Policarpo Quaresma*, em *Numa e a ninfa*.

JA: sim, isso sim. É um Quixote nacional. Universal. O Nova Califórnia é um conto universal, embora de uma temática violentamente brasileira e, mais do que isso, carioca. Você, que é escritor carioca, sente isso também, certo?

AQ: evidentemente. Mas esse sentimento também existiu em outros escritores brasileiros.

JA: mas não com a dimensão do Lima. O Graciliano, por exemplo, fez uma obra toda voltada para os problemas nacionais. Euclides também. Monteiro Lobato também E o próprio Manuel Antonio de Almeida também.

AQ: o Manuel Antonio de Almeida também?

JA: aquela aparente despreocupação é uma despreocupação capciosa, em que ele monta um grande retrato luso-afro-tupiniquim, mais bem acabado do que *Macunaíma*. Leonardo-Pataca é um personagem maior do que Macunaíma. Sem as pretensões do Macunaíma. Os mestiçinhos Leonardo-Pataca são os mestiçinhos sem-vergonha e safadinhos até hoje.

AQ: safardanas.

JA: safardanas. É por que sem folclore. O imediatista Leonardo-Pataca, o pouco-glorioso e caloteiro, o rateirista. Ary, isso é a pura flor nacional até hoje!

AQ: bem, eu já declarei publicamente: é o herói nacional por excelência: Leonardo, filho⁴⁹. (grifos meus)

JÁ: é! Agora, o Lima pega o outro lado da coisa: o lado patético da calhordice brasileira, cujas conseqüências influem no refúgio dos infelizes, segundo ele próprio diz dos subúrbios cariocas. Essa minha admiração pelo Lima cresceu tanto, a ponto de ficar patente a partir de meu terceiro livro. *O Corpo*.

AQ: Que terceiro livro é esse? Você tem um só livro editado.

JA: então, vou fazer uma resenha deste autor: em 21 de setembro de 1974, assinei contrato com o senhor Ênio Silveira para quatro livros: Malagueta, 2ª edição; Leão-de-chácara, contos, 1ª edição; parênteses: os contos de Leão-de-chácara são os três contos premiados no Paraná em 1974 mais Paulinho Perna Torta, a minha melhor história; depois vem Corpo a corpo, não O Corpo, em seguida Casa de Loucos. Os dois últimos são livros-reportagens, perfis, depoimentos, o que fiz entre Malagueta e os dias de hoje. Eu fiz isso: Leão-de-chácara, Corpo a corpo e Casa de Loucos.

AQ: um momento. Você falou aí em Diário de um pingente. O que é isso?

JA: estou fazendo um livro chamado Diário de um pingente, que nem eu mesmo esperava fazer. É um livro esparramado, que não terá menos de 300 páginas, impressas, e é um livro

⁴⁹ O trecho grifado foi escrito à mão, diferentemente do resto do texto, grafado à máquina.

sem gênero. Depois de Norman Mailer e Lima Barreto não existe mais gênero literário. Não sei se o Diário de um pingente será um documento, um romance, um anti-romance. Haverá páginas de ficção, e páginas de documentos, haverá impressões e expressões... Toda a minha geração é uma geração de pingentes e toda a classe social em que vivo atualmente é uma classe em situação de pingência.

AQ: poderia me traduzir isso?

JA: é a carolice, é o andar depurado, é o estar nas coisas em estado de provisoriado. Isso é o que está acontecendo com toda a minha geração e a maioria da classe média brasileira.

AQ: detalha mais isso, por favor.

JA: devido a não haver estabilidade do mercado de trabalho, devido a não haver previsões para os profissionais liberais, estamos em estado de eterna pingência. Os jornalistas, por exemplo. Onde está o mercado de trabalho do jornalista brasileiro? Não e-xis-te! Quem está empregado é por pura sorte, ou por apadrinhamento, ou por senvergonhice, talvez até por mérito. Porém, não e-xis-te um mercado profissional de trabalho. Há uma situação de pingência. Quem está de pingente, vai de pingente. Quem não está, está desempregado. Repare só, Ary: nesses últimos onze anos, o Rio de Janeiro perdeu os seguintes jornais *Diário Carioca*, *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, que existe mas é um equívoco.

AQ: e por que isso?

JA: segundo os gurus das redações: por causa da crise de papel, da crise no Oriente Médio, problemas de petróleo, da cor dos cabelos da Izabelita, do Bumba-meu-boi... sem brincadeira, agora: perdemos, nesse período, um bom Jornal do Brasil que não mais existe; uma revista Senhor; uma revista Realidade; um Correio da Manhã, o jornal mais importante de 1964; um Diário de Notícias; um Diário Carioca, que simplesmente desapareceu do mercado. A realidade é um quadro jornalístico decadente e – conseqüentemente – um mercado de trabalho inexistente. Então, se você me perguntar: Malagueta, em seu relançamento, terá o mesmo sucesso de 1963? Eu responderei: Não! Enfaticamente não! Porque não existem veículos ou publicações para serem publicadas tantas coisas como se publicou àquela época. Não existe mais a revista Leitura; não existe mais, como expressão nacional, o Jornal de Letras; não existe mais o suplemento do Correio da Manhã, nem o do Jornal do Brasil, e o do Estado de São Paulo decaiu bastante. A revista Visão já não dá o mesmo tratamento e a mesma importância às matérias de literatura...

AQ: e tudo isso por quê?

JA: porque houve uma paralisação da vida cultural e literária nesse país. É o que se constata pelas estatísticas de publicação anteriores a 1964 e posteriores a 1964. Refiro-me aos veículos noticiosos e culturais. Inclusive houve uma decadência violenta em matéria de jornalismo cultural no Brasil. Quero lembrar que, não existe mais o Diário de Notícias, Realidade e tal, é força de expressão, cujo objetivo é mostrar que tais publicações não são mais o que foram. Ficou claro?

AQ: entendi. E o que é jornalismo cultural?

JA: os suplementos, os segundos cadernos, que serviam à literatura, ao cinema, ao teatro, à vida estudantil. Houve uma paralisação nesse sentido. Você pega o caderno B de hoje: é simplesmente um amontoado de matérias traduzidas dos Estados Unidos. Não é nem do mundo. É dos Es-ta-dos U-ni-dos. Matérias, aliás, mal traduzidas, pior adaptadas, e pessimamente cozidas. Onde está a matéria brasileira? Onde? Em que mundo se escondeu? Sumiu. Sumiu. Os gurus dizem: a reportagem morreu. Mas só morreu na cabeça deles, pois está mais viva do que nunca nos países civilizados.

AQ: o que você está dizendo me lembra uma entrevista do Ministro das Comunicações, Comandante Quandt de Oliveira, que li no JB. Ele dizia que a televisão brasileira atravessava um período muito difícil, porque 90% dos programas eram estrangeiros e, desses 90%, 60% eram norte-americanos. E isso era um fator que estrangulava brutalmente a formação da cultura nacional.

JA: O que o Ministro Quandt de Oliveira disse nessa entrevista é uma das coisas mais lúcidas que foram ditas nesses últimos onze anos. Realmente, a televisão brasileira está precisando imediatamente de uma infiltração de criatividade brasileira. Isso tem uma relação intensa e profunda com o que eu disse sobre os jornais e revistas. Ou nos voltamos para os problemas nacionais – em termos de comunicação – imediatamente, ou daqui a pouco nós seremos apenas veículos retransmissores de traduções e adaptações mal feitas. Então, nessa hora, o Ministro Quandt merece todo o apoio dos intelectuais brasileiros. Porque nós estamos com uma televisão ao serviço de quem, afinal de contas? Se ao serviço deste país, então tem de ter comunicação brasileira nisso.

AQ: mas não há autores brasileiros de novelas, por exemplo?

JA: esses romancistas de televisão não representam nada. É preciso aproveitar textos de autores nacionais e passá-los para a televisão. Inclusive, autores ainda mal conhecidos. Há um monte aí: você, o Antonio Torres, o Wander Piroli, o Ignácio de Loyola, o Sérgio Santanna e muitos mais. Acontece que a televisão brasileira precisa dar-se ao trabalho de descobrir que existe gente que escreve nesse país. E que escreve coisas muito razoáveis para a televisão. Não é só ficar na Gabriela, Cravo e Canela, do Jorge, que – aliás – já é muito elogiável nessa nossa televisãozinha. Nem ficar convidando o Jorge pra fazer isso ou aquilo. É – realmente – convocar o escritor brasileiro, o jornalista brasileiro para a televisão.

AQ: mas TV Globo convidou para ser Diretor de Telejornalismo um jornalista, o Armando Nogueira.

JA: mas o que o Armando Nogueira tem feito são coisas pequenas, em termos de telejornalismo. Não é o que se esperava, nem o que seria necessário. O que se espera da TV não é simples cobertura informativa, noticiosa, senão a grande reportagem brasileira.

AQ: vamos voltar atrás. Você dizia ter encontrado num sanatório um senhor que o aproximou de Lima Barreto.

JA: Sim, o Carlos Alberto Nóbrega da Cunha. Ele me deu um depoimento sobre o Lima Barreto de umas 30 laudas, que vou transformar num texto de umas 70 laudas, tão logo melhore desta mão. Ele discorda de Antonio Houaiss, quando o Houaiss diz que o Lima Barreto é um mulato genial e bebedor. Ele concorda com o genial mas discorda do bebedor. Diz que embora o Lima bebesse, e só bebesse Parati, ele jamais foi visto bêbado. Estou com a

relação completa de todos os tais porres de Lima, assim como dos bares que freqüentava. Vou combinar isto com trechos do próprio Lima, a fim de compor um trabalho em que eu não escreva uma só palavra de minha autoria.⁵⁰

AQ: o que é esse sanatório da Tijuca?

JA: é um sanatório para loucos, na Muda da Tijuca, à Rua João Alfredo n. 28.

AQ: você foi lá fazer alguma reportagem?

JA: negativo. Em 1970, lá fui recolhido, devido a uma estafa, durante 120 dias. Casa de Loucos não tem este título em vão.

AQ: estafa?

JA: concluíram que eu estava com estafa. Nesse nosso cômputo ocidental, os loucos são recolhidos a ambiente chamados sanatórios, onde se misturam com epiléticos, com gente estafada e até mesmo com toxicômanos, alcoólatras, etc. Enfim, é um balaio de marginalizados psíquicos, em que são misturados oligifrênicos, esquizofrênicos, drogados, epiléticos, maconhados... em doce harmonia ou desarmonia.

AQ: mas como foi pra lá?

JA: movido pelos acontecimentos. Passei, realmente, uma temporada muito braba na vida, uma temporada de grandes aborrecimentos, de muito trabalho em Manchete, a casa dos Bloch, tão execrada pela imprensa nacional – pelo menos falada – não se escreve tudo isso. Até hoje ainda não vi um bom perfil do Adolfo Bloch. Seria uma boa peça brasileira, uma peça luso-judaica-tupiniquim da melhor qualidade. O Lima Barreto adoraria escrever isso. Lá, entre outras coisas, passei cinco meses trabalhando sem um dia de folga, era na época do primeiro seqüestro nacional, o do embaixador norte-americano. Isso leva qualquer cidadão à estafa, principalmente num regime de terror, onde o fantasma da demissão pairava sobre nossas cabeças 24 horas por dia. Isso pode arrastar uma pessoa à pederastia, à impotência sexual, à ranhetice crônica ou até um sanatório.

AQ: o que fazia na Manchete?

JA: era o primeiro de todos os repórteres. O mais especial dos repórteres, o que mais ganhava, o que fazia as reportagens tidas e havidas como as mais importantes. Fui para a Manchete a convite do Sr Adolfo Bloch. Saí da Realidade em 1968 e fui para Manchete, onde fiquei quase três anos. Dali saí para o sanatório, chamado O Sumidouro da Tijuca pelo Carlos Alberto Nóbrega da Cunha.

AQ: me disseram que você um dia arrebentou uma redação. Existe esse fato? Foi isso que levou você a um sanatório para descansar?

JA: negativo. Não arrebentei coisa nenhuma. Entrei num estado de profundo aborrecimento, hipocondria, dores físicas inclusive, e – a conselho médico – fui levado para o sanatório. Fui para lá sob meus protestos, claro, pois o estafado acha que nunca está estafado, como o mitômano afirma que não mente, o alcoólatra diz que não bebe, o epilético afirma estar sadio

⁵⁰ Grifos feitos à mão.

e o louco jura ser lúcido. Aliás, posso ser incluído em algumas dessas faixas: se não sou alcoólatra não é por virtude, é por covardia, tenho medo das repercussões físicas. Adoro álcool e se não tomo porres diários é por medo de assumir essa vontade enorme de beber. Mas o medo da impotência sexual, o medo da velhice precoce me levam a evitar o álcool.

AQ: e você saiu do sanatório tranqüilo, em forma, recuperado, passado a ferro?

JA: o que vi no sanatório e que descrevo em Casa de Loucos, deixam bem claro que ninguém sai de lá recuperado.

AQ: você saiu recuperado.

JA: vamos dizer: mais calmo. Aliás, seria necessário conceituar – ocidentalmente – o que seja loucura. Porque a loucura está ligada – inapelavelmente – ao processo de criação. O estado de criação é um estado que se aproxima ao da loucura.

AQ: continue esse assunto.

JA: a criação tem o mesmo tipo de febre, quebrando valores tradicionais, contestando, etc. Qualquer tipo de mau comportamento na nossa sociedade é uma loucura, extrapola, sai do pequeno burguês. Não dizem que o Gabriel Garcia Márquez escreve sobre a loucura, quando ele só escreve sobre a América Latina? Se eu escrever sobre Cascadura vão dizer que eu sou o Papa do Surrealismo Fantástico. Eu não, o surrealismo fantástico é Cascadura.

AQ: ou Caxias. O Nelson Pereira dos Santos diz que Caxias é o centro cultural brasileiro por excelência.

JA: o Nelson não deixa de ter razão. Apenas exagerou um pouco. A imagem é um pouco exagerada. Eu conheço Caxias, só faltam ali, para que seja a Capital Cultural do Brasil, alguns traços da migração sulista. Caxias é uma representação cultural brasileira muito completa da faixa do Rio de Janeiro pra cima. Do Rio de Janeiro pra baixo não é não. Tem pouca influência sulista. Mas se tivesse a confusão seria completa, o misere também, a miscigenação também. Aí sim, ela seria a autêntica capital da cultura brasileira, refletindo o miserê total do país. Principalmente o miserê cultural: a falta de cultura, de costumes, de comportamentos. Não apenas a cultura livresca ou universitária.

AQ: você fala de cultura no sentido antropológico. E desde que saiu do sanatório?

JA: voltei a trabalhar. Fui ser editor. Com um embrulho no estômago. Fui editor umas três vezes nesta minha curta vida, sempre com embrulho no estômago: no Globo, na Rio Gráfica Editora, e agora – com menos embrulho no estômago, porque é um trabalho que me agrada – no Livro de Cabeceira do Homem.

AQ: fale sobre o novo Livro de Cabeceira.

JA: vai voltar, reprojeto por mim no ano passado para o Ênio Silveira, a pedido dele, e numa linha de redescoberta, ou tentativa de reafirmação, da matéria brasileira, da grande reportagem feita em profundidade, de mergulho social, e acho que estamos diante de uma boa coisa que se vai fazer. Pelo menos quero ver se faço casamento de grandes nomes brasileiros ao lado de jovens de vinte e poucos anos que tenham valor. Quero uma linha na base de

contestação realista, crítica, construtiva. Porque não existe crítica destrutiva, a meu ver. Toda crítica, por mais negativista que seja, sempre apresenta um aspecto construtivo.

AQ: crítica social?

JA: social, psicológica. Principalmente, Ary, o redescobrimto da matéria brasileira, algo que está afastado de nossos jornais, de nossas revistas, de nossa TV. A matéria brasileira. A grande reportagem, como se fôssemos descrever a coisa mais importante do mundo: Caxias, ou o problema das doenças da pobreza, entende, Ary? Tal é a preocupação do Livro de Cabeceira. Um jornalismo menos frívolo, sóbrio, com muita informação e, principalmente, que seja palpável, acessível ao público, a partir de sua linguagem. Aquele jornalismo que, ao invés de escrever adquirir, escreve comprar, e que não fique com remandiolas intelectuais e com enganação cultural. Pois esse negócio de semiologia, estruturalismo e outros ismos é pura enganação. Isso é conversa mole pra boi dormir. Ninguém pode meter Lima Barreto em escola nenhuma. No entanto, ele é um autor permanente.

AQ: ouvi dizer que você é escritor.

JA: é. Dizem que sou. Em certos momento, até eu acredito. Mesmo porque, hoje já não sei fazer outra coisa. Se hoje fosse obrigado a mudar de profissão, talvez eu fosse um péssimo vendedor da Brahma, um horroroso contador de papéis, por aí. Realmente, creio seja só isso: um jornalista, um escritor, um pingente urbano.

AQ: o que quer dizer ser escritor?

JA: ser escritor é ser um homem que escreve. É o ovo de Colombo! Não existe escritor que não escreve. Eu procuro ultimamente...

AQ: corte. Quem disse que não existe escritor que não escreve? Pois há por aí escritores que não escrevem.

JA: isso é a enganação violenta e pura. Sei que tem gente aí que diz ser escritor e não escreve coisa nenhuma. Agora, escritor não pode escrever baboseira não. Ser escritor é ter uma missão, pois o que escreve tem uma função, um compromisso com sua época muito sério. E com seu povo, a sua terra. O escritor tem de sair dessa redoma imbecil do ismo e partir para coisas do conhecimento do seu povo. Não existe uma obra sem essa participação. Você bem pode notar: em qualquer literatura – de qualquer nacionalidade – os que ficaram foram os que tiveram essas preocupações: a de uma missão, de um destino, pelo menos de um registro do que está se passando. A Bíblia nada é mais do que isso. A obra de Dostoiewsky (sic) nada é mais do que isso, bem como a de Cervantes, que é o pai, avô e bisavô do todos nós que estamos aqui agora. Ali não tem conversa, é um compromisso com sua época, não existe essa coisa de ismo que anda por aí. A maioria que anda por aí faz um onanismo intelectual...

AQ: você está acentuando bastante o seguinte: que o escritor tem uma missão, um papel. Pare que serve, por exemplo, o senhor Truman Capote.

JA: para o seguinte: ao fazer A sangue frio, ele prova ser possível a um escritor fazer um trabalho jornalístico sem perder a sua dignidade e categoria e dando ao jornalismo novas dimensões. É para isso que ele serve. Para isso serve também o senhor Norman Mailer. Para – ao atestar uma série de realidades – ao mesmo tempo buscar de uma maneira crítica, analítica,

uma visão mais clara do problema. Porque o grande problema do escritor é compreender as coisas sobre as quais está escrevendo. A compreensão dos fatos da vida. Caso contrário, esse mundaréu de coisas que estão acontecendo por aí seria – apenas – um simples absurdo, um caos total. Mas repare: não quero reivindicar para o escritor uma função de missionário, ou de profeta. Nada disso! O que um escritor não pode é ficar falando de besteiras, de bobagens intelectualóides, justamente quando coisas estão acontecendo.

AQ: Agora, um exemplo concreto.

JA: o Wander Piroli. O Wander, no momento, é o melhor contista do Brasil. Pelo seu despojamento, pela sua coragem, pelo seu compromisso com o que está fazendo. Haja visto a sua demissão do Suplemento Minas Gerais. Nós até não escrevíamos para o Suplemento, quando o Wander era editor lá? Pois o Wander – até em suas atitudes pessoais, particulares – serve para expressar o estado, o clima brasileiro que nós vivemos atualmente. Os contos do Wander refletem esse clima que nós vivemos, principalmente na área urbana. Esse clima de múltiplas repressões, opressões, medo, angústia, instabilidade e – às vezes – até esperança e alegrias. Essa nossa difícil época, o Wander tem refletido nos seus contos. E – pelo fato de refletir tudo isso – de certa forma, sugere a melhoria de tudo isso, a reformulação de tudo isso.

AQ: fale especificamente sobre as opressões e desgraças do nosso mundo contemporâneo.

JA: atualmente, mesmo sem sair de casa, o homem é um oprimido. É oprimido pela notícia violenta que explode em sua casa ao ligar a TV. É oprimido pela conta que entra pelo vão de sua porta. É oprimido pela rua, lugar de conflito, onde – por exemplo – um homem não tem mais por onde andar, pois todo espaço é ocupado por automóveis. Depois, as múltiplas formas de poluição desta vida – vida? – urbana, o desaparecimento do verde, o aparecimento da fumaça, do óleo, da cinza... nos emporcalhando o corpo e a alma. Então, o indivíduo vive sob pressão, sob angústia. Angústia que chega através da TV, do telefone, das contas, do ônibus, do táxi. Não existe previsão para o homem dentro de uma massa urbana, de um espaço urbano. O homem é jogado para lá e para cá. E – tudo isso – o Wander reflete em seus contos. E nisso ele está cumprindo uma missão: em refletir tudo isso e sugerir – através do próprio reflexo – uma reformulação disso tudo. Tais são as opressões e desgraças do nosso mundo contemporâneo.

AQ: você vive do que escreve como ficcionista?

JA: claro que não. A literatura no Brasil é muito mal paga. Quando é paga. Eu sou o maior colecionador de calotes, desde 1955. Tenho uma vasta lista de jornais e revistas que me devem dinheiro até hoje.

AQ: quais?

JA: o jornal O Tempo, a revista Senhor, o jornal Última Hora, de São Paulo... inclusive, estou em algumas antologias brasileiras, cujos editores sem sequer me pediram autorização para reproduzir contos meus. Aliás, nem tiveram a delicadeza de me falar a respeito. O melhor que ganhei em literatura foi o Prêmio do Paraná, no ano passado (1974)⁵¹. O Bloch nem sequer me comunicou ter colocado em Literatura Brasileira em Curso – que deve estar em 5ª edição – um texto meu: Afinação da arte de chutar tampinhas. Por um mínimo de gentileza, o editor

⁵¹ Este parênteses aparece grafado à mão, à título de apêndice.

deve consultar o escritor. Mas não tem importância, quando chegarem à 20ª edição, farei alguma coisa.

AQ: você deve examinar uma lei de dezembro de 1973 – cuja regulamentação ainda não está pronta – a Lei dos Direitos Autorais. O Autran Dourado e o Carlos Drummond de Andrade estão com o mesmo problema. Aliás, o Autran tem um processo no Supremo, que ainda não foi julgado. É – justamente – conta o Sr Bloch.

JA: Ary, é por causa do mesmo livro.

AQ: não sei direito qual é o tempo do processo.

JA: talvez um lustro. Lustrado é cinco anos? E o Drummond está realmente amolado com isso. Ele foi mesmo enganado. Há 36 páginas do Drummond no tal livro.

AQ: é mesmo o livro da Bloch Editores, onde está você e o Autran?

JÁ: Exatamente. A Bloch Editores, ali na Praia do Russel, naquele prédio bonito, como diz o Adolpho. Devia ser orgulho da imprensa nacional⁵².

AQ: por que você escreve conto?

JA: eu não escrevo só conto não. Malagueta é quase uma novela. Tem, no mínimo, trinta laudas.

AQ: e você acredita nessa classificação por extensão da matéria?

JA: não, um conto pode ter uma página ou quarenta. Isso não quer dizer nada. A estética, do Tchecov, tem um monte páginas e é um conto. Os contos do Dalton Trevisan são pequenos, bem como alguns do meu querido Lima Barreto. Mas são também contos, claro. O que define o conto não é o número de páginas, mas o tratamento do tema, o tom.

AQ: mas você pretende escrever algum dia isso chamado romance?

JA: não acredito mais nessa história de gênero literário. Principalmente, depois das experiências do Norman Mailer e do Truman Capote. A literatura, o teatro, passam por uma fase onde o mais importante é esse corpo a corpo com a vida, essa experiência de passar pela vida e não relar na vida, mas relar-se na vida. Existe um tom diferente da ótica tradicional, passa a ser assim um compromisso íntimo com o que se passa. O Norman Mailer, quando vai ao encontro de um acontecimento e o acontecimento não se passa, faz o acontecimento acontecer. Por exemplo: não sei o que será do Diário de um pingente. Será um romance? Uma série de depoimentos? Um retrato dessa época? Como classificar Os Sertões?

AQ: é o predecessor nacional de A Sangue frio. Mas falo de romance no sentido habitual, tradicional, uma história com princípio, meio e fim. Você tenciona escrever um dia uma história assim?

⁵² A seguir, há um borrão. Uma pergunta de Ary e uma resposta de João Antônio estão totalmente riscadas.

JA: sim. Tenho na minha cabeça, há algum tempo, uma história chamada Jordão. Tenho pena de ainda não a ter escrito. Também o Joãozinho da Babilônia tem elementos para um romance. Mas minha preocupação – no momento – é fazer o Diário de um pingente. É o que estou compondo agora. Nele, falo da vida provisoriada, do provisoriado, essa pingência urbana, essa camada de pingentes urbanos. Agora, nessa mesma mesa, respondi a um inquérito do Hamilton Almeida Filho, que me procurou pelo tablóide EX, de São Paulo. Fiz, então, para ele, o meu primeiro conto oral, que ele denominou por Merduncho, aliás, O merduncho, pois o Hamilton não sabe que eu detesto títulos com artigo. Detesto artigos, até mesmo os indefinidos. Bem, mas O merduncho é uma tentativa de localização – até sociológica – do que seja o lúmpen. Mas não trata – exatamente – de todo lúmpen. Pois o lúmpen, como a classe média, como a pobreza, como a burguesia, tem muitas divisões, muitas faixas, muitas formas de ser. O merduncho é, então, aquele indivíduo que oscila entre o bandido e o marginal. É um sobrevivente urbano, um pingente urbano, como são os jogadores de sinuca. O mundo dos jogadores de sinuca – que no Rio fica mais estabelecido no Catete, ficava na Lapa, e ainda fica na Gávea, - define com precisão o merduncho: a forma brasileira – que eu encontro – para determinar aquilo chamado de lupen-proletariat pelos sociólogos, intelectuais ou sabidos. O merduncho não é exatamente um bandido, nem exatamente um indigente. É o sobrevivente urbano, que se vira com pequenos expedientes. São os jogadores de sinuca, os apostadores de sinuca, os freqüentadores daquele mundo ainda mais baixo das corridas de cavalo...

AQ: corte: um escritor é um merduncho?

JA: na melhor expressão da palavra. Pois ele não tem um fixo mensal, nem estabilidade econômica, porque leva calote de seus editores. O merduncho – afinal – é mais um pingente da história, mas em estado crônico, ele não sai daquilo, ele vai se arrastando.

AQ: então, o seu pingente pode ter, inclusive, a significação de passageiro?

JA: exatamente. De passageiro, daí o conluio, a combinação de significados. Uma vida provisória, passageira, dependurada, carona. Uma situação absolutamente anormal, instável, que pode mudar de uma hora pra outra, mas que continua indefinidamente. O estado crônico de pingência. Se formos examinar em profundidade a população de Copacabana, verificaríamos: Copacabana é uma multidão de pingentes, de agarrados, de dependurados. Exceção feita ao território livre da Prado Jr. E o merduncho, ou melhor, o merdunchado é constituído pela faixa que está abaixo da faixa dos pingentes.

AQ: então você está classificando socialmente, ou economicamente, as pessoas. Temos o merdunchado e o pingenciado. E o resto?

JA: de baixo para cima: o merduncho, o pingente. Depois, o proletariado. Em seguida, a classe média. Tudo isso, claro, com várias camadas intermediárias. Principalmente, a classe média, em plena decadência aqui no Brasil. Hoje em dia até mais perto do proletariado do que da burguesia. E, acima de tudo isso, está a burguesia. E a própria burguesia tem várias camadas. Existe a burguesia que veleja ba Barra da Tijuca, a que veleja em Cabo Frio, a que veleja nas Bahamas. E em Cannes. Mas o que melhor parece definir cada faixa social é o *status* econômico e, principalmente, o espírito e a mentalidade.

AQ: como você chamaria – à sua maneira – a classe média e a burguesia?

JA: não gosto de trocadilhos, mas a classe média é a própria classe mérdia. Pois é classe fecal, a classe que vive de mentiras, alimentando a indústria dos crediários, e que teme qualquer tipo de mudança, tanto para cima como para baixo ou para os lados. Ela teme a sua sombra, a latitude, a longitude, os ventos, as trovoadas, o sol. Ela vive para viver de mentira e de medo.

AQ: ela se caracteriza, basicamente, pela imobilidade?

JA: é. E por uma pretensa estabilidade que só existe em sua imaginação. A classe média está perdendo seu sentido de classe, no Brasil, ela vem decaindo paulatinamente, ela se aproxima inexoravelmente do proletariado. Afinal, o que ela tem é conseguido através de prestações e, quando não as paga, leva pau como qualquer merduncho ou pingente.

AQ: vamos falar de sinuca. Quem joga sinuca é sinuqueiro?

JA: negativo. A palavra sinuqueiro não existe. O jogo de sinuca, em seu meio ambiente, é chamado de joguinho. Ninguém diz: “vamos jogar uma sinuca”. Nada disso. Diz-se: “vamos ao joguinho, à bigorna, à boca, à boca do inferno, bocada, quebrada...” Ninguém fala sinuca, bilhar não. Isso é linguagem da classe média. O merduncho emprega essas impressões que eu disse aí.

AQ: em seus contos, você revela um conhecimento profundo de sinuca. Você chegou a jogar profissionalmente? Chegou a se alimentar jogando sinuca?

JA: claro, Ary, ninguém escreve Malagueta do lado de fora.

AQ: mas você chegou a ser bom jogador?

JA: olha, as pessoas dizem que... é difícil julgar o que seja um bom jogador de sinuca. Vou tentar explicar isso. Dedico o Malagueta ao Carne Frita, ao Walfrido – tido como o melhor taco do Brasil – mas há outros bons tacos: o Lincoln, O Praça, que é um adversário que até hoje o Frita teme...

AQ: você ainda tem contato com esse pessoal?

JA: tenho, sim. Tanto que – quando fui agora a São Paulo com o Capovilla escolher os locais para a filmagem do Malagueta – encontrei gente conhecida em todas as bocadas em que passamos, o que causou espécie aos homens da firma que está preparando o Malagueta para um especial na TV Globo. Embora a tendência do Malagueta seja de se transformar em filme.

AQ: especial de TV... e quando vai ocorrer esse fato?

JA: esse fato desmoralizante e vergonhoso para a dignidade do Malagueta deve estar para ocorrer já. Por isso fui a São Paulo. Corremos de carro aquilo tudo, desde o quilômetro 18, ali em Duque de Caxias, passando por Osasco, Lapa, Água Branca, Vila Mariana, até o centro da cidade. Nem a própria justa vai a algumas dessas bocas. Fiz os diálogos do especial.

AQ: e por falar em diálogos. Sentiu alguma diferença entre a gíria atual e a de seu tempo?

JA: tirando alguns modismos e ondas, a linguagem da sinuca permanece a mesma. Por exemplo: grana. Grana está em desuso, hoje se diz tutu, bocó. Outro exemplo: quando há uma

onda de muito jogo, se diz atualmente derrame, uma palavra nova, que não aparece em Malagueta. Mas o termos fundamentais: espeto, estia, parceirinho, a jogo ou a passeio, duas de dez, duas de vinte; aquelas expressões típicas do mundo da sinuca, nas bocas profissionais da sinuca, continuam. Como aqui no Rio. Elas têm universalidade, não são do Rio ou de São Paulo. Diz-se “pintou um derrame lá na Gávea, está pintando lá naquele pedaço”. Quer dizer: lá naquele botequim. O mole, a marmelada, tudo é igual, e tudo continua.

AQ: o que significa mole?

JA: mole é um jogo de mentira. Isto é, um jogo em que alguém está passando alguém pra trás. Em geral, o patrão. Quando o jogador não tem dinheiro, ele joga patroado por alguém, ele se torna empregado de alguém. Existe uma feroz exploração na sinuca. Antes, você me perguntava se eu fui um bom jogador. Sei é ver jogo. Ver sinuca é mais importante do que saber jogar sinuca.

AQ: você começou jogar sinuca com que idade?

JA: uns quinze anos. Aos dezesseis anos eu fechava um bar em Vila Anastácio, em cujo interior pintara a polícia, levando bolas, tomando o alvará, etc. O dono do bar ficou muito zangado, disse que iria procurar meu pai e tal. Que nada! No dia seguinte as bolas estavam lá, bem como o alvará e eu. Vivi toda a aventura do Malagueta. A competição da sinuca é violentíssima, inclui expedientes dos mais sórdidos. Por exemplo, a crueldade, a gana, pois não existe resposta para o jogador que perde. O jogador que perde, perdeu. Ponto. E ele não se conforma com isso. Ele fica mordido quando perde. Porque ele não acredita no porque perdeu. Ele pode até acreditar que perdeu, mas nunca acreditará no porque perdeu.

AQ: um vocabulário básico de sinuca.

JA: de joguinho. Começo com o próprio nome do salão, da mesa, que pode ser bigorna, boca, bocada, quebrada, no verde, casa. O taco: [palavra ilegível] violino, puxa-saco, fanchona. Dinheiro: surucutaco, grana, vento, seda, bocó, bembom, abre caminho, capim verde, papel, papel pintado. A gratificação que o ganhador dá ao perdedor é a estia, quando você fica esnucado é o espeto, quando o sujeito está muito atrapalhado da vida engolobado, não englobado, e, sim, engolobado, funhanhado. Além dessa linguagem que pode ser escrita, há também uma linguagem de sinais na sinuca que só é usada por malandros. Os assovios. Quando o sujeito assobia o tango Garufa é porque está havendo marmelada no jogo. Ou quando ele quer falar com alguém, passa a mão na testa, o que significa: vem pra cá. E assim vai. Tal linguagem só é compreendida pelos iniciados, malandros, malandrinhos e malandrecos. O verdadeiro malandro é o malandreco; malandrinho é uma imitação de malandro; malandro é o malandro médio. O bom mesmo é o malandreco.

AQ: o Maurício Capovila fazer um filme a seu respeito lhe confere um ar de clássico.

JA: não, que nada! O Maurício já pensava nisso antes de Malagueta ser editado. Ele desejava fazer de Malagueta um filme.

AQ: mas por que a TV Globo vai deixar aparecer algo seu?

JA: primeiro, por causa daquela conversa do Ministro Quandt. Segundo, porque devem estar desejando um remanejamento da criatividade brasileira.

AQ: e futebol?

JA: sou tarado por futebol. Mais do que divertimento, o futebol é uma religião. É um grande partido político. Minas, por exemplo, não é Arena, nem MDB. É Cruzeiro ou Atlético. São as maiores forças de expressão popular. Lembra-se do ismo na literatura brasileira? Onde está a nossa literatura sobre futebol? Não existe! Os intelectuais!...

AQ: noto um certo desprezo em sua voz, ao falar: os intelectuais...

JA: porque o intelectual é o indivíduo que não participa da nada, fica de fora, parece até aquela turma que fica vendo a escola de samba. Lá fora, o intelectual participa das coisas. Veja o Hemingway, Camus, Bertrand Russel. Escritor brasileiro fica na boa, fica na redoma, fica na torre de marfim, não sai pro pau.

AQ: e você, sai pro pau?

JA: estou saindo agora, por exemplo, com você. Ao escrever Malagueta, ao tentar fazer o Livro de Cabeceira. Quero dizer isso: já ouvi de intelectuais observações deste tipo: “mas como, você primeiro escreve Malagueta e depois vai entrevistar o Paulo Gracindo?”

AQ: e qual foi a besta que disse isso?

JA: vários intelectuais, que insistem: “você reporterzinho, você que escreveu Malagueta”. É porque têm medo de pegar na merda! Não são escritores coisa nenhuma...

AQ: você viu Amuleto de Ogum, do Nelson Pereira dos Santos?

JA: ainda ontem, falava com o Caetano sobre o filme. Eu disse para ele: “Amuleto é um bom filme, Caetano, mas não é Caxias. Caxias não foi incluída na geografia de Amuleto. Tem muita umbanda bonita, tem muito canto, tem uma visão muito viva, muito vigorosas dos crimes do Esquadrão da Morte, tem uma figura que se aproxima do Tenório, etc. Mas faltam as ruas de Caxias, a falta d’água de Caxias, a falta de árvores de Caxias. Falta ao filme justamente aquilo que o Nelson declarou mais haver no filme – aquilo que Caxias ser a capital cultural do Brasil”. Ary, isso eu não vi no filme não. O que, aliás, muito me surpreendeu, principalmente após o Nelson declarar – após ter feito Rio, 40 graus, Vidas Secas, Rio, Zona Norte – que só há uma maneira de ver a coisa popular, que é através da ótica popular, e não pela ótica da classe média ou dos intelectuais. Ele disse isso numa entrevista para Opinião.

AQ: além do Wander, quem você acha bom na literatura brasileira?

JA: tem uma turma aí que não está brincando. Não é? Agora, tem aqui essa garrafa empoeirada, louca para ser aberta, mesmo porque estou cansado e o que você acha de apanhar aquele copo ali em cima e tal?

BALANCETE

Como vocês podem notar, atualizar essa conversa com João Antônio é desnecessário. Ainda permanece bastante sólido o “misere cultural brasileiro”. A TV ainda continua a

importar enlatados, os jornais continuam povoados por pessoas de quem Lima Barreto já dissera: “.....”.* Os mesmos falsos valores prevalecem, iguaizinhos ao tempo em que jogaram JA na geladeira durante doze anos.

Todavia, JA não parou. Se Corpo a corpo ainda não foi publicado, e Diário de um pingente ainda está sendo escrito, Malhação do Judas Carioca, Casa de Loucos e Calvário e Porres do Pingente Afonso Henrique de Lima Barreto estão nas ruas e seus cinco livros estão vendendo muito bem, obrigado. É pena que o Livro de Cabeceira do homem esteja em ponto-morto.

Quero lembrar: o Calvário e Porres do Pingente Lima Barreto não é ficção. Aliás, isso foi dito claramente por JA nessa entrevista.

Quanto ao resto, JA continua a batalhar arduamente. Pois sua preocupação maior – e cada vez maior – é a cultura nacional. Não é à toa que partiu como paladino medieval a quebrar lanças pelo Brasil afora. A prova disso é seu respeito por Lima Barreto: “o maior escritor da América Latina de sua época”.

Incompreendido por doze sólidos anos, apesar de seus problemas pessoais, da falta de uma crítica maior de sua obra – pois hoje ele já tem obra – da falta de solidariedade dos coleguinhas escritores, de suas violentas paixões culturais, João Antônio continua a trabalhar. E já vem livro novo por aí.

Um dia desses, relendo livros sobre Lima Barreto, pensei: se algum escritor se lembrasse de fazer um livro sobre João Antônio, daqui a trinta anos algum pesquisador teria menos dificuldade para saber quem foi JA.

Mas a tacanhez empresarial dos editores também persiste. Nenhum deles vai se lembrar até de que – engraçado! – um livro sobre este batalhador venderia. Pois seu nome é moeda-corrente nos meios estudantis e nos meios em que exista preocupação com o chamado espírito nacional.

Espero que essa entrevista – um dia – seja útil a alguém interessado em fixar o momento nacional que atravessamos, bem como a própria vida do João Antônio.

* “Aos olhos dos homens da imprensa, publicar um livro é uma ousadia sem limites, uma temeridade e uma pretensão inqualificáveis e dignas de castigo”.

(Recordações do escrivão de Isaías Caminha)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS DE JOÃO ANTÔNIO

ANTÔNIO, João. *Malhação do Judas Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975a.

ANTÔNIO, João. *Leão-de-chácara*. São Paulo: Círculo do Livro, 1975b.

ANTÔNIO, João. *Casa de loucos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ANTÔNIO, João. *Ô Copacabana!*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

ANTÔNIO, João. *Literatura comentada*. NETO, João da Silva Ribeiro (org). São Paulo: Abril, 1981

ANTÔNIO, João. *Guardador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

ANTÔNIO, João. *Sete vezes rua*. São Paulo: Scipione, 1996.

ANTÔNIO, João. *Dama do Encantado*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

ANTÔNIO, João. *Abraçado ao meu rancor*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

ANTÔNIO, João. *Dedo-duro*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

ANTÔNIO, João. De Malagueta, Perus e Bacanaço. In: *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

ANTÔNIO, João. *Lambões de Caçarola: Trabalhadores do Brasil*. Porto Alegre: LPM, 1977.

TEXTOS DE JORNAL:

ANTÔNIO, João. Itapira, um esforço. *Última Hora*, São Paulo, 16 de nov. 1963.

ANTÔNIO, João. Para viver naquele botequim só vendo o galo e a raposa. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 07 jul. 1990. Caderno de Esportes.

OLSEN JÚNIOR, Oldemar. João Antônio: a profissionalização do escritor. *Acadêmico: Jornal Catarinense de Cultura*. Blumenau, Ano VI, n. 52, março de 1981.

AGUIAR, Flávio. Um escritor na república das Bruzundangas: entrevista com João Antônio. *Movimento*, São Paulo, 14 de jul. 1975.

BÁRBARA, Danúsia. O medo de passar pelas coisas e não vê-las. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 jan. 1976.

BUENO, Wilson. Prezado epistoleiro. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, Mar. 1999.

CARNEIRO, Caio Porfírio. João Antônio merece. *Jornal de debates*. Rio de Janeiro, Ano XXX, n. 9. 29 de março a 04 de abril de 1976..

CARVALHO, José Augusto. Cartas de João Antônio. *Suplemento Literário Minas Gerais*. Belo Horizonte, n.805, 06 mar. 1982, p.04.

CUNHA, Fausto. O erotismo marginalizado, da antologia à banalidade. In: *Revista Status* – junho de 1977. Documento do “Acervo João Antônio”, depositado na F.C.L – UNESP – Assis (Coleção Jácomo Mandatto).

DURIGAN, 1983 “João Antônio e a ciranda da malandragem”. In: *Suplemento Literário Minas Gerais*. Belo Horizonte, N. 869, 28 de maio de 1983..

FARIAS, Marcílio. Malagueta, Perus e Bacanaço. *Jornal de Brasília*. Brasília, 19 set. 1995.

MANDATTO. Jácomo. A paulicéia de João Antônio. *New Seller*. Santo André, 21 jul. 1963.

MANDATTO. Jácomo. João Antônio: aberto para balanço. *Suplemento Literário Minas Gerais*. Belo Horizonte, 27 set. 1980.

MANDATTO. Jácomo. João Antônio: aberto para balanço (II): Malagueta, Perus e Bacanaço – gênese e glória de três malandros. *Suplemento Literário Minas Gerais*. Belo Horizonte, 30 jan. 1981.

MANDATTO, Jácomo. Fechado para balanço: ‘Malagueta, Perus e Bacanaço’ – gênese e glória de três malandros. *Suplemento Literário Minas Gerais*. Belo Horizonte, 07 fev. 1981.

MANDATTO, Jácomo. Novos malandros de João Antônio. *Tribuna da Fronteira*. Mafra, 18 set 1982.

MANDATTO, Jácomo. Malagueta, Perus e Bacanaço: um livro insubstituído. *Folha de Itapira*, 25 dez. 1980.

NUNES, Cassiano. Nota sobre João Antônio. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 28 out. 1967.

PLOEGMAKERS, Ruud. Frescuras do coração: a melancolia nos contos de João Antônio. *Suplemento Literário Minas Gerais* n. 971. Belo Horizonte, 11 mai. 1985.

QUINTELLA, Ary. Lambões de Caçarola. *Suplemento Literário Minas Gerais*. Belo Horizonte, 12 nov. 1977.

QUINTELLA, Ary. João Antônio Escreve Sobre Getúlio. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 22 out. 1977.

REY, Marcos. Morreu Babí. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 12 ago. 1981.

ROSSETTI, José Pascoal. *Três cafés fiados* [sem referência à fonte] Documento do “Acervo João Antônio”, depositado na F.C.L – UNESP – Assis (Coleção Jácomo Mandatto).

SANTANA, Sadi Carnot. Vagabundagem ganha três reis. *Edição Extra* n. 53, São Paulo, 6 jul. 1963.

SASSI, Guido Wilmar. Os contos de João Antônio. *Tribuna da imprensa*. Rio de Janeiro, 24, 25 e 26 jul 1963.

SÍNTESE e honestidade. *Revista Isto É*, São Paulo: Editora três, 17/08/1983.

REFERENCIAL TEÓRICO:

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: *Notas de literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2003 p.15-45.

AGUIAR, Flávio. Evocação de João Antônio ou do Purgatório ao inferno. In: *Remate de Males* n. 19: João Antônio, Campinas, 1999. p . 25-53

ANGELIDES, Sophia. A. P. *Tchekhov: Cartas para uma poética*. São Paulo: Edusp, 1995.

AZEVÊDO FILHO, Carlos Alberto Farias de. *João Antônio: repórter de Realidade*. João Pessoa: Idéia, 2002.

BATISTA, Abel Barros. *A formação do nome – Duas interrogações sobre Machado de Assis*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

BELLUCO, Hugo. Um cronista da Imprensa nanica. In: OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de, ORNELLAS, Clara Ávila, SILVA, Telma Maciel da. *Papéis de escritor: leituras sobre João Antônio*. Assis: UNESP, 2008.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: _____ et alii. *Textos escolhidos*. Trad. José Lino Grünnewald. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores)

BONVICINO, Régis (org). *Envie meu dicionário: cartas e alguma crítica*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

BORDINI, Maria da Glória. A metarrealidade do sentido e o estatuto da obra literária em *O senhor embaixador* de Érico Veríssimo. In: ZILBERMAN, Regina et al. *As pedras e o arco – fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Humanitas e Editora UFMG, 2004. p.199-175.

BOSI, Alfredo. Um boêmio entre duas cidades. In: ANTÔNIO, João. *Abraçado ao meu rancor*. São Paulo: Cosac&Naify, 2001.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade – Lembrança de velhos*. 14.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

BRAGA, Elisabeth dos Santos. *O trabalho com a literatura: Memórias e histórias*. In: Cadernos CEDES vol.20 no.50. Campinas: Abril de 2000.

CARNEIRO, Caio Porfírio. Meu Perfil de João Antônio. In: *Remate de Males* n. 19: João Antônio, Campinas, 1999. p. 11-24.

CASTELLO, José. A arte de ser João. In: _____. *Inventário das sombras*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 33-55.

CASTRO, E. M. de Melo e. Odeio cartas. In: GALVÃO, W. N, GOTLIB, N. B. *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 11-17.

CÉSAR, Ana Cristina. *Correspondência completa*. In: _____. *A teus pés*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, sd.

CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade – Lembrança de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHIAPINI, Lígia; DIMAS, Antônio; ZILLY, Berthold (orgs). *Brasil, país do passado?*. São Paulo: Edusp, 2000.

COLEÇÃO JÁCOMO MANDATTO. Assis: FCLAs.

DIAFÉRIA, Lourenço. Do Joãozinho ao João Antônio. In: *Remate de Males* n. 19: João Antônio, Campinas, 1999. p . 26-57.

DIAZ, José-Luiz. *Qual genética para as correspondências?* (Trad. Cláudio Hiro) In: *Manuscrita XV*. São Paulo: Humanitas, 2007, p. 119-161.

CANDIDO, Antonio. Nova Narrativa. In: _____. *Educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

EAGLETON, Terry. Cultura em crise. In: *A idéia de cultura*. Trad. Sandra Castelo Branco. São Paulo: ed. UNESP, 2005. p. 51-77

ESTEVES, Antônio Roberto. Circulando pelas margens: João Antônio e os *Calvários e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* (1977). In: OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de, ORNELLAS, Clara Ávila, SILVA, Telma Maciel da. *Papéis de escritor: leituras sobre João Antônio*. Assis: UNESP, 2008.

FRAIZ, Priscila. Arquivos pessoais e projetos autobiográficos: o arquivo de Gustavo Capanema. In GOMES, Ângela de Castro (org). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. (p. 73-103)

FREITAS FILHO, Armando. Jogo de Cartas. In _____; HOLANDA, Heloísa Buarque de (orgs). *Correspondência Incompleta*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1999.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (orgs). *Prezado senhor, prezada senhora – estudo sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOMES, Ângela de Castro. “Nas Malhas do Feitiço : O Historiador e os Encantos dos Arquivos Privados”. *Estudos Históricos*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro ,vol.11, nº 21, 1998, p.121-127.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si escrita da história: a título de prólogo. In: _____. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 7-23.

GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice, uma vida que se conta*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

GUIMARAES, Júlio Castañon. Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo. *Papéis Avulsos n. 47*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

GUIMARAES, Júlio Castañon. Jogo de cartas. In: BONVICINO, Régis (org). *Envie meu dicionário: cartas e alguma crítica*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

HERVOT, Brigitte. *O eu epistolar de Guy de Maupassant*. Tese (doutorado) Assis: UNESP, 2007.

HORTA, Maria Teresa; BARRENO, Maria Isabel; COSTA, Maria Velho da. *Novas Cartas Portuguesas*. Rio de Janeiro: Nórdica, sd.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Trad. Teresa Louro Pérez. Rio de Janeiro: Edições 70, Ltda, 1985.

KINGLER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2007.

LACERDA, Rodrigo. “João Antônio: Uma biografia literária”. Tese (doutorado). São Paulo: USP, 2006.

LAURITO, Ilka Brunhilde. João Antônio: o inédito. *Remate de Males* n. 19: João Antônio, Campinas, 1999. p . 25-53

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, Sônia Maria van Dijck. Para uma estética dos bastidores. *Manuscritica n.11*. São Paulo: Annablume 06/2003. p 07-14.

MACDONALD, Dwight. Massicultura e Medicultura. In: ECO, Umberto et ali. *A indústria cultural*. Lisboa: Meridiano, 1971. p. 67-149.

MAGNONI, M. S. *João Antônio*. Caros Amigos Rebeldes Brasileiros: João Antônio & Mário Schenberg, São Paulo: Casa Amarela, sd.

MAGRI, Ieda. No lugar de literatura, leia-se carne. In: OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de, ORNELLAS, Clara Ávila, SILVA, Telma Maciel da. *Papéis de escritor: leituras sobre João Antônio*. Assis: UNESP, 2008.

MANDATTO, Jácomo. *Um mergulho no oceano das cartas de Mário de Andrade*. Itapira: Editora Linhas Gerais, 1995.

MARTIN, Vima Lia. *Literatura e marginalidade: Um estudo sobre João Antônio e Luandino Vieira*. São Paulo: Alameda, 2008.

MELLO E SOUZA, Gilda. *O Tupi e o alaúde. 2 ed.* São Paulo: Editora 34 – Duas cidades, 2003.

MIRANDA, Vander Melo. *Corpos escritos*. São Paulo; Belo Horizonte: Edusp; Editora UFMG, 1992.

MORAES, Marcos Antônio. *Orgulho de jamais aconselhar – A epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp, 2007.

MORAES, Marcos Antônio de. *Me escreva tão logo possa*. São Paulo: Salamandra, 2005.

MORAES, Marcos Antônio de (org). *Mário Otávio: cartas de Mário de Andrade a Otávio Dias Leite (1936-1944)*. São Paulo: imprensa oficial, 2006.

MORIN, Edgar. A integração Cultural. In:_____. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo – I: neurose*. 9.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. João Antônio, profissão escritor. In: PETERLE, Patrícia et al. *Escritura e sociedade: o intelectual em questão*. Assis: UNESP, 2006.

ORNELLAS, Clara. João Antônio, leitor. In: Ana Maria Domingues de, ORNELLAS, Clara Ávila, SILVA, Telma Maciel da. *Papéis de escritor: leituras sobre João Antônio*. Assis: UNESP, 2008.

PAIXÃO, Fernando. As coisas simples de João Antônio. In: *Remate de males*. n. 19: João Antônio, Campinas, 1999. p. 65-70.

PELLERINI, Tânia. *A imagem e a letra: aspectos da ficção brasileira contemporânea*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

PEREIRA, Jane Christina. João Antônio traduz o indizível. In: *Anais do XVI Seminário do Cellip*. Londrina: UEL, 2003 (cd rom).

PEREIRA, Jane Christina. *A poesia de Malagueta, Perus e Bacanaço*. Tese (doutorado) Assis: UNESP, 2006.

PEREIRA, Jane Christina. Malagueta, Perus e Bacanaço: uma construção dialética entre a poesia e o social. In Ana Maria Domingues de, ORNELLAS, Clara Ávila, SILVA, Telma Maciel da. *Papéis de escritor: leituras sobre João Antônio*. Assis: UNESP, 2008.

PESSOA, Fernando. *O Eu profundo e os outros Eus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

PIRES, Roberta Pereira. Memória e representação de João Antônio a partir da crítica. In: Ana Maria Domingues de, ORNELLAS, Clara Ávila, SILVA, Telma Maciel da. *Papéis de escritor: leituras sobre João Antônio*. Assis: UNESP, 2008.

PINO, Cláudia Amigo. O grito da poética da criação: resumo da tese A escritura da ficção e a ficção da escritura. *Manuscrita* n. 10. São Paulo: Annablume, 06/2001. p 41-63.

PRADO, Antônio Arnoni. Lima Barreto personagem de João Antônio. *Remate de Males* n.19, Campinas, 1999. p. 147-167.

QUINTELLA, Ary. *A gente cai, a gente se levanta – João Antônio contista brasileiro*. [sem referência à fonte] Documento do “Acervo João Antônio”, depositado na F.C.L – UNESP – Assis (Coleção Jácomo Mandatto).

REIS, Carlos. LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. 7. ed. Coimbra: Editora Almedina, 2002.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. O empreendimento autobiográfico – Josué Guimarães e Érico Veríssimo. In: ZILBERMAN, Regina et al. *As pedras e o arco – fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Humanitas e Editora UFMG, 2004. p. 237 – 342

RIAUDEL, M. *Correspondência secreta (Ana Cristina César)*. In: GALVÃO, Walnice Nogueira, GOTLIB, Nádia Battella. *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 95-99.

RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RODRIGUES, Neiva. Autor dos marginalizados lamenta país sem memória. In: *UH Revista*, 1986.

ROSA, Noel. *Literatura comentada*. ANTÔNIO, João (org) São Paulo: Abril, 1982.

ROSENFELD, Anatol. Concepções sobre o romance moderno. In: _____. *Texto e contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SILVA, Pedro Reis Mendes da. João Antônio e Lima Barreto. In: *Anais do XVI Seminário do Cellip*. Londrina: UEL, 2003 (cd rom).

SILVA, Telma. João Antônio: intelectual dos sem-eira-nem-beira. In: PETERLE, Patrícia et al. *Escritura e sociedade: o intelectual em questão*. Assis:UNESP, 2006.

SUSSEKIND, Flora. Cabral – Bandeira – Drummond. In: _____. *A voz e a série*. Belo Horizonte: Sette Letras, 1998.

TOLEDO, Dionísio de Oliveira. *Teoria da literatura: formalistas russos*. 4ª ed. Trad. Antônio Carlos Hohlfeldt. Porto Alegre: Editora Globo, 1978.

WELLERSHOFF, Dieter. Literatura, mercado e indústria cultural. *Humboldt*, n.22, p.44-48, 1970.

WHITE, Hyden. *Meta-História – Imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Edusp, 1992.

WILLEMART, Philip. Crítica genética e história literária. *Manuscrita* n. 10. São Paulo: Annablume, 06/2001. p. 165-185.

ZILBERMAN, Regina et al. As pedras e o arco – fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Humanitas e Editora UFMG, 2004.

DEMAIS OBRAS CONSULTADAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião*. Dez livros de Poesia. 8.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977, p.55.

ANTÔNIO, João. De Malagueta, Perus e Bacanaço. In: *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. 27.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. 7.ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. São Paulo: Klick Editora, 1999.

ANDRADE, Mário de; BANDEIRA, Manuel. *Correspondência*. Marcos Antônio de Moraes (org). 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

BANDEIRA, Manuel. *Poemas escolhidos pelo autor*. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

CARROW, Lewis. *Cartas às suas amiguinhas*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1997.

FRAGA, Antônio. *Desabrigo e outros trechos*. 4 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

GIORDANO, C. (org) *Carta aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas*. São Paulo: Ateliê Editorial; Oficina do Livro Rubens Borba da Moraes, 2004.

LISPECTOR, C. *Laços de Família*. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978 p.31.

LISPECTOR, *hora da estrela*. Rio de Janeiro: Roco, 1998.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 83 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 28 ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

SARAMAGO, José. *Todos os nomes*. São Paulo: Editora Planeta de Agostini, 2003.

SEVERIANO, Mylton. *Paixão de João Antônio*. São Paulo: Casa Amarela, 2005.

SILVA, José Armando Pereira da. *Província e Vanguarda*. São Paulo: Fundo de Cultura do Município de Santo André, 2000.